Norte do Brazil

Através do Amazonas,
do Pará e do Maranhão

Drs. VICTOR GODINHO e
ADOLPHO LINDENBERG

LAEMMERT & C. - Editores
Rio de Janeiro e São Paulo
— 190[illegible] —

Norte do Brazil

Através do Amazonas,
do Pará e do Maranhão

Drs. VICTOR GODINHO e
ADOLPHO LINDENBERG

LAEMMERT & C. — Editores
Rio de Janeiro e São Paulo
1906

Norte do Brasil

Através do Amazonas, do Pará e do Maranhão

AO LEITOR

O volume que ora apresentamos ao publico contém as impressões de viagem recebidas nos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão em 1904.

Essas impressões foram publicadas, após o nosso regresso a esta capital, nas columnas do *Estado de S. Paulo*, e, como despertaram certo interesse da parte de numerosos leitores daquelle jornal, por instancias de alguns delles, resolvemos reunir em folheto os artigos tão bem acolhidos então.

Para tornar a descripção mais interessante intercalámos no texto 74 gravuras, algumas já conhecidas e outras ainda não divulgadas. Tambem os primitivos originaes foram convenientemente alterados, supprimindo-se cousas de interesse occasional ou passageiro, melhorando-se a fórma e o estylo e accrescentando-se algumas notas inéditas, sobretudo quanto á vida economica e financeira dos Estados percorridos.

Póde-se, pois, considerar o presente volume como uma segunda e melhorada edição da publicação anteriormente feita.

Julgámos necessarias estas explicações, que vêm justificar informações e impressões que pódem agora estar modificadas, mas que eram fieis quando foram colhidas e recebidas.

O publico dirá si temos razão e si fomos felizes no modo de tratar os assumptos.

Aos Srs. *Laemmert & Comp.*, que tomaram a seu cargo a referida edição muito agradecemos o cuidado que dispensaram ao trabalho typographico.

S. Paulo, 1.° de Novembro de 1906.

Dr. Victor Godinho.
Dr. Adolpho Lindenberg.

Norte do Brazil.

Amazonas, Pará e Maranhão.

Ao deixar o Estado do Maranhão, onde tivemos o prazer de passar algum tempo e a ventura de combater com successo uma epidemia que durante seis mezes reinou em sua capital, enchendo os hospitaes de doentes, cobrindo as familias de lucto e entorpecendo momentaneamente a vida commercial e economica da cidade, tomámos a deliberação de fazer uma viagem de recreio ao valle do Amazonas, antes de regressar a S. Paulo, de cuja Hygiene somos funccionarios.

Tinhamos grandes desejos de conhecer esse sumptuoso rio-mar, tão notavel pelo volume de suas aguas, pela fauna variada que as povôa, e essas mattas gigantescas e cerradas, através das quaes serpeiam correntes caudalosas, mattas virgens, mas palmilhadas palmo a palmo pelos seringueiros, essa região ainda digna de curiosidade pelas cidades de Belém e Manáus, ás quaes o rio Amazonas dá facil accesso.

Deliberámos egualmente registrar as impressões recebidas em viagem, e é o que agóra fazemos, mas prevenindo que nellas consignar só poderemos as coisas que mais encantaram o nosso espirito, por sua originalidade ou por seus contrastes com o que estamos habituados a ver no sul. São notas passageiras e superficiaes, eivadas, portanto, desse peccado

original, mas, em todo o caso, notas que representam as primeiras impressões que, si não são as melhores, são comtudo as mais duradouras.

Não somos litteratos nem temos o habito de fazer narrativas; devemos comtudo ter pratica de observação: — como medicos, estudando a natureza humana e os males que a atormentam, e, como hygienistas, seguindo os flagellos que compromettem a existencia e a tranquilidade das populações, affrontando-os e dando-lhes combate, para cujo resultado a pratica, filha da observação, muito concorre. Si muitas vezes o medico, num relance penetra os segredos de alguma enfermidade, é possivel que em nossa excursão á *vol d'oiseau* tenhamos visto coisas dignas de menção e as tenhamos descripto, approximando-nos ao menos da realidade.

Com este trabalho procuramos retribuir as gentilezas que recebemos no norte, mostrando que tivemos empenho em conservar de memoria o que nos fizeram ver e em divulgar mais algumas informações sobre o que de bom e interessante por lá existe.

Não nos anima o desejo de patentear uma erudição que não temos, nem nos preoccupa a idéa de fazer estylo rebuscado. Preferimos as phrases singelas e os conceitos veridicos aos ornatos artificiaes da fórma.

Procuraremos ser imparciaes e sinceros. São essas duas qualidades que emanam do espirito de justiça que nutrimos, e sem as quaes não nos poderiamos abalançar a narrações, elogios ou criticas.

Bem sabemos que não é possivel fazer uma descripção sincera e imparcial, sem *elogiar* e *criticar*, e tambem não ignoramos quanto é difficil satisfazer o sentido daquelles dois verbos sem incorrer em desagrado. Os leitores, em geral, ligam muito mais attenção aos adjectivos da critica do que aos termos encomiasticos de uma narrativa, e os interessados

tão difficilmente perdoam os primeiros (que ás vezes ainda sobrecarregam) quão rapidamente se esquecem dos ultimos. No emtanto, a critica é indispensavel. Quando desapaixonada, corrige defeitos e, intercalada de justos elogios, concorre para os pôr em destaque, servindo de fundo escuro nos quadros. Poderemos enganar-nos como observadores; nenhuma preoccupação temos, porêm, de só elogiar ou de só criticar.

Em regra geral, no sul não se acompanha com o devido interesse a vida dos Estados longinquos do oéste ou do norte. Os jornaes só nos informam de suas coisas politicas e, por sua vez, só os politicos do norte sentem verdadeira attracção para a capital da Republica, séde e fonte de todas as forças que movimentam a engrenagem politica do paiz.

Os filhos dos nortistas demandam frequentemente os paizes extrangeiros para o estudo de humanidades e até mesmo para a frequencia de cursos superiores. E' possivel que não seja grande o nosso erro si avaliarmos em 20 °/₀ o numero dos que estudam na Europa e especialmente em Portugal.

Os moços do Norte preparam-se em bom numero na Europa ou nos Estados-Unidos para a carreira commercial, ou simplesmente para a vida pratica.

As familias, por seu turno, passeiam muito mais pela Europa do que pelo sul do Brazil. O facto não deixa de ter a sua justificativa nas distancias: — vai-se do Maranhão a Lisboa em 10 a 11 dias e vem-se ao Rio em 9 ou 10; do Pará a Lisboa gastam-se apenas 9 dias de viagem, ao passo que ao Rio 11 ou 12 nos demorados navios do *Lloyd Brazileiro.*

Ninguem contestará que na Europa a vida é muito mais barata, confortavel e sobretudo muito

mais cheia de attractivos para o viajante; por isso, não nos podemos queixar sinão da grandeza do nosso territorio.

As fontes mineraes fazem do sul de Minas um ponto de attracção e de amistoso convivio para todos os Estados, do Rio Grande do Sul a Pernambuco; mas os nossos patricios do extremo norte não só procuram as fontes européas para a cura de suas enfermidades, como até as proprias aguas mineraes que se encontram nos mercados são quasi todas de origem extrangeira. No Pará é que nos pareceu ter encontrado com mais facilidade aguas mineraes de fontes brazileiras. Mesmo lá o consumo das extrangeiras, e especialmente portuguezas, é bem maior.

Os brasileiros do sul tambem pouco viajam pelo norte com o simples intuito de curiosidade. Os que lá vão ou são viajantes de casas commerciaes ou procuram o Amazonas com o espirito de cubiça, tentados por uma esperança de fazer fortuna rapida e facil.

Por esse motivo raros são os que de lá voltam e descrevem o que viram. Em Manáus tivemos certa difficuldade em convencer aos amigos que lá foramos exclusivamente a passeio. A muitos pareceu que tinhamos ido explorar o terreno ou tentar a sorte, tão extranho foi o nosso espontaneo apparecimento. Para confirmação do nosso asserto basta lembrar que o rio Amazonas só é conhecido pelas descripções de viajantes extrangeiros, e as suas cidades pelas dos seus proprios filhos ou de sua imprensa.

Partindo de Belém para Manáus é que começamos propriamente a nossa viagem de tornistas accidentaes. Tomámos logo a deliberação de observar com o intento de reproduzir.

Nossas narrativas limitam-se, pois, ás impressões colhidas no famoso estuario, que pela primeira vez sulcavamos, e nos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão.

Nossa demora neste ultimo Estado foi mais longa, e é natural que o conheçamos melhor. Tivemos mais tempo de lhe admirar o povo e de nos deixar encantar por sua natureza e seu firmamento, mais lindo do que o de qualquer outra parte.

O verso de Gonçalves Dias

Nosso céu tem mais estrellas

deve ter sido escripto com o pensamento voltado para o céu do Maranhão. De facto, o céu daquellas paragens tem mais estrellas, como a terra maranhense tem mais poétas que as comprehendam e cantem.

Admira mesmo que Olavo Bilac, o eterno namorado daquelles astros celestes, não tenha nascido em terras do Maranhão. Ser-nos-ia mais facil comprehender as tendencias do seu espirito e as fantasias do seu amor.

Verdade é que elle se fez irmão espiritual de Coelho Netto, inspirado poéta e insigne prosador maranhense, que, com a sua fertilidade pasmosa, faz admirar os fulgores de sua intelligencia ao mesmo tempo em todo o Brasil.

Fique aos sabios o explicar porque tem o céu do Maranhão mais estrellas, suas estrellas mais brilho, ou porque é a sua atmosphera mais limpida e diaphana.

Parece-nos, entretanto, que, si as estrellas de lá brilham mais é porque mais abrem os olhos para melhor vêr o berço de Gonçalves Dias, e para mais admirar o paiz dos vates.

Esta explicação nos basta.

O mar das costas maranhenses é revolto e máu. Gera animaes ferozes que espreitam os marujos nos ancoradouros e, com as suas marés de mais de oito metros de altura, vive fazendo investidas e aggressões ruidosas ás praias. E' que elle tem ciumes do céu que requesta o amor dos maranhenses. A sua vingança já foi um dia impiedosa, devorando o corpo de Gonçalves Dias, o mais notavel poeta brazileiro.

E' o despeito que rala e enraivece o mar do norte, assim como no sul é a ausencia de Minas que o torna triste, porque, na phrase feliz de Americo Lobo, si o mar por estas bandas soluça e geme é porque Minas fica distante.

No valle do Amazonas a natureza não foi menos prodiga, mas a sua litteratura não é tão farta que possa rivalizar com a da *Arcadia Brazileira.*

No Amazonas

No Amazonas

Subindo o Amazonas

I

Este bello rio tem sido visitado por escriptores de alta nomeada em todos os ramos de conhecimentos humanos e especialmente por geographos e naturalistas, que sobre elle têm escripto longas obras. As de Humboldt, de Spix e de Martius, são as mais faladas pela notoriedade de seus auctores, mas nem por isso são bastante lidas, pois só as conhece um publico diminuto, posto que selecto: os naturalistas. As descripções mais vulgarizadas e sabidas são as de Coudreau (dois francezes, marido e mulher) e mais ainda as de Agassiz. Nosso juizo anterior sobre o Amazonas era limitado por elementares e minguados estudos de geographia e historia, noções de sciencias naturaes e pelos conhecimentos uteis divulgados pela imprensa diaria.

A impressão que se tem ao deixar o oceano para entrar no Amazonas é a que deve ter tido Vicente Yanez Pinson, primeiro navegante que sulcára aquellas plagas, antes mesmo que Cabral arribasse a Porto Seguro: — parece que se entra em uma vasta bahia, cujo fundo não é visto, por estar longe.

Os marinheiros devem conhecer pela côr das aguas e direcção das correntes que a sua náu mudou de leito; os viajantes incautos, esses, porêm, só se aperceberão disso si lhes fôr dado provar o

sabor que as aguas têm. O proprio movimento das ondas não é muito differente na foz do Amazonas e nas praias do mar. Mas, emfim, ao cabo de algum tempo, já no curso franco do rio, se vê que a corrente mantém por toda a parte direcção homogenea, de propulsão continuada como a dos rios e não como a das ondas. A visinhança das margens facilita o conhecimento da situação exacta.

O Amazonas é o mais magestoso rio do mundo, não só pelo volume de suas aguas como tambem pela superficie que ellas cobrem. Nasce, segundo uns, do lago Lauricocha, e segundo outros, tem sua origem no rio Nupe, em territorio peruano. Em Pongo de Manseriche tem de largura apenas 25 metros; pouco abaixo, em Bracamoros, 400; em Tabatinga, fronteira do Brazil, 2.775; na confluencia do Madeira 5.000 metros, na de Xingú 13.000, em Obidos apenas 1.892 e na foz (entre a ilha de Maracá e a ponta do Maguary) 291.078 metros ou 48 1/2 leguas das de 6 kilometros.

A bacia amazonica tem cerca de 7.000.000 de kilometros quadrados, sendo 5.400.000 em terras brazileiras.

Segundo a opinião dos navegantes, a velocidade da corrente é de 3 a 4 milhas por hora. E' o que se ouve dizer em viagem.

A sua profundidade varia conforme os logares: — é de 75 metros no estreito de Obidos; dá franca passagem a navios de 4.500 toneladas até Manáus, e de 2.500 até Iquitos.

Calcula-se em 250 milhões de metros cubicos o volume que elle despeja por hora no oceano.

O colossal rio corre sempre entre florestas inundadas. Não ha barrancas. Pelo menos, só as vimos na zona limitrophe dos Estados do Pará e do Amazonas. Tambem, a não ser em Obidos, nunca se avista ao mesmo tempo as duas margens. Ilhas sem

numero e de todas as dimensões, quasi todas linguas de terras, oblongas e dispostas na direcção da corrente, dividem o rio em outros tantos canaes a que dão o nome de — *paranás*. Todas as ilhas têm denominações proprias, servem de marcos naturaes á navegação, e já suas margens são bem mais povoadas do que esperavamos. Essas linhas devem ser constituidas por terrenos de alluvião e de grande fertilidade. Quanto a plantações... só raramente são vistas, e em geral são sempre cacauaes — que ficam nos logares um pouco mais altos.

Seringal "Belém"

As casas, verdadeiras palhoças que lembram as habitações lacustres dos primitivos homens, cobertas de folhas de palmeiras, são todas construidas sobre estacadas e, apesar disso, nas grandes enchentes, são muitas vezes destruidas pela inundação. Ha, por isso, muito casebre abandonado.

Pouco depois de se sair de Belém atravessa-se a bahia de Marajó, em cujo centro tem a gente a mais illusoria convicção de estar em meio do oceano. Não lhe falta nem mesmo o vento rijo a açoitar as aguas e a levantar as ondas. Pouco adeante começa-se a passar pelas visinhanças das margens, procuradas na subida pelos commandantes porque a correnteza, junto dellas, por ser menos forte não

atraza a viagem. Desta sorte póde-se melhor examinar as florestas. O primeiro facto que nos causa certa admiração é que as mattas ribeirinhas não são tão elevadas como suppunhamos. Tantas vezes tinhamos ouvido falar nos troncos gigantescos das margens do Amazonas, que cuidavamos que as suas mattas excedessem muito em altura ás nossas mattas do sul. Entretanto, o dr. Hubber, do *Muséu Goeldi*, nos disse que encontrou em algumas arvores do estreito de Breves a respeitavel altura de 45 metros!

Esta não parece porém ser a regra geral. Acreditamos que as mattas virgens do sul não ficariam mal em cotejo com as do valle do Amazonas.

Basta lembrar que, geralmente, as palmeiras não são muito elevadas quando se acham no meio das mattas e que as outras arvores pouco lhes excedem na altura.

Tambem ordinariamente os troncos das arvores não são tão erectos como cá pelo sul, no interior das mattas virgens.

Em certas zonas a perspectiva muda frequentemente para quem acompanha com a vista as margens e o desenvolvimento das arvores: — aqui predominam as palmeiras com sua enorme variedade de caules e de folhagem; mais adeante accusa o arvoredo menos homogeneidade. De quando em quando se encontram arvores que apresentam manchas brancas no tronco, de um colorido verde claro na folhagem, e que logo são apontadas como exemplares da famosa seringueira.

Junto dellas é frequente achar-se um girau composto de tres ou quatro forquilhas e de outras tantas travéssas, de cima das quaes pôde o seringueiro fazer mais alto as incisões e lá espetar a sua tigellinha de folha para colher a preciosa seiva.

No meio daquella variedade de palmeiras nota-se que especies determinadas predominam. Ora é a

jussára ou assahy, com o seu caule muito fino e recto deitando folhas pequenas, que não estão em relação com a altura do vegetal mas que guardam perfeita harmonia com a delicadeza do tronco; ora são touceiras de burity que se succedem, ostentando bellos cachos de côco vermelho escuro, do tamanho de um ovo de gallinha, protegido por escamas artisticamente imbricadas; e ora as pupunhas que se reunem, mais longe é o côco babassú, o inajá ou o espinhoso tucum, que se apresentam. A variedade de palmeiras é extraordinaria, parecendo que disputam entre si o premio de belleza.

Umas apresentam nas folhas a disposição em leque; em outras as folhas nascem serpeiando o caule; algumas têm-n'as em fórma de ventarola e finalmente outras similham exactamente um espanador de longa haste, fincado no meio da floresta. E' um espectaculo seductor o da variedade e belleza das palmeiras do Amazonas.

Em certos logares ellas quasi desapparecem, e o viajante lhes sente a falta, porque o espectaculo da floresta não tem o mesmo encanto e se torna logo monotono por sua perpetua continuidade. O interesse é apenas despertado pela apparição das seringueiras.

Quem está habituado a vêr as extensas culturas de café, canna, cereaes, cá por São Paulo, e ouve falar em seringaes do Amazonas, embóra saiba que se não trata de arvores plantadas, cuida encontrar largas extensões, cobertas pela *hevea brasiliensis,* outróra denominada *siphonia elastica.* Nada é menos exacto. A julgar pelo que se vê nas margens do rio, a seringueira deve estar para os outros vegetaes talvez na proporção de um para mil, isto é, deve-se procurar aquella arvore nas florestas como quem procura agulha em palheiro.

De certo, este calculo nada tem de positivo, por-

que nenhuma base solida o sustenta, a não ser a fallaz estimativa. Ainda assim, de modo algum tal calculo poderá amesquinhar a riqueza daquella zona. A proporção ainda seria muito vantajosa porque talvez haja mais arvores naquellas densas mattas e naquellas ferteis regiões do que gottas de agua naquelle sumptuoso mar insosso.

II

O valle do Amazonas é uma extensa planicie de terras alagadiças. Não se descortina sinão um limitado horizonte, composto, é exacto, de tres quantidades incommensuraveis — a aboboda infinita, o rio inexgottavel e a floresta intermina. Nem uma serra, nem uma barranca para mudar a perspectiva; de sorte que, á força de se repetir, todo aquelle bello quadro acaba por se tornar monotono.

Por isso, a attenção do viajante abandona a natureza para observar coisas menos bellas, mas não menos interessantes.

A principio são as madeiras arrastadas pela corrente, quasi sempre constituidas por velhos cedros que ruiram ao peso dos annos ou cederam terreno ás excavações pertinazes das successivas enchentes. Naquellas zonas não se tem necessidade de ir ao matto torar madeira. Ella vem descendo pelo rio e assim se entrega ao laço como o peixe ao anzol.

De quando em quando avista-se uma ilha movediça, levada pela corrente: — é uma touceira de gramineas que as aguas deslocaram das margens e vão levando consigo. Os gomos dessas gramineas são ás vezes quasi tão longos e grossos como os da canna do reino.

Outras ilhotas menores são formadas por nymphas de largas folhas, ou por outras plantas aquaticas.

A cada passo topam-se pirogas ou pequenas canôas em fórma de charuto, cujo tripolante, um caboclo, em pé e de arco em punho, espreita a tartaruga que descuidosa vem fluctuar e que uma fisga partida do arco vai certeiramente prender.

Curiosa á caça da tartaruga: — a fisga ou arpão é ligada a um longo cordel enrolado; atirada pelo arco, atravessa o casco da tartaruga, só ficando ao caçador o trabalho de arrastar o reptil para junto da canôa e de segural-o com as mãos.

A tartaruga é na Amazonia o alimento mais facil e mais procurado pela população ribeirinha.

Ouvimos dizer em Manáus que da tartaruga fazem os bons cozinheiros: — carne de porco, carne de vacca, gallinha e peixe, conforme o molho que lhe ajuntam. Si ha hyperbole nessa affirmativa ella existe no molho e não nas pacificas tartarugas.

Ha, porêm, um fundo de verdade nesse exaggero: — é que os pratos, á mesa dos caboclos e dos cearenses ribeirinhos, são variados á custa de um unico manjar — a tartaruga.

O dr. Goeldi, do *Museu Paraense*, já protestou contra esta devastação feita ao innocente chelonio, mas em vão. Até mesmo a perpetuidade da especie não está bem ao abrigo da voracidade humana. Os ovos das tartarugas são muito apreciados e entram em grande parte na base da alimentação, nas épocas da postura. O que salva a especie é que essa postura costuma ser farta. A tartaruga deixa na praia de uma só vez 50 ovos, o que, infelizmente para ella e felizmente para os habitantes daquellas zona, facilita a colheita. Dos ovos da tartaruga aproveita-se sómente a gemma, visto que a clara tem a propriedade de se não coagular facilmente ao calor.

A gemma parece a do ovo de gallinha; é, po-

rêm, muito oleosa, o que não impede de ter sabor agradavel.

O cair da tarde tem para o viandante um novo attractivo.

E' a passagem das aves que nessa hora vão quasi sempre da margem direita para a esquerda do rio. Chamam a attenção pelo numero e variedade as marrecas e os patos selvagens, dos mais bellos matizes e dos mais diversos tamanhos.

Mais adeante são os socós, os guarás (encarnados, roseos ou de côr salmão) e as garças cinzentas, pequenas ou grandes, e brancas (garça real), com seus longos bicos pescadores; as jassanans, azues ou de crista de gallo, etc., etc.

As maitacas, que passam em grandes bandos, e os papagaios e periquitos, pousados nas extremidades das mais altas arvores, fazem uma gritaria que parece um protesto á curiosidade dos homens que lhes veiu perturbar o socego e interromper o eterno idyllio.

A direcção seguida pela maioria das aves faz crêr que os seus ninhos, o seu *ubi*, está situado na margem esquerda do rio (direita de quem sóbe), talvez porque sejam alli menos incommodadas, e que o seu repasto é feito nas ilhas ou na margem direita, talvez mais ferteis em frutos e de lagos mais piscosos. O que é exacto é que pela manhan a direcção é invertida; passam de norte a sul.

* * *

Dissemos ha pouco que a constituição, a natureza, a perspectiva das florestas mudavam algumas vezes e especialmente em relação á abundancia e variedade de palmeiras. Coisa similhante se dá com relação á fauna do rio, e nem de outro modo se poderia comprehender que fosse tão avultado o nu-

mero das especies que o habitam. Agassiz calculou que deveriam existir 1.800 especies; o dr. Goeldi, porêm, ainda não tinha encontrado mais de umas 600 até dous ou tres annos atraz. Já é muito, mas não deve ser tudo. Esta é, porêm, uma noção que só se adquire pela leitura ou pela demora em varios pontos do rio. Botos em abundancia só foram vistos em Santarem, pois não os avistámos em nenhuma outra paragem.

Não tivemos occasião de ver os afamados jacarés, que segundo nos disseram, são mais communs nas margens dos pequenos rios, affluentes do Alto Amazonas.

Em Belém tivemos opportunidade de provar alguns peixes do rio e especialmente o camurim, que era raro *dar ponto* nos cardapios do hotel, e em Manáus, além da tartaruga, saboreámos o tambaqui e o afamado tucunaré.

O valor do verbo que empregamos já deixa entrever o nosso juizo sobre esses pratos do norte. Nos mercados de Manáus vimos seccos ao fogo (semi-tostados) e expostos á venda grandes exemplares de pirarucú, o bacalháu indigena, e uma cabeça do celebre peixe-boi.

A não ser a ausencia das ventas, nenhuma differença mais é sensivel do focinho de um destes soberbos animaes para o de um bovideo.

Tambem foi a unica coisa barata que encontrámos no mercado de Manáus. A enorme cabeça foi vendida em nossa presença por 2$000. Um tucunaré de pouco mais de dois palmos custava de 15 a 20$000 réis, e um tambaqui pouco menos.

O pirarucú é pescado em grande escala no baixo Amazonas e especialmente nas vizinhanças de Belém, e depois de secco é todo consumido pelos seringueiros dos pequenos affluentes do Alto Amazonas. Dizem que é superior em paladar ao bacalháu.

O Estreito de Breves é uma das regiões mais lindas da viagem. Não é um estreito comprehendido entre duas margens do rio, mas entre margens de varias ilhas. E' ponto quasi forçado para os navios que sulcam o Amazonas, não só porque encurta muito a viagem, como porque o estreito tem bastante fundo e diminue as preoccupações dos commandantes e praticos. As margens do Estreito são mais habitadas do que as outras zonas, e isto por duas razões de summa importancia, a abundancia que ha ahi de seringueiras e a facilidade das communicações. Segundo lemos em livros que nos foram fornecidos no Pará, o municipio de Breves é o mais importante em exportação de gomma elastica.

Na passagem pelo estreito de Breves encontram-se a cada passo navios de todos os calados, navegando em sentido opposto ou na mesma direcção. E' já tempo de lembrar que o Amazonas é hoje visitado por grande numero de navios de nações européas e da America do Norte: — *Booth Line, Hamburg-America Line, Hamburg Sudamericanische, Ligure Brasiliana,* além dos navios do *Lloyd Brasileiro,* da *Empreza Freitas,* duas ou tres companhias do Pará e duas outras do Maranhão. Entre as do Pará, a *Companhia do Amazonas,* fundada com capitaes inglezes, dispõe de um avultado numero de navios de pequeno calado e fundo chato, que levam mercadorias aos seus menores affluentes e delles trazem productos, especialmente borracha, cacáu e castanhas, assucar, mel, farinha, peixe, etc. No Pará, como no Amazonas, muitos armadores e casas commerciaes gosam de subvenção para fazerem navegar os seus navios pelo interior.

O encontro frequente dos navios e pequenos barcos torna encantadora a passagem pelo Estreito de Breves, passagem que de si já é bellissima,

porque podendo o navio approximar-se da margem fornece occasião de se examinar de perto a vegetação amazonica. Admiram-se então as palmeiras; póde-se quasi fazer estudos de botanica e historia natural; vêem-se os habitantes e particularmente as creanças sahirem de suas casas para saudar os viajantes e fica-se fazendo uma idéa da vida daquella boa gente.

O navio vai levantando ondas successivas, miniaturas da pororóca, e que correm de encontro á corrente. Essas ondas, lançando com certo impeto as aguas pela floresta, produzem um ruido similhante ao do incendio de um taquaral: — uma successão de estalidos, como si as aguas quebrassem pequenos arbustos.

Essas ondulações tambem provocam as creanças que, quando avistam o navio, tomam uma canoa e vão com ella affrontar e cortar as ondas, para sentir-lhes o balanço.

Só assim terão ellas a sensação de achar-se em alto mar, porque as aguas do rio são sempre serenas, pouco menos que as de um lago.

Como o municipio é fertil em borracha, parece que ha nas margens do Estreito mais gente branca do que caboclos. São os portuguezes e cearenses, que se não arriscam ás empreitadas dos pequenos rios, mais ricos ainda em borracha, mas situados em regiões mais insalubres. Tambem no Estreito o rio é mais tortuoso e cheio de sinuosidades, o que faz que o surto dos navios seja mais inesperado. A surpresa é sempre em elemento de successo para o espirito que observa, e disso se tem prova na physionomia dos viajantes que se cruzam e trocam saudações.

Quando são navios de maior calado que passam uns pelos outros, as bandeiras são arreadas no mastro da ré; quando um delles é dos menores, cha-

mados *gaiolas*, o maior não lhe dá a confiança de corresponder ao cumprimento.

Referimo-nos ha pouco ás plantações de cacáu. Poucas são as que se mostram bem tratadas.

Uma entre ellas parece, comtudo, ter sido cuidada com mais zelo: — a da casa Menier, de Pariz. E' bonita a casa de morada, as terras são mais elevadas e menos sujeitas a inundações, e nalguns dos seus pastos se avistam creações, que denotam conforto alimentar por parte dos seus moradores.

Varias vezes ouvimos dizer que a enchente foi excessiva neste anno e que muitos fazendeiros perderam o seu gado.

As enchentes do Amazonas são dignas de menção. O rico cresce de dezembro a junho e leva seis mezes a vasar.

O povo acredita que a vasante começa invariavelmente no dia 24 de Junho, dia de São João. Não é porêm provavel que o rio tenha no bojo um calendario. Segundo affirma o barão de Marajó, as enchentes do grande rio não são uniformes nem simultaneas. No Solimões ellas têm seu apogeu em fevereiro e no baixo Amazonas em abril. Isto não quer, de certo, dizer que o rio gaste tres mezes a correr para vir da parte alta á parte baixa, mas que transborda e inunda as vizinhanças, nas cabeceiras, um trimestre antes que o phenomeno surja na fóz. Espraiando-se em cima, a parte que transborda perde a correnteza, paralysa-se e custa ganhar de novo o alveo, para vir seguindo o seu curso natural. De outra fórma não se comprehenderia que levasse tanto tempo em vencer as distancias com uma correnteza de 3 a 4 milhas por hora.

Manáus, situada pouco acima da foz do rio Negro, está apenas a 32 metros acima do nivel do mar e dista da foz do Amazonas nada menos de

1.533 kilometros, ou 255 leguas e meia, das nossas de 6 kilometros. O Amazonas tem pois um declive diminutissimo. Si não fosse o vento e o volume colossal de suas aguas, a sua superficie deveria ter a serenidade perfeita de um lago. Não obstante, os ramos que passam, os troncos que a corrente leva e as ilhas fluctuantes de gramineas deixam vêr claramente a direcção e a força da corrente.

O tempo da viagem prova-o tambem exuberantemente.

Os navios do *Lloyd* vão de Belém e Manáus em 4 dias e voltam em 2, com a mesma força nas machinas.

Tão pequena declividade causa ainda mais admiração quando se considera que as marés fazem sentir a sua influencia até Obidos, a 857 kilometros da costa e que a differença entre a maior baixa do rio e a maior enchente é de 17 metros. Em Manáus a differença chega ainda a ser de 14 metros.

Seringal Eldorado

Calcula-se essa immensa massa de agua inundando florestas, transformando as planicies sem fim em vastos mares arborizados, e chegar-se-á á convicção de que a largura do Amazonas não tem li-

mites exactos, porque taes limites, sempre móveis, pódem distanciar-se indefinidamente.

Quanta grandeza existe no nosso caro Brazil! E tudo isso apenas em um dos seus recantos, no extremo norte!

Falavamos da largura do Amazonas e agora falaremos da sua profundidade. Já dissemos que ella é desegual. Pois bem, os geographos e navegantes affirmam que em alguns pontos a profundidade do rio chega a 500 metros. Portanto, o alveo do rio fica, nesses pontos, muito abaixo do nivel do mar, e é bem provavel que, ao menos até Manáus, o seu fundo seja sempre inferior áquelle nivel.

Si admitissemos a hypothese absurda de seccar o rio (e si não o faz é porque não está no Ceará), as aguas do oceano invadiriam o leito abandonado pela agua doce e a navegação não soffreria damno irreparavel. E' o que a leitura e o raciocinio deixam prever.

O navio em que subimos (*Brazil*, do *Lloy Brazileiro*) de 2 a 6 de Agosto, apenas fez escala em Santarém, a 694 kilometros de Belém. E' uma cidade florescente, que exporta borracha, cacáu, pirarucú e productos ceramicos; fica pouco abaixo da confluencia do Tapajós com o Amazonas, em territorio do Pará, e os paráenses esperam que ella venha a ser mais tarde o emporio do commercio de Matto-Grosso. Em suas visinhanças existe uma colonia americana, que lá se estabeleceu depois da guerra de secessão dos Estados-Unidos.

Comprámos, como curiosidades da terra, cuias bordadas a canivete e caprichosamente polidas, e figuras de guaraná.

Este producto impõe-se por alguns momentos á attenção do leitor, porque é pouco conhecido no sul, a não ser pelos medicos e pharmaceuticos, ou então pelos nortistas.

O guaraná é preparado com o fruto de um cipó, a *Paulinia sorbilis*, da familia das Sapindáceas. As sementes parecem pequenas nozes de castanha, e são de tamanho pouco superior ao dos grãos de café.

Os indios preparavam uma pasta sujeitando primeiramente as sementes a uma rapida torrefacção (para facilitar o descolamento da pellicula) e mettendo-as depois em um sacco que era agitado ou sovado por um bastão. Em seguida esmagavam as sementes entre pedras aquecidas, misturavam agua ao pó, cacáu, e farinha de mandioca, que lhe dava a fórma da pasta, e terminavam por fazer desta bastões.

Hoje o processo é o mesmo, com a differença de que já não são mais os indios que preparam o guaraná. Os filhos de Santarém e de Maués lhe dão os modelos mais graciosos, como, por exemplo, fórmas de animaes: — tartarugas, crocodilos, cobras e lagartos; fórmas de fructas: — ananazes, cacáu, etc.

As fórmas são dadas emquanto a massa está molle; depois, com a exposição ao sol ou ao tempo, o guaraná toma uma consistencia muito dura e só se póde usal-o ralando ou raspando. E' um refresco muito agradavel e gosa de bom conceito por suas virtudes medicinaes nas enfermidades dos intestinos, especialmente na dysenteria.

O que torna o guaraná digno de nota é a sua riqueza em cafeína.

Emquanto contém o café apenas 1 °/o de cafeína, o matte 2 °/o, a noz de kola 3 °/o, o chá da India 4 °/o, o guaraná contém nada menos de 5 °/o.

O guaraná encerra tambem um oleo fixo, um oleo volatil, gomma, amido e um tanino especial que o torna adstringente.

Tão facil e tão agradavel é o uso desse refresco que nos não furtamos ao desejo de o recommendar aos habitantes de S. Paulo, tão incommodados, ás vezes, por perturbações intestinaes.

Damos de graça a receita e ainda pedimos desculpa de sair do nosso programma e falar em assumptos da exclusiva esphera da medicina.

E' que o uso do cachimbo faz a bocca torta, ainda que esta seja a de um medico.

III

Continuando a nossa viagem passámos tambem á vista de Parintins, já em territorio do Amazonas e isso depois de ter deixado no limite dos dois Estados umas barrancas um tanto mais elevadas na margem do rio e com pretenções a serra.

Parintins exporta os mesmos productos que Santarém e mais o fumo, que dizem ser de superior qualidade, e oleo de copahyba.

Como não fizemos escala, o que nos chamou a attenção foram as barracas dos soldados.

Com effeito lá estava aquartelado um dos batalhões que tinham ido fazer caretas ao Perú, de longe, e que estavam sendo dizimados, antes que os peruanos se intimidassem, pelo impatriotico beriberi.

Falar do beri-beri é fazer lembrar o impaludismo, o espantalho do Amazonas, e isso nos leva a dizer algumas palavras sobre o clima da região amazonica.

A palavra clima não desperta em todos as mesmas noções. Como diz Jules Rochard, para o astronomo, o clima é uma facha de terra comprehendida entre dois parallelos; para os meteorologistas, é uma zona na qual todos os pontos apresentam as mesmas condições de temperatura; para os botanicos

e agricultores, o clima é subordinado á flora e ao genero de cultura dos differentes paizes; finalmente, em hygiene, o clima é, para uns, a maneira de ser habitual da atmosphera de um paiz (subordinado á formula meteorologica), e para outros (inclusive Rochard) é o conjunto das modificações impressas á vida sob a influencia dos ares, das aguas e dos logares.

Estes tres termos *ares, aguas* e *logares* são titulos de tres grandes obras do velho Hippocrates, o que prova que as grandes verdades atravessam imperturbavel e desassombradamente os seculos. Adquire a sciencia novos conhecimentos, que mudam ás vezes a face das questões, mas que lhes não alteram a essencia. Em relação aos climas, por exemplo, a bactereologia fez ver que precisamos ter em grande conta pequenos seres, microbios ou esporozoarios que exigem as mesmas condições meteorologicas para a sua existencia e prosperidade, e que modificam com a sua presença, não diremos o clima, mas a salubridade de uma região. O hematozoario ou plasmódio que gera o impaludismo está perfeitamente neste caso.

Considerado mais particularmente sob o ponto de vista meteorologico, sabe-se que o clima da região amazonica, é quente e humido, amenisado constantemente por uma brisa de direcção opposta á do rio.

Acredita muita gente que esse clima é insupportavel. Nada mais inexacto. E' excessivamente quente em certas horas do dia, mas será pouco mais suffocante do que o clima do Rio de Janeiro e de Santos em certas occasiões. O peior é sómente que o calor é mais intenso durante maior numero de horas no dia e por muitos mezes mais durante o anno. Varia de 22 a 33 gráus. O clima do Amazonas é modificado, como ha pouco lembravamos,

por dois factores accidentaes que actuam synergicamente, compromettendo a sua salubridade em algumas zonas: são o hematozoario de Laveran e os mosquitos (anopheles de diversas especies). Um determina o impaludismo e o outro o inocula.

Calar este facto seria obscurecer a verdade, porque em todos os tempos se tem registado o impaludismo no Amazonas e ainda agóra voltam de lá os nossos bravos soldados soffrendo dessa enfermidade. Mas o que tambem é exacto é que não é por toda a parte que existe o impaludismo, por faltar-lhe um ou ambos dos elementos indispensaveis á sua existencia.

Um de nós tinha encommendado a um amigo que vai sempre a Manáus, como machinista de navios mercantes, que trouxesse mosquitos apanhados no Amazonas durante a viagem e, com certo espanto, esses mosquitos nunca vinham. A razão disso fomos tel-a: é que de Belém a Manáus ninguem é incommodado por estes perigosos insectos.

Tinhamo-nos munido de mosquiteiros para a viagem, e vimos que, ao menos para chegar até Manáus, essa boa precaução é inutil. Os navios passam bem junto das margens e outros insectos ou mesmo mosquitos que não são transmissores do impaludismo (ou de outra molestia) penetram ás vezes nos camarotes.

E' dogma hoje em pathologia que sem o mosquito Anopholes, e muito especialmente sem o hematozoario de Laveran, não ha impaludismo, e o facto tem sido confirmado no Amazonas, como em todo o mundo.

Exceptuado o incommodo do calor, a viagem nenhum perigo tem até Manáus, e disso é prova o grande numero de pessoas que lá vão e de lá voltam incolumes e até de muitos que por lá viajam

frequentemente, como as guarnições dos navios mercantes.

O mesmo já não acontece no interior das mattas, especialmente nas margens dos pequenos affluentes, que, por infelicidade, são os mais ferteis em borracha.

O povo, com a sua observação sagaz e sua mnemotechnica intuitiva, diz que os rios de nomes terminados em y são os mais paludosos: o Matary, Macary, Sucundary, Madeira (antigo Cayary), Itaquy, Coary, Jutahy, Javary, e especialmente o Acre ou Aquiry.

Deve haver alguma coisa de exacto nessa observação, sem que se lhe possa dar um grande valor real.

Felizmente o impaludismo é hoje molestia bem conhecida em seu modo de transmissão, e por isso perfeitamente evitavel.

Não é pratica a exigencia de se munir cada um, em trabalho, de defezas contra os mosquitos; como, porêm, sem doente anterior a picada do mosquito é innocente, não seria difficil estabelecer a protecção do doente, mórmente quando este está de cama. Tendo o mosquito picado pessôas sans nada póde transmittir; si tiver picado um doente de impaludismo, transmittirá quasi inevitavelmente o impaludismo. Sem ser perigoso *directamente* por sua molestia, o doente se torna, apesar disso, um fóco de infecção para a familia. As creanças especialmente ficam sujeitas a adoecer por esse modo, já que provavelmente andam mais abrigadas dentro de casa.

E' sempre um consolo saber que uma determinada molestia póde ser evitada e conhecer como se deve evital-a.

O governo daquellas bandas, em vez de querer demonstrar que no Amazonas não existe o impa-

ludismo, o que ninguem tomaria a sério, deveria estabelecer uma propaganda tenaz, ensinando o povo a evitar a molestia, e convencendo-o da efficacia das medidas aconselhadas.

Foi com pesar que encontrámos muitos viajantes, dos centros mais paludosos do Amazonas, que zombavam dos novos conhecimentos da medicina em relação ao impaludismo.

— São historias para intimidar creanças, diziamos um delles, homem formado, para quem os microbios são fantasias do microscopio, como os fantasmas são productos da fantasia humana.

Fazemos votos para que a sua descrença não lhe custe a vida naquellas paragens.

Tão felizes não somos de saber com a mesma exactidão como se transmitte o beri-beri. Sabemos que é molestia regional; vêmos que ella se encantoa mesmo numa pequenissima zona, a bordo de um navio, por exemplo, mas ignoramos como se transmitte, e temos o dissabor de presenciar que a desinfecção, garantia contra tantas outras molestias, pouco vale contra o beri-beri.

Quando estivemos em Manáus, havia por lá muito pouco beri-beri, disseram-nos os clinicos, e verificámos o facto em seus hospitaes; — de sorte que tivemos o desgosto de vêr que navios da armada brazileira, especialmente o *Almirante Barroso*, lá estavam no porto compromettendo os fóros de salubridade da capital amazonense e ameaçando contaminal-a. O que é certo é que, portanto, ninguem póde affirmar si os marinheiros do *Barroso* contrairam o beri-beri em Manáus ou si naquella época o levavam comsigo para lá. Que o fóco era do navio, não póde haver duvida. O *Barroso* chegou a baixar num dia, vinte doentes para os hospitaes da cidade e esta quasi não tinha doentes. Os

officiaes que pernoitavam em terra esses gosavam bôa saúde.

Seria tambem algum mosquito o transmissor do beri-beri? E' o que não sabemos e o que não nos repugnaria crêr.

Poderá parecer a alguem que o que acabamos de dizer interessa mais em particular aos medicos; não é isto bem exacto. São noções de summa importancia para os habitantes do valle do Amazonas, e que deveriam, bem desenvolvidas, constituir lições de coisas naquella região. Todos deviam temer o mosquito por causa do impaludismo.

O futuro será do Amazonas, e si o presente já não o é, tem culpa exclusivamente o impaludismo.

Estamos quasi a chegar a Manáus, e, antes de deixar o Amazonas, uma nova surpresa de viagem nos espera: a barra dos rios Negro e Solimões.

Os dois rios se reunem poucos kilometros antes de se chegar a Manáus. A gente vem já habituada com a côr das aguas do Amazonas, sempre barrentas, sempre sujas, e ao chegar ao rio Negro é forçosamente levado a admirar o contraste que entre si apresentam os dois rios, de um lado (o esquerdo de quem sobe), o Solimões, com as suas aguas de aspecto inteiramente egual ao das aguas do Amazonas, e do outro a corrente de azeviche do Rio Negro.

Não ha exaggero em lembrar a côr do azeviche: visto de longe e em amplo relance, o rio Negro similha um mar de tinta; visto de mais perto, e sobretudo examinando-se as ondas que a quilha do navio em sua marcha levanta e as aguas que salpicam, se reconhece logo que o seu reflexo é de um amarello tirante a preto, côr de topazio escuro. As aguas do rio negro são muito menos sujas do que as do Solimões e parece que, si não fosse o seu matiz,

a visão poderia penetral-as até ao fundo do rio ou, pelo menos, a grande profundidade.

As aguas não se misturam com facilidade: as correntes, encontrando-se, produzem uma linha de separação, a resultante das duas forças em lucta.

As aguas do rio Negro têm menos impeto ou menos cohesão, porque á vezes se encontram do lado do Solimões circulos de agua negra, sitiados pelas aguas barrentas do Solimões, e o inverso não se dá do lado do rio Negro. Reconhece-se com facilidade que o volume das aguas do Solimões é maior, tanto que, em pouco tempo, apesar da lucta, o Solimões leva de vencida o rio Negro, e a côr que predomina é a daquelle.

Na occasião das grandes enchentes tem o Solimões uma correnteza muito mais impetuosa ainda e mais forte, tanto que parece barrar inteiramente o rio Negro, cujas aguas perdem a côr numa recta mais approximada da transversa. E' o que affirma Agassiz, e que nós, porêm, não tivemos occasião de presenciar.

O espectaculo da lucta entre aquellas grandes massas de agua é mais do que bello. E' simplesmente seductor. De nada vale estar prevenido pela leitura ou pela conversa, é sempre um encanto presenciar o curioso phenomeno.

A que será devido a côr das aguas do rio Negro? A muitos ella tem admirado e encantado; mas ninguem, que o saibamos, procurou explicar-lhe a causa. A côr do leito do rio, ou a natureza do terreno em que corre, não é a sua determinante, não só porque a mudança não deveria ser tão brusca, como porque a profundidade variavel do rio influiria certamente sobre o seu matiz, o que não acontece. As aguas colhidas em um copo parecem transparentes e limpidas. No emtanto, é mais que certo que a coloração é propria da agua, coloração fraca e que

só se accentúa nas grandes massas. A bacteriologia explica a côr de certas aguas, do mar Vermelho, por exemplo, pela presença de algas coloridas, de microbios chromogeneos ou melhor de microbios que secretam materias corantes particulares.

O exame das aguas de muitos rios tem demonstrado a presença de germens chromogeneos *(bacillus fluorescens liquefaciens)* de bella coloração verde.

Os drs. Arthur Mendonça, Bonilha de Toledo e Carlos Meyer isolaram das aguas do rio Tieté e de Pinheiros, nos arredores de S. Paulo, *bacillus violetas* de bellissimo matiz. Muitos outros têm sido isolados em varios rios.

Uma particularidade que caracteriza esses germens é que em pequeno numero são sempre incolores, ao passo que reunidos em colonias apresentam côr bem accentuada. E' a mesma particularidade que se nota nas aguas do rio Negro; transparentes dentro de um copo, e coloridas em grandas massas.

E' bem provavel, portanto, que seja um germen chromogeneo banal, (isto é, incapaz de produzir molestias) o que motiva a bella côr do rio Negro. A côr desappareceria com a diluição provocada pelo grande volume das aguas do Solimões ou as aguas barrentas deste seriam improprias para que o germen continue a viver e a secretar materia corante.

E' uma hypothese talvez gratuita, mas só o futuro dirá si temos ou não razão.

E' possivel que esta hypothese cause ao sêr enunciada grande perplexidade. A bordo, conversando com um amigo sobre esse assumpto, percebemos o seu ar de descrença e até notámos que abandonou a conversa, deixando transparecer um certo gesto de piedade a respeito de um de nós, assim como quem diz : — Está aqui, está maluco, com as suas novidades bacteriologicas...

E' novidade a bacteriologia, não ha duvida, mas

apparentemente. Si foi Pasteur que em nossos dias lhe deu os elementos de vida e os fóros de sciencia, de facto a bacteriologia é velha como a Sé de Braga. *Nihil sub sole novum.* As formigas, estes insectos perseguidores dos nossos jardins, applicam a bacteriologia desde que existem, mas a bacteriologia genuina, classica e scientifica. Colhem as folhas que melhor se prestam ao desenvolvimento de certos cogumelos de que se nutrem, e nellas cultivam o seu futuro alimento. Pensa-se em geral que a formiga se alimenta do parenchyma das folhas, quando o seu manjar custa bem mais a conseguir.

Fazem scientifica selecção dos productos de que os cogumelos se alimentam, as folhas, e o fazem tambem das sementes, — os proprios cogumelos. Isso denota mais uma vez a superioridade do cerebro da formiga, como denota que a bacteriologia só é novidade como conhecimento humano. E', da formiga, noção de coisas já velhas, pois constitue o padre-nosso, que lhes dá o pão de cada dia.

Si é pois, e por emquanto, uma hypothese acreditar que o rio Negro deva a côr de suas aguas a um microbio, é possivel que amanhan seja isto uma noção banal. Pensava-se tambem que a phosphorescencia dos mares fôsse devida a phosphatos, isto é, a mariscos em decomposição, pondo em liberdade o phosphoro, e hoje se sabe que a phosphorescencia é propriedade vital de certos micro-organismos.

Algumas centopéias têm tambem a propriedade de tornar-se luminosas quando fustigadas.

O curioso phenomeno, que neste caso parece subordinado á vontade do myriápode, está comtudo sob a dependencia immediata dos microbios phosphorescentes.

Em conclusão, a côr das aguas do rio Negro é provavelmente devida a uma flora microbianna ainda desconhecida.

Compete aos bacteriologistas de Manáus estudal-a e descrever, ou então convencer-nos da falsidade da nossa hypothese.

Fomos insensivelmente incluindo coisas diminutissimas em nossas impressões sobre o grandioso rio Amazonas : — formigas e microbios. E' que os extremos se tocam e, demais, toda a grandeza é relativa. Uma gotta d'agua está para um microbio como um copo d'agua para uma formiga e como o oceano para o Amazonas.

A gotta e o copo d'agua são mares para o microbio e para a formiga, e o oceano deixa a grandeza do Amazonas a perder de vista, tanto que o magestoso rio gastaria nada menos de cinco milhões de annos para cobrir uma superficie de capacidade egual á dos mares, muitos mil annos mais do que as formigas levariam a devastar a lavoura e os microbios a destruir o genero humano.

Tantos homens illustres e sabios têm admirado o talento das formigas e a sua maravilhosa organização social, que não é banalidade lembrar seres tão pequenos em assumpto tão cheio de grandezas.

Quanto aos microbios, accresce que elles revolucionaram, primeiro—toda a medicina, e depois, as sciencias em geral.

O conhecimento e a presença delles impõe-se até mesmo aos que viajam e se divertem.

IV

Subimos o Amazonas num navio do *Novo Lloyd* e o descémos num transatlantico do *Booth Line,* o *Clement,* que nos deixou no Pará.

Vamos dar uma pequena notícia do conforto da viagem, da convivencia de bordo e das palestras com os passageiros.

Os navios da Companhia Nacional são muito

confortaveis e asseiados. E' raro que elles se perceba o detestavel cheiro de graxa que tanto concorre para causar enjôo. A comida é variada, farta e não é mal preparada. Os camarotes são commodos, limpos, e alguns delles, alêm do salão-corredor que lhes passa pela frente, têm outro salão para musica ou jogo. Os da *Booth Line* têm, porém, camarotes mais vastos, e o serviço de mesa é mais lauto e distincto, não faltando á sobremesa fructas européas conservadas no gêlo. O asseio não é tão cuidado como nos do *Lloyd* e a propria sala de jantar é aproveitada nelles, como nos navios allemães, para salão de musica. O *Clement* tem uma minuscula sala de jogo, isto é, de divertimentos.

A vida de bordo é todavia muito mais alegre nos navios que demandam a Europa, ou seja porque entre os seus passageiros figuram muitos extrangeiros, de genio em geral mais alegre do que os brasileiros, ou porque levam familias de bom humor, já que vão divertir-se no velho mundo. O que é facto é que a vida é tristonha a bordo dos navios do *Lloyd* e alegre nos extrangeiros.

Na descida tivemos, pois, jogos familiares, saráus musicaes, que, na subida, foram substituidos por palestras mais ou menos animadas e politicas, e pelo jogo do *poker*. Na ida, quem não jogava se via obrigado a procurar um companheiro de prosa ou a observar a natureza e os seus encantos regionaes.

Os companheiros eram em maior numero officiaes do exercito que se destinavam ao Amazonas, officiaes de marinha que levavam o mesmo destino ou aspirantes em praticagem de navegação e estudos da costa do Brazil. Estes ultimos levavam a melhor parte do seu precioso tempo no passadiço do commandante, preoccupados com a navegação.

Referencia egual e tão lisonjeira devemos fazer a dois moços guardas-marinha que vieram de

Manáus no *S. Salvador* (só os encontrámos no Pará, onde tomámos este vapor) e que traziam um mestre e alguns marinheiros doentes de beri-beri.

Os distinctos rapazes foram de uma dedicação e de um desvelo superiores a todo o elogio. Quando não estavam ao lado de seus doentes, providenciando para que nada faltasse, podiam ser procurados no passadiço do commandante, a espreitar pharóes, tomar o rumo e registrar suas observações.

Os officiaes do exercito, na ida como na volta, matavam o tempo e a nostalgia no salão do jogo.

Além de officiaes foram nossos companheiros na subida negociantes de Manáus, muitos seringueiros do Acre ou dos rios affluentes do Solimões, alguns viajantes de casas commerciaes e alguns outros passageiros macambusios.

Quando não observavamos o rio e a natureza aproveitavamos o nosso tempo em palestra com os commerciantes de Manáus ou com os seringueiros.

Uns e outros zombavam ás vezes da nossa simulada credulidade, mostrando-nos no rio, a cada passo, jacarés e tartarugas que ninguem mais enxergava, sinão elles, ou referindo-nos historias fantasticas da revolução do Acre, da sua fertilidade e *salubridade*. Era um delles um homem de certa edade, formado em direito e advogado na região do Acre, mas filho do Rio Grande do Sul. A sua prosa era muito agradavel, e mais sobresahia nelle em sua qualidade de homem intelligente e vivo.

Tinha sido, no seu dizer, secretario e assessor do Galvez na primeira revolução acreana, e *persona grata* de Placido de Castro na segunda. A elle deviam ser attribuidos todos os successos importantes do territorio que habitava, e como rio-grandense bellicoso não se tinha conformado com o *Tratado de Petropolis*. Dahi as suas amargas e desarrazoadas queixas contra o ministro do exterior, procurando

martelar num estribilho absurdo, mas frequente naquella época nas conversas do Amazonas: — "Não havia nenhuma contenda séria com o Perú; o que o governo e o Rio Branco queriam era inutilizar o exercito, fazendo-o morrer de beri-beri e impaludismo".

Ninguem se lembrava do sacrificio pecuniario que o governo fazia com a mobilisação de forças e nem tão pouco que esse intuito perverso attribuido ao governo estava em flagrante contradicção com a salubridade da zona, que se procurava alardear. Foi talvez por ter voltado do Amazonas convencido dessas desatinadas conversas que ouvímos de um militar em certa cidade do norte, já fóra da zona que nos occupa, explosões de indignação contra tanta malvadez do actual governo e como corollario a apologia da dictadura militar. O nosso juizo ficou logo suspenso sobre o estado de equilibrio mental do infeliz moço e os seguimentos da sua conversa acalorada não tardaram a comprovar a nossa desconfiança. Tinha tido o impaludismo no Acre e não se quiz tratar com o quinino que, na sua opinião competente, não o cura.

Deveu a vida a um curandeiro que lhe ministrou um clyster de pimenta. Era de certo o effeito de tal remedio que ainda lhe trazia tão ardente a imaginação e tão perturbadas as noções de ordem, disciplina e patriotismo.

Deixemol-o, porêm, em paz com suas idéas politicas subversivas e sua ignorancia profissional, e vamos ouvir outras palestras de bordo.

O nome generico de seringueiro tanto se applica por lá aos proprietarios de seringaes como aos operarios que colhem a cubiçada seiva e a manipulam. Os primeiros são tambem negociantes e os seus operarios são obrigados a vender-lhes toda a borracha

que retiram, ao preço do mercado no seringal, e a lhes comprar no armazem todos os generos de que precisem para a sua subsistencia e vestuario, pelo preço arbitrario que lhes é imposto. Ganham, portanto, na compra e na venda, a torto e a direito, por *fas* e por *nefas*.

Portanto, não é de admirar que enriqueçam depressa, e que os pobres operarios, quasi todos cearenses e filhos do Rio Grande do Norte, só difficilmente se livrem da triste condição de servos da gleba. Sim, porque o trabalho extractivo do Amazonas lembra perfeitamente o feudalismo da edade média.

No entanto, o elemento principal de progresso, o elemento que faz a prosperidade e ostenta a riqueza do Amazonas é o infeliz colono. Ainda, e apesar de tudo, alguns delles, que vivem com mais sobriedade, ganham o sufficiente para voltar a Manáus e tratar-se das febres que quasi sempre contráem. Esses infelizes voltam dos rios com pouco amor ao dinheiro, achando o mercado de Manáus um idéal de barateza, e então ou gastam toda a economia na cidade, ou, mais precavidos, guardam uma pequena parte della. Mais felizes outros chegam a fazer-se proprietarios á custa de muito sacrificio, já se vê, ou penetrando em regiões mais remotas, de terrenos ainda baratos. E, uma vez proprietarios, são mais rispidos e exploram com mais ganancia os seus operarios do que os seus primeiros patrões. E' a historia que se repete. Nos nefastos tempos da escravidão os peiores senhores de escravos eram os mulatos ou negros que o acaso guindára ás condições de senhores.

Taes coisas nos levaram logo a comprehender porque motivos os cearenses difficilmente progridem no Amazonas. Pagam á morte, com suas pessoas, um tributo pesado, de 30 a 40 °/₀, e estão muito longe de ser para o seu Estado o que o Portuguez é no Brazil para Portugal e o Italiano em

S. Paulo para a Italia: — fonte perenne de cambiaes.

Era nosso companheiro de viagem um desses colonos, homem que ao fim de muitos annos chegara a proprietario de seringaes. Como lhe fossem feitas exprobrações ao modo de explorar o trabalhador naquellas bandas, enfureceu-se. Tinha feito o sacrificio de mandar buscar muitas familias no Ceará e em outros Estados vizinhos, e muitos dos seus chefes morreram sem que o tivessem indemnizado dos adeantamentos feitos; passara a sua mocidade naquella penosa situação, com ella se tinha conformado e lhe parecia natural que os outros fizessem o mesmo. A isto respondeu-lhe o seu interlocutor (que bem conhecia a vida do Amazonas) — que o numero dos que morrem dando *deficit* é muito inferior ao dos que ficam com o seu saldo liquidado pelo mesmo accidente, a morte, sem mais explicações nem ajuste de contas.

Tudo isso, que não deixa de ser verdade, pede leis muito sabias, que regulem as transações e direitos do operario no Amazonas e a acção dos governos para sanear as regiões insalubres.

A segunda é muito difficil de conseguir.

Sem impaludismo e beriberi, só com a sua riqueza florestal e extractiva, o valle do Amazonas não seria sómente o El-Dorado da tradição, mas um céu aberto, onde o goso das riquezas traria a seus felizes habitantes a nostalgia da dôr e da miseria.

Não sendo possivel o saneamento de tão vastas regiões, é indispensavel que se institua uma propaganda tenaz e continua para destruir os fócos de larvas de mosquitos, pelo menos nas visinhanças das casas. Si temos insistido neste assumpto, é porque estamos convencidos de que os governos precisam tambem de fazel-o, e com a mesma tenacidade com que os ferreiros fazem voltar o martello á

bigorna, até que o ferro tome a fórma exigida pela industria.

Sem mosquito não ha impaludismo. E' uma verdade medica e um axioma da sciencia experimental. Sem o perigo da morte, seria o feudalismo toleravel no Amazonas, ao menos como meio transitorio da organização do trabalho e como esperança de independencia pecuniaria de muitos, em futuro mais ou menos remoto.

Como é facil de prever, os negociantes propriamente ditos e os negociantes ambulantes são hostilizados, sinão perseguidos, pelos seringueiros proprietarios, que vêem nelles inimigos do seu privilegio commercial. Todavia, apesar disso, um dos companheiros de viagem era um syrio (turco no sul, carcamano no Maranhão) de pouco mais de 20 annos e já possuidor de uma fortuna de 600 contos de réis.

Nessas palestras ficámos sabendo como se colhe a borracha.

Espetam pela manhã tigellinhas no tronco da arvore préviamente golpeada a machadinha; das incisões poreja então a seiva, que vai ter ás ditas tigellinhas.

Esse processo se extende de arvore em arvore até ao meio-dia.

A essa hora começam a recolher as vasilhas e passam a defumar a seiva para a coagular. Esta operação é feita em uma especie de forno de revérbero, cujo combustivel é constituido por fructos de palmeiras, especialmente o uauassú, que tem a propriedade de deitar espesso fumo.

A seiva é coagulada pela fumaça, isto é, pelo acido pyrolenhoso e pelos productos empyreumaticos da combustão.

E' esse o processo primitivo; mas a borracha

por elle fornecida é mais estimada do que a que se obtem por meio da coagulação feita por acidos mineraes. Antigamente usavam tigellinhas de barro que eram presas ao tronco da arvore por meio de uma argamassa especial, feita de argila.

Outros empregavam o *arrocho* ou cinta circular, feita de cipó. Destes processos não ouvimos falar; lembramo-nos, porêm, de os ter lido algures.

A seiva, que fica presa á arvore, depois da retirada da tigellinha, e a que cai no chão tambem são aproveitadas, embora tenham menor valor, por causa das folhas e de outras particulas vegetaes que com ellas se misturam.

Dam-lhes o nome de *sernamby*.

A que é recebida nas tigellinhas e coagulada no fumeiro recebe a classificação de *fina* ou *entrefina* em Manáus, confórme a qualidade e pureza do producto. O trabalho da colheita exige certa presteza e agilidade e o da defumação tem de ser feito logo em seguida ao recolhimento dos vasos; de sorte que o pobre operario, tendo entrado cedo para o seringal, só vem a tomar a sua refeição á noite. Muitas vezes ainda tem de ir antes ao rio — pescar. Todas as pessoas validas estiveram no seringal a aproveitar o tempo, que alli é borracha, isto é, dinheiro.

Conclue-se, do que dizem os seringueiros, que é necessario certo atropello para fazer boa colheita e para que não seja prejudicada a boa qualidade do producto, e é preciso certo estoicismo para supportar com resignação as exigencias imperiosas da fóme. Um seringueiro extráe e prepara num dia de quatro a seis kilos de borracha, o que quer dizer de 24$000 a 36$000, pelos preços actuaes de Manáus. Alguns mais expeditos, em certas zonas mais ricas, chegam mesmo a colher oito kilos.

Entre essas informações veridicas, talvez apenas

exaggeradas, contavam os seringueiros, com quem confabulavamos, historias mais ou menos fantasticas de animaes ferozes do Amazonas. A's vezes era o sucurí, a cuja voracidade os boiadeiros tinham de sacrificar a primeira rez que devesse atravessar algum pequeno rio, ou a mesma serpente gigantesca laçando um boi e vencendo-o na lucta, pela fadiga, graças á sua elasticidade e tendo feito ponto de apoio em uma arvore, ou ainda a mesma sucurí perseguindo as lavadeiras nos lagos. Outras vezes era o jacaré deixando-se devorar pacificamente pela onça que o apresara, sem tentar fugir, nem permittindo que o defendessem; ora era referida a lenda do bôto a perturbar a tranquillidade das familias transformando-se á noite em garboso moço conquistador.

Restos das fantasticas patranhas creadas pela imaginação dos indios. Os dois primeiros factos têm certo fundo de verdade; que o jacaré, porêm, tenha prazer e honra em se ver devorado pela onça, ou que esta tenha o poder de o hypnotisar, são coisas que se não crêem. A propria lucta do sucurí com o boi ficará de certo reduzida a pouco mais do que a morte de algum indefesso bezerro pela serpente aquatica. A fabula do bôto relembra a sereia dos antigos tempos.

Não foram esquecidos os piúns, microscopicos mosquitos, que, em certas regiões, atormentam as pernas dos seringueiros descalços, nem as piranhas, peixes de grandes caninos, e que por seu grande numero devoram em minutos os infelizes que lhe chegam ao alcance. O sangue é o aguçador da sua voracidade.

Costumes e usanças do Amazonas foram tambem objecto de palestras. Entre estas mereceu a nossa attenção o habito de algumas familias das cidades tomarem creanças, filhos de indios, para o serviço

domestico. Educando-as de preferencia para esse fim, descuidam-se muitas vezes da sua instrucção, e até de mandar ensinar a ler. A indole preguiçosa desses infelizes, sua intelligencia acanhada, servem tambem de estorvo a qualquer tentativa de ensino, mesmo rudimentar.

Tão pouco mostram aptidão para o desempenho dos misteres de serventes. E' difficil incutir-lhes amor ao asseio das vestes e capricho no trabalho.

Os indios são maus creados, que terminam quasi sempre victimas da seducção que os leva, segundo o sexo, á libertinagem ou á casa de novos patrões.

Escusado é dizer que o seu trabalho não é remunerado e é esta a unica vantagem que torna aquelle babito frequente.

Sobre as lendas do Amazonas do tempo do El-Dorado provocámos a opinião do velho advogado, indagando si, por acaso, não tinha lobrigado em suas peregrinações as bellicosas guerreiras a que deve o rio o seu nome. Elle não concordava com a fantasia de Orellana, embora nos parecesse que aquella historia supersticiosa devesse encontrar bom acolhimento em seu espirito tambem fantastico.

Para terminar este assumpto deixemos os cavacos de bordo e peçâmos emprestada ao sr. Arthur Vianna uma curta noticia sobre o Amazonas. E' uma homenagem devida ás tradições do paiz, aos escriptores do norte e ao magestoso rio:

«Narrou Orellana que, em fins de junho de 1539, ao dobrar um ponta do rio, avistaram os exploradores uma grande villa indigena, tendo uma espaçosa praça á frente; e, como de costume, alguns soldados approximaram-se da terra em uma canôa, afim de entabolarem relações com os indios, para permuta de objectos de uso por mantimentos.

Qual não foi, porêm, a surpreza geral ao verem a pequena embarcação acossada terrivelmente por

uma legião de mulheres semi-núas, robustas e varonis, com os longos cabellos trançados ao redor da cabeça, que, recurvando grandes arcos, faziam chover mortiferas flechas sobre os miseros soldados.«

« Orellana, vendo cair cinco dos seus companheiros,ordenou que o bergantim se aproximasse da terra, protegendo a retirada das canôas. Esta manobra e a violencia do ataque dos arcabuzes não demoveram as irritadas guerreiras das suas primitivas posições, sem que o numero de mortos e feridos lhes parecesse causar espanto. »

« O audaz capitão hespanhol, que dera antes o seu nome ao rio, cuja correnteza o conduzia a tão extranhas aventuras, chamou-o então *Rio das Amazonas*, em lembrança da valente hoste, que tão denodadamente buscara tolher-lhe os passos.»

Poucos auctores acreditam hoje na existencia das *Amazonas* como agrupamento de um só sexo. Acreditam que se trata de mulheres que se batiam ao lado dos homens, o que parece mais natural e veridico.

No entanto, não fica ahi a curiosa lenda dessas mulheres guerreiras. Viviam sós e só recebiam os homens de tribus visinhas uma vez no anno, dando-lhes, por occasião da partida, como lembrança das passageiras nupcias, um amuleto, a muyrakitan, pedra esverdeada, verdadeiro *jade*, que diziam retirar do lago de Juciuaruá (espelho da lua).

A existencia das muyrakitans, encontradas de facto no Valle do Amazonas, provou aos archeologos que os indios da America são provenientes de povos asiaticos. O *jade* não existe absolutamente na America e é abundante nas regiões orientaes da Asia, cujos filhos povoaram a America e perderam a civilização patria nas tenebrosas sombras de suas mattas e através da successão modificadora dos seculos.

— —

Manáus

Manáus

I

A nossa chegada a Manáus foi num dia claro que nos deixava vêr as bellezas naturaes da terra e as que o genio do homem e os progressos da civilização lá implantaram. Nosso espirito vinha bem disposto para receber com prazer novas impressões, porque tinhamos deixado uma hora antes, isto é, seis milhas abaixo, o encantador espectaculo da lucta do rio Negro com o Solimões.

Subindo o pequeno trecho do rio Negro tinhamos encontrado canôas que, em crescido numero, conduziam peixes e outros fornecimentos aos mercados da cidade. Uma vida mais activa e buliçosa no rio fazia-nos perceber que nos approximavamos de um grande centro commercial.

A collocação de cidade de Manáus não podia ter sido mais bem escolhida. Occupa uma collina da margem esquerda do rio Negro, e só isso já era uma satisfação para quem trazia a nostalgia das montanhas.

Avistava-se a principio um grande templo, a Cathedral, com suas torres altivas como dois longos braços a offerecer hospedagem aos que chegam, e com o seu vasto corpo fazendo lembrar os serviços prestados pela religião na catechese dos indios de outróra, habitantes quasi desapparecidos daquella zona hoje civilizada.

Mais acima descortinava-se um outro templo, o da justiça, que naquella terra demora em um sumptuoso palacio, e, quasi em frente deste, o templo da arte, o theatro, mais sumptuoso ainda que o da justiça.

Os serviços da catechese religiosa em prol da civilização, o respeito á justiça e o amor ás artes, tudo concorre para provocar nos recem-chegados sentimentos de sympathia.

Na margem do rio se avistava, á direita, o mercado de ferro movimentado ainda nessa hora, e á esquerda as obras da *Manáus Harbour*, promettendo as seguranças de um porto moderno.

Para mais elevar a imaginação nem siquer faltava a nota do patriotismo, pois lá estavam, entre as muitas náus ancoradas, alguns dos nossos melhores navios de guerra, — *o Barroso, o Tymbira, o Tupy, a Gustavo Sampaio,* pintados de branco, como calices de victoria regia ou copos de leite a fluctuar naquelle lago do azeviche.

Ahi fundeavam os avisos fluviaes do Amazonas, que seriam tomados por lanchas ou rebocadores, si alguns canhões na prôa nos não fizessem ver que alli estavam fragmentos de garantia da nossa tranquillidade social.

Pequenos, mas elegantes, fracos como armas de combate, mas fortalecidos pelo prestigio de uma bandeira içada, em torno da qual se reunem vinte milhões de patriotas para a sua defesa.

Não admira que taes sentimentos nos occoressem á chegada, não só porque somos brazileiros, como tambem porque o navio em que viajámos se denominava *Brazil.*

Nosso navio atracou com presteza e facilidade á ponte fluctuante da *Manáus Harbour* e esta facilidade não deixou de nos maravilhar. Havia tão pouco tempo que tinham sido começadas aquellas

Panorama geral da cidade

obras do porto, que não podiamos suppol-as tão adeantadas.

Em seguida, uma nota agradavel. Traziamos os corações cheios de agradecimentos á terra maranhense pelo acolhimento e despedida fidalga que nos fizera, e por isso foi com summo prazer que vimos, na primeira pessôa da terra, um velho amigo maranhense, o dr. Nemesio Quadros, medico da saúde do porto, que nos vinha trazer os seus amistosos cumprimentos.

Era a gentileza maranhense que continuava a festejar-nos longe do Maranhão. O encontro não podia ter sido mais feliz, porque o nosso amigo se deu gostosamente ao trabalho de ser o nosso mentor durante as excursões naquella cidade, que tão bem conhecia. Graças a elle pudemos no curto espaço de oito dias vêr tudo que nos interessava.

Outro amigo que encontrámos logo ao desembarcar foi o Dr. Alberto Reeve, engenheiro da *Manáus Harbour* e que teve a bondade de nos fornecer algumas das notas que vamos dar sobre as obras do porto.

Começaremos por ellas para começar bem.

As obras do porto de Manáus faziam-nos lembrar S. Paulo por muitos motivos. Foram as obras do porto de Santos, o successo das docas, que levaram incitamento a uma empresa similhante no porto de Manáus. Foi o barão de Rienckievicz, engenheiro constructor das obras da Serra do Cubatão, o concessionario desse melhoramento, auxiliado pelo Dr. Alvaro de Carvalho, que, si não nos falha a memoria, era seu socio.

Engenheiros das obras da serra em S. Paulo continuavam engenheiros das obras do porto em Manáus. Era a lição de S. Paulo sendo proveitosa

ao Estado do Amazonas. Tudo isso nos era grato a nós que tambem nos orgulhamos de fazer hoje parte da communhão paulista e que no norte tinhamos representado uma facção das auctoridades administrativas de S. Paulo, o departamento de hygiene.

O rio Negro em Manáus apresenta uma differença de nivel de 11 a 14 metros annualmente,

O Rio Negro na vasante. Obras do porto

das grandes enchentes ás vasantes e isto embaraçava o serviço do porto para os grandes navios.

Si se fizesse por occasião da enchente um cáes na margem do rio, elle ficaria logo em secco na vasante.

Si se fizesse o cáes em logar bem profundo e não exposto na vasante, quando esta se accentuasse, entre o nivel do rio e o do cáes haveria uma differença de 14 metros, isto é, o navio pareceria atracado no sopé do cáes e as mercadorias deveriam ser pescadas no navio por longos cabos. Todos esses absurdos são lembrados apenas para se comprehender a necessidade de uma outra solução ... A que salta logo á imaginação é a de um cáes

fluctuante, acompanhando o rio em suas variações de nivel.

Foi o que fez a *Manáus Harbour*.

Em logar onde o rio tem uma profundidade de uns trinta metros foi collocada uma ponte fluctuante, presa ao fundo por numerosas ancoras, e ligada aos armazens da margem por meio de cabos electricos aereos.

Serviço de carga e descarga no Porto de Manáus "Manáus Harbour"

A ponte é construida sobre uma série de tambores de ferro, enfileirados parallelamente; são os fluctuadores propriamente ditos.

São elles constantemente examinados para se verificar se fazem agua. No caso affirmativo podem ser retirados, um por um, para serem reparados ou substituidos. São independentes como teclas de um piano, mas solidarios em seu conjunto harmonioso. Cremos que as amarras que prendem a ponte ao fundo do rio podem ser espichadas ou encurtadas, afim de manter a ponte sempre no mesmo logar, embora em nivel que varía segundo a enchente.

Os navios de maior calado atracam com a maior facilidade a esse longo cáes fluctuante e as suas cargas são retiradas por meio de guindastes electricos. Um cabo de arame as suspende e deposita na ponte, ou as leva para os armazens, atravessando o braço do rio, penduradas a um reforçado systema de cabos.

Supponhamos uma corrediça como a dos bondes electricos de S. Paulo correndo *sobre* o fio, entre dois postes, trazendo penduradas as cargas, e ter-se-á facilmente imaginado como é feito o serviço em Manáus e comprehendido o mecanismo da força posta em actividade. As corrediças movimentadas para um lado ou para o outro, por tracção electrica, conduzem cargas do navio ou para o navio.

Nada mais simples, pelo menos na apparencia, e tudo é seguramente muito rapido.

O systema de tracção aérea é provisorio. A companhia vai dentro de pouco tempo fazer a ligação do cáes fluctuante ao cáes fixo, junto dos armazens, por um systema engenhoso, o mesmo de Liverpool, onde as marés têm uma differença de 5 metros de preamar á baixamar. Para isso serão construidos 12 pilares oblongos na direcção da corrente, e de altura decrescente, sendo o mais vizinho do cáes fluctuante o mais baixo, conforme a menor vasante. Será construida uma ponte articulada de 13 vigas, montada sobre doze caixões fluctuantes.

Estes caixões ficarão exactamente acima dos pilares, de sorte que, quando o rio fôr vasando, irão repousando sobre os topos dos ditos pilares. Como a altura destes é decrescente, na occasião da maior vasante a ponte articulada ficará disposta num plano inclinado que irá do cáes fixo á ponte fluctuante, isto é, ao navio.

Está calculado que a inclinação maxima desse plano inclinado ou rampa será de 11 1/2 %.

Como se vê, os doze pilares de pedra só prestam serviços na vasante. Na enchente a ponte fluctuante ficará ao nivel do cáes fixo, e os pilares estarão submergidos.

A companhia dispõe de dois dynamos de 550 volts, 250 kilovatts, corrente continua, accionados por dois motores systema *Corlin* de 220 cavallos de força cada um, destinados a produzir energia para a tracção sobre cabos, e sobre trilhos na ponte fluctuante.

Estão construidos já varios armazens, que occupam uma área de doze mil metros quadrados, illuminados e ventilados pela electricidade.

As obras da Companhia de Dócas de Santos maravilham a quem as visita por esses mesmos beneficios que trouxeram ao commercio e á navegação — a presteza de embarque e desembarque, a solidez da sua construcção, e por terem importado em saneamento para as praias lodosas de Santos; a sua construcção foi, porêm, demorada, ao menos nos primeiros tempos. En Manáus conseguiu-se o mesmo beneficio ao commercio no curto espaço de sete mezes. Ha tambem uma differença sympathica para as obras de Santos: é que esta empresa foi levada avante com capitaes brazileiros, ao passo que em Manáus os capitaes são inglezes, da companhia *Booth-Line.*

Isto, porêm, não é grande defeito.

Foram os capitaes inglezes que nos permittiram vencer o Paraguay; foram elles que fizeram o esplendor de Buenos-Aires e que nos deram em S. Paulo a primeira e melhor via-ferrea: — a *São Paulo Railway.*

— A cidade de Manáus lembra ainda S. Paulo por muitas razões; por seu cosmopolitismo, por seu progresso vertiginoso, por sua architectura, por suas

obras municipaes, por ter um monopolio commercial e pelo futuro que lhe está reservado.

Ha cincoenta annos, Manáus era uma cidade pequenissima; comtudo os seus visitantes já lhe previam um futuro grandioso por sua situação privilegiada.

Depois da Republica tem ella augmentado extraordinariamente, devendo possuir hoje uma população de cincoenta a cincoenta e cinco mil habitantes.

Pode-se dizer que foi a immigração maranhense que lhe levou a iniciativa e o progresso.

Eduardo Ribeiro, maranhense, foi o governador que mais melhoramentos deixou em Manáus.

Criticado quando governo por seus esbanjamentos, apodado quando o perdeu, Eduardo Ribeiro, o *Pensador*, deixou um nome que é hoje repetido por todos como o do governador mais util á cidade. A sua administração, de vistas largas e em época de grande prosperidade attraiu para o Estado innumeros maranhenses, piauhyenses, cearenses e tambem os mais ousados aventureiros do Rio de Janeiro, visto que esta phase de prosperidade coincidiu com a cessação do jogo da bolsa no Rio. Muita gente para lá affluiu, habituada a ganhar dinheiro com facilidade, e por isso mesmo a gastar na mesma proporção. O preço alto da borracha e a sua grande producção davam de sobra para esses desatinos.

Foi o tempo das concessões, e o que é consolador é que muitas concessões se realizaram e sobretudo muito ganhou a cidade em melhoramentos municipaes.

O emigrante é sempre um individuo superior na sociedade. E' que esse individuo, que não se deixa acobardar pelas necessidades momentaneas da vida, com a ousadia que tem de emprehender longas viagens, assim se separando da patria ou da familia, dá provas de ser um luctador, e deixa perce-

Manáus

A população de Manáus é, pois, cosmopolita. Como elementos nacionaes predominam maranhenses, piauhyhenses, cearenses, filhos do Pará e Rio Grande do Norte, — e como extrangeiros alguns inglezes, poucos norte-americanos, italianos e, sobretudo, muitos portuguezes. Tem-se falado tanto cá pelo sul do perigo norte-americano na Amazonia, que suppúnhamos os filhos da America do Norte mais numerosos em Manáus. Verificámos, ao contrario, que os norte-americanos no Amazonas são *rari nantes in gurgite vasto*. Elles não têm apoio em terra para uma influencia politica e, a não ser que as obras da *Manáus Harbour* venham a tomar um desenvolvimento enorme, e que a companhia consiga um predominio avassalador como o da companhia Docas de Santos, o *perigo norte-americano* não tem elementos de successo.

II

O progresso de Manáus lembra o vertiginoso progresso de S. Paulo, porque se accentuou depois da Republica. Ambos são glorias do actual systema federatívo com sua autonomia regional. Ha 50 annos tinha Manáus menos de 4.000 habitantes e o numero delles só se elevou ao que é — depois de 1889.

Em Manáus ha muito menos pedra de construcção do que em S. Paulo; por isso as edificações são em sua grande maioria de tijolos, que se prestam a uma architectura muito mais facil e mais em conta do que a pedra.

O gosto architectonico lembra o de S. Paulo.

Quasi todas as casas têm platibandas, o que as torna muito mais elegantes. Tambem as ruas são largas e bem alinhadas, e já se tem cuidado da arborização de algumas dellas, e sobretudo das praças.

Bonitos jardins existem, ostentando a exhube-

Vista panoramica

depois do almoço e, apesar de todos os senões do hotel, ás 3 ou 4 horas da tarde eramos forçados pelo calôr a encontrar um certo encanto no repouso do quarto. Não era o somno que nos seduzia, mas simplesmente o desejo de tomar um banho frio e de trocar a roupa humedecida pelo suôr. Infelizmente nem sempre havia agua no chuveiro e o refrescante banho era substituido pela esponja ou toalha molhada, systema francez, sem uso entre nós — e só lembrado como recurso de occasião.

Não sabemos si em toda a cidade haveria a mesma falta d'agua que no hotel; si isso se désse seria um supplicio para a população, visto que, no norte, o banho figura entre as necessidades mais palpitantes e os regalos mais desejados.

— A julgar pelos apontamentos de climatologia do Dr. Torquato Tapajós, o clima de Manáus é menos quente do que o de Belém, havendo entre ambos uma differença de quasi dois gráus em certas occasiões. Comtudo, pareceu-nos ter sentido mais calôr em Manáus do que em Belém. Talvez fosse isso devido a ter havido mais chuvas em Belém do que em Manáus quando fizemos as nossas visitas.

A falta do banho frio é para um hotel do

norte uma falta imperdoavel. Por seu turno o abastecimento de agua em Manáus não é abundante, pois apenas fornece 100 litros por habitante. Deficiente embora, o serviço de agua custou não pequeno sacrificio. As aguas são levantadas de um igarapé, o da Cachoeirinha, por meio de poderosas machinas electricas. O custo do consumo varia de tres a doze mil réis por casa, segundo se vê na lei do orçamento.

Não é cara, visto que a ultima taxa é cobrada para um valor locativo superior a quatrocentos mil réis mensaes.

— As ruas centraes da cidade são bem calçadas a parallelepipedos de granito, importados de Portugal ou do Rio de Janeiro, e duas dellas são asphaltadas. Era de receiar que este ultimo systema não desse bons resultados em um clima quente, — mas não ouvimos sinão elogios ao seu emprego. Em Buenos-Ayres o asphalto deixa as vezes os signaes das patas dos animaes, no rigor dos verões; mas, como já dissemos, o calôr em Manáus não excede a 33° gráus.

Rua da Installação

Muitas avenidas com casas commerciaes de primeira ordem cortam a cidade e a embellezam.

Avenida Eduardo Ribeiro

As mais lindas são a Municipal e a Eduardo Ribeiro. Esta é o coração da cidade. Nas suas visinhanças ficam os mais ricos estabelecimentos commerciaes, as casas de modas, os armarinhos e as redacções dos jornaes. A illuminação é electrica, arco voltaico, e o serviço de bondes é tambem feito por tracção electrica, systema de cabos aéreos, como em S. Paulo. Este serviço quasi rivalisa com o nosso, que é incontestavelmente o melhor do Brazil. Foi lá estabelecido por uma companhia norte-americana, e é hoje propriedade do Estado.

Ha tambem numerosos carros de praça, que merecem curta menção. São pequenos *landaus* similhantes aos tambem usados no Pará — e muito apropriados ao clima.

A tolda abre-se em duas partes iguaes, para deante ou para traz, protegendo o vehiculo contra o sol e a chuva ou deixando ao passageiro a liberdade e o prazer de admirar a natureza.

Até aqui nada de extraordinario ou de novo; a novidade, porém, está em que esses carros tem a mais uma sobrecapa de oleado que preenche dois fins: impede que a agua penetre nas frinchas de juncção da tolda, e que o sol lhe estrague o ver-

níz. Dá-lhes tal sobrecapa a apparencia perfeita de uma tartaruga e é esta a nota caracteristica — a côr local dos *landaus* do Amazonas.

Casa de machinas Cachoeira Grande

Os bairros da cidade são bem povoados; as suas casas são, porêm, modestas; não estão em relação com as da parte commercial. Os claros, isto é, os terrenos baldios são ainda numerosos. Os alinhamentos estão todos feitos, lembrando a Villa Buarque em 1890.

Ponte metallica da Cachoeira Grande

Para se ir a esses bairros atravessam-se bonitas pontes sobre os igarapés que cortam a cidade. São pontes metallicas ou de cantaria, todas muito artisticas, lindas e custosas.

Praça da Matriz

Entre as praças ajardinadas, salientam-se as da matriz, a praça General Osorio e a do Palacio. A ultima especialmente é muito bonita, ornada de escolhidas palmeiras e bastante frequentada. Nella tocam boas bandas militares. Ha tambem um bosque natural aproveitado com muito gosto e arte, mas actualmente um pouco abandonado, talvez por falta de frequencia. Nelle se admira de perto a pujança da vegetação amazonica. Os troncos são muito mais elevados do que grossos e alguns se implantam no sólo por meio de raizes divergentes muito chatas e largas, cuja secção teria a fórma de uma estrella. Num delles, que envia raizes a alguns metros de distancia, foi construido um dos muitos caramanchões alli existentes.

Estas arvores de altura respeitavel desfizeram em parte a impressão causada pelas florestas ribeirinhas do Amazonas e que nos tinham parecido não corresponder á propria fama.

Mercado publico

Possue a cidade um bom mercado de ferro, situado á margem do rio Negro e com ancoradouro proprio para pequenas embarcações.

O mercado gosa na vida da municipalidade de importancia capital. Para os cofres de municipio elle rende, só por si, nada menos de 300:000$000 de réis annuaes. As tres principaes verbas da receita são constituidas pelo imposto predial (600:000$000

Mercado publico

de réis), o de industrias e profissões (500:000$000), e o mercado. Para chegar á cifra que o mercado publico fornece é necessario que tudo alli seja bem tributado e é por isso que todos os generos de primeira necessidade custam em Manáus muito caro: verduras, legumes, peixes e outros comestiveis.

Já temos lido muita noticia sobre os preços exaggerados de certas coisas em Manáus e por isso não insistiremos neste assumpto. Diremos apenas que, por occasião da nossa visita, uma gallinha custava 8$000 réis. Por lá os doentes têm mais medo da dieta do que das contas do medico e da pharmacia.

No entanto, os generos de outros ramos de commercio, modas, armarinho, roupas, etc., ou melhor, os objectos de importação extrangeira são pouco mais caros do que em S. Paulo.

E' opportuno lembrar que tivemos occasião de encontrar muito bem reputados em Manáus e Belém alguns productos da industria paulista, especialmente os chapéus e o calçado.

E' chic por lá usar-se o calçado Rocha, desse fabricante que os paulistas bem conhecem na rua Quinze de Novembro. E nem pareça que fazemos reclame á casa.

S. Paulo não fornece só café e administradores, isto é, presidentes da Republica; tem tambem a sua industria competindo com productos extrangeiros.

E note-se que apenas falamos do que vimos e não do que sabemos.

Admirámo-nos de não ter encontrado em Manáus maior acceitação para as cervejas paulistas, consideradas de primeira qualidade pelos entendidos.

Os navios do *Lloyd* não têm camaras frigorificas para cargas, de sorte que os chopps de S. Paulo não vão até lá.

E' de lastimar. Os chopps consumidos em Ma-

náus são de procedencia alleman, e por isso custam caro, 1$000 réis. O consumo de cerveja é muito grande, como em geral de todas as bebidas alcoolicas. Os botequins e mercearias existem profusamente na cidade e são todos muito frequentados. Nelles se nota um habito muito europêu: as mesinhas dispostas nos passeios dos bulevares ou avenidas, nos *trottoirs*, como se diria em Pariz.

E' nesses botequins ao ar livre que se reunem amigos para a palestra e troca de idéas, e que os commerciantes expõem aos menos entendidos em finanças a situação do mercado do unico producto de grande peso na exportação: a borracha.

Como é natural nas palestras de Manáus se trata de borracha, sernamby e caucho, com a mesma insistencia com que nas de Ribeirão Preto se trata do café.

Falámos de chopps importados em camaras frigorificas.

Não são sómente os barris que os contém que chegam da Europa em taes camaras: queijos, manteiga fresca, fructas, hortaliças, peixes, tudo importa Manáus da Europa para o seu consumo. Em casa de um amigo tivemos occasião de comer uma pescada vinda de Portugal em compartimento dessa natureza. Outra occasião encontrámos em certa rua um companheiro de viagem, negociante em Manáus, que trazia um pequeno repolho comprado a bordo de um navio allemão por 7$000 réis. O almoço devia ficar-lhe saboroso, mas certamente salgado. Trata-se de um negociante portuguez residente ha muitos annos em Manáus e casado com uma cearense. Tinhamos feito boa camaradagem ao subir o Amazonas... O cavalheiro a quem nos referimos vai de tempo em tempo se refrescar *no calor secco* do Ceará, levando comsigo sua senhora em visita á

familia. Estava já bastante amazonense graças á maleabilidade accommodaticia aos climas variados e aos costumes que apresentam os de sua raça. E' por isso que muitas vezes lhe ouvimos o elogio sincero da farinha d'agua, que tão grande consumo tem no norte e particularmente nos tres Estados de que nos occupamos.

Para nós essa farinha só será recommendada com enthusiasmo pelos dentistas a quem dá serviço pelas fracturas de dentes.

Bem sabemos quanto estamos longe do consenso nortista nesta nova apreciação da celebre farinha d'agua. Sobre gosto não se escreve sem correr o risco de um desgosto.

Nos restaurantes e nos botequins surgem a cada passo italianinhos a vender flôres para a lapella e especialmente parasitas. O genio mercantil do italiano aproveita todos os generos de commercio, e este tem a sua côr local. As lindas parasitas são vendidas quasi ao mesmo preço que as outras flôres de jardim. Tambem no mercado publico encontram-se bellos exemplares de orchideas, algumas raras, e — o que é interessante é que ninguem illude os vendedores quanto ao valor exacto a lhes pagar por ellas. Não é raro que queiram fazer valer alli a sua parasita como fazem valer o seu peixe.

III

O director do *Serviço Sanitario*, dr. Alfredo Matta, moço extremamente sympathico e gentil, teve a amabilidade de nos mandar visitar no hotel no mesmo dia da nossa chegada, convidando-nos a visitar a sua repartição. Foi pois uma das primeiras visitas que fizemos, já que o amavel convite merecia de nossa parte retribuição pressurosa e

vinha ao encontro de nossos desejos. Fomos recebidos por todos os collegas da hygiene com fidalguia e camaradagem. São coisas que se não extranham mais no norte e que nos não tiram a liberdade de expôr com franqueza a nossa impressão.

O *Serviço Sanitario* de Manáus é bem montado, mas de proporções muito pequenas.

Está apto a prestar valiosos serviços contra molestias infectuosas esporadicas, mas dispõe de material fixo e rodante pouco numeroso para acudir ás necessidades de uma epidemia que por infortunio surja. Tambem as molestias infectuosas mais communs em Manáus, o impaludismo e o beri-berì, não são das que exigem a intervenção mais directa e apparatosa da hygiene, e isto é uma justificativa. Uma e outra só podem ser combatidas por obras de saneamento, nas quaes a hygiene figura como repartição de consulta e conselho.

Rio Negro

Pertencem ao saneamento a canalização dos igarapés e como complemento a drenagem de certas superficies. No bairro da Cachoeirinha ha tamanha quantidade de mosquitos, que deixam prever muita agua estagnada em suas visinhanças. Na parte central da cidade o mosquito é muito mais raro e só se encontram os dois dipteros domesticos,

o *Calex fatigans* e o *Stegomya fasciata*, o primeiro de habitos nocturnos e o segundo diurnos.

A guerra ao mosquito faz parte da policia sanitaria; o numero de medicos da repartição de hygiene de Manáus é, porêm, muito pequeno para dirigil-a com proveito, attendendo á extensa zona a policiar.

O *Laboratorio de Bacteriologia* da Repartição de Hygiene dispõe de bom material, mas tinha as suas armas ensarilhadas por occasião da nossa visita, por motivo de mudança.

A impressão do conjuncto, é contudo, muito lisonjeira, graças á confiança inspirada por seus medicos. São illustrados e trabalhadores, apesar de faltar-lhes o estimulo, visto que seus ordenados não estão em relação com a carestia da vida em Manáus.

O exame microscopico parece não ter ainda grande entrada na medicina clinica de Manáus. Será talvez porque o impaludismo de lá se reveste de symptomatologia tão typica que o recurso do microscopio se torna dispensavel em muitos casos.

Procurámos com grande interesse os anopheles transmissores do impaludismo não só no centro da cidade como em seus arredores, e o Bosque foi um delles, e tivemos a surpresa de os não encontrar. No entanto, affirmavam os clinicos que em certos bairros se observa o impaludismo em pessoas que delles não se afastaram. Estavamos mesmo desanimados de colher alguns exemplares, quando uma circumstancia fortuita nol-os fez encontrar em grande numero. Foi no theatro. A illuminação electrica dos poderosos fócos dispostos na fachada do edificio tinham attraido uma myriade de pequenos insectos que vinham pousar na parede do vestibulo; pois bem: — lá estavam entre elles os anopheles. Fizemos, pois, uma grande colheita.

Um igarapé

Eis ahi como um elemento de progresso, a luz electrica, se transforma em chamariz de elementos perigosos. O que se viu no theatro, collocado no centro da cidade deve ser visto por toda ella, profusamente illuminada a arco voltaico. Longe de nós o pensamento de condemnar, por isso, a luz electrica; esse facto nos convence, porêm, e cada vez mais de que é urgente destruir em Manáus todos os esconderijos em que são creados aquelles damninhos insectos.

Em Manáus não faltam doentes de impaludismo. Os seringueiros que adoecem nas regiões mais paludosas vêm tratar-se na cidade, e são em tão grande numero que dão meios de subsistencia a um respeitavel corpo clinico. Quando lá estivemos havia na cidade cerca de setenta medicos.

Faltem os seringueiros e a cidade não comportará mais de vinte.

Estas considerações fazem ver tambem quanto é sobrecarregado o obituario de Manáus pelo peso que nelle fazem os que, partidos do interior, lá vão . . . morrer.

O dr. Matta calcula que 20 °/₀ dos obitos da-

quella capital são devidos a molestias contrahidas no interior do Estado.

O trabalho de demographia sanitaria é difficultado pela pertinacia do povo em não fazer o registo dos nascimentos.

As principaes molestias infectuosas que determinaram obitos em 1903 foram:

Paludismo	766
Beriberi.	103
Febre amarella.	85
Tuberculose	79

E outras em menor numero.

Por esse resultado se vê que não commettemos nenhuma injustiça contra o Amazonas insistindo no paludismo.

E' melhor apontar os defeitos e chamar a attenção para os meios de os corrigir do que procurar obscurecer uma verdade patente. O patriotismo levou o dr. Torquato Tapajós a escrever sobre o seu Estado natal um grande livro que é a mais sorridente apologia do clima do Amazonas. Isto não impediu que tal clima, duplamente ingrato, roubasse á engenharia brazileira aquelle brilhante talento, um dos mais fecundos e illustrados profissionaes da nossa terra.

Não faltam, pois, em Manáus, doentes de impaludismo nem anopheles, e como não se pódem supprimir os primeiros, é indispensavel destruir os segundos. Apezar disso, porém, não se póde dizer que Manáus seja uma cidade insalubre. Asseguram os clinicos que o paludismo só existe em certos arrabaldes e que os seus casos não estão em relação com o numero de doentes importados. No centro da cidade póde-se viver tranquillo. Não só não se contrai com facilidade o paludismo, como até

nem a molestia se reveste do caracter maligno de certas zonas do interior. Cede promptamente á medicação especifica, o quinino. Lá conhecemos muitas pessoas que, havia muito tempo, moraram no centro da cidade e nunca tiveram maior incommodo de saúde. A guerra ao mosquito extenderá esses fóros de salubridade a todos os recantos da capital e augmentará a garantia dos da zona central.

Não visitámos a *Santa Casa*, mas percorremos minuciosamente o hospital da *Sociedade Portugueza de Beneficencia*, de que o nosso collega e amigo Dr. Nemesio Quadros é um dos medicos. E' um estabelecimento ainda em construcção, tendo já varias enfermarias funccionando ha muitos annos. Quando concluido será um bonito edificio, digno da prospera colonia que o está construindo. Tivemos occasião de lá encontrar enfermarias, cujas janellas e portas eram revestidas de telas de arame para impedir a entrada de mosquitos. Destinam-se ao tratamento da febre amarella, tendo sido tomadas aquellas precauções por indicação do Dr. Nemesio Quadros, que aliás não era o medico de serviço naquella occasião. Havia numa dellas um doente de febre amarella, já em segundo periodo, collocado em um quarto particular, e esperando a verificação do diagnostico para ser recolhido á enfermaria protegida contra os mosquitos. E' exacto que a sua cama tinha um cortinado, mas este se conservava aberto e dentro delle encontrámos varios estegomias repletos de sangue.

Segundo a theoria norte-americana, o tempo do perigo tinha passado. O doente, dado o seu estado, não teria menos de uns 4 a 5 dias de molestia.

Tal descuido deve ter corrido por conta da administração, porque o hospital não tem medico interno. Fica salva a intenção, mas não o fica a

doutrina. Pelo que lá observámos tanto se poderia concluir segundo as opiniões divergentes dos auctores desta narrativa que o estegomia transmitte, como que não trasmitte a febre amarella, porque nos quartos visinhos estavam doentes de molestias communs.

Não queremos dizer que seja essa a nossa conclusão, porque *testis unus testis nullus*, — verdade tanto em medicina experimental como em direito.

O governador actual do Amazonas, que tambem nos recebeu com affabilidade e attenção, é o Dr. Constantino Nery, que se mostra muito interessado no problema do saneamento de Manáus. E' assim que já nomeou uma commissão, de que é chefe o Dr. Marcio Nery, para estudar e propôr as obras de saneamento que julgar necessarias.

Palacio do governo

Só podemos ver com prazer a bôa orientação do governador e a sua feliz escolha. Apezar de não ser hygienista propriamente dito, o Dr. Marcio Nery gosa de um conceito muito elevado em toda a classe medica do Brazil, graças á bôa copia de tra-

balhos que tem publicado sobre diversos assumptos. Demais, o momentoso problema não demanda só conhecimentos de hygiene; é indispensavel o concurso decisivo da engenharia sanitaria, talvez a mais responsavel pelas medidas a propôr.

Jardim em frente do Palacio do governo

Cercado de bons auxiliares e gosando da confiança absoluta do governo, o Dr. Marcio Nery póde e deve ser muito util ao seu Estado natal. O que é necessario é encarar desassombradamente os factos taes quaes se apresentam, e deixar á margem os sentimentos de nativismo que cegam a razão, adiam as soluções de problemas urgentes e perpetuam as suas funestas consequencias.

O que a eloquencia dos factos salienta é que em 1903 falleceram em Manáus 1.772 pessoas de uma população calculada de 50.000 habitantes, o que dá a cifra enorme de 35,44 °/₀₀.

Subtrahidos aos 1.772 obitos 20 °/₀, isto é, 354 que o calculo do Dr. Alfredo Matta attribue á infecção contraida fóra da capital, ainda assim seria a mortalidade representada por 28,36 °/₀₀.

No mesmo anno a mortalidade em S. Paulo foi de 16,09 por mil habitantes e em Montevidéu 16,20 ‰, o que prova, como já dissemos algures, que o confronto sanitario entre Manáus e S. Paulo estabelece um contraste desvantajoso para aquella capital.

Como acontece em todas as cidades ainda novas, a tuberculose é relativamente rara em Manáus, representada por 5,347 % do obituario propriamente urbano, ao passo que em S. Paulo esse coefficiente já se eleva a 8,5 da mortalidade geral.

A febre amarella de ordinario não preoccupa muito os nortistas; no entanto, em 1903, produziu em Manáus 85 obitos ou 17 ‰ da população.

Ponhamos de parte os assumptos de hygiene, que estão descambando para os calculos de gabinete, e continuemos a nossa visita á cidade.

A instrucção publica do Amazonas custa ao Estado 1.570 contos de réis, incluindo o *Instituto Benjamin Constant* (que é mais um asylo de orphams do que um estabelecimento propriamente de instrucção) e as subvenções a estudantes.

Gymnasio Amazonense

Não é grande a despesa, que importa em pouco mais de 10 °/o da renda total do Estado. A municipalidade não tem escolas suas. Na capital ha uma Escola Normal, uma Escola Modelo e um Gymnasio.

Só visitámos o Gymnasio, que está installado em melhor casa, em edificio proprio. Parece que a sua frequencia não é muito grande, porque algumas aulas são dadas em salas acanhadas, apesar de ser o edificio monumental. A hygiene escolar não é tida na conta que merece, segundo se póde concluir da collocação defeituosa das carteiras dos alumnos: — quasi todas recebem a luz pela direita. Toda a mobilia é muito modesta, o que está em desaccôrdo com a riqueza da terra.

O *Instituto Benjamin Constant* é um estabelecimento importante, destinado a recolher e instruir meninas orphans ou desamparadas. Tem uma dotação orçamentaria de 270:000$000 de réis e dá agasalho e instrucção a 120 meninas. Agradou-nos extraordinariamente a boa ordem mantida pela dire-

Instituto Benjamin Constant

cção do estabelecimento. Encantaram-nos a limpeza e os cuidados comezinhos de hygiene e a visita á sala de trabalhos manuaes.

As professoras, ao mesmo tempo encarregadas da administração interna, são irmans de caridade, da Confraria de Sant'Anna.

Em Companhia do nosso collega Dr. Alfredo Araujo, que em tempos clinicou no Estado de São Paulo, visitámos a Repartição da Policia, muito bem installada em edificio proprio.

O «edificio proprio» é uma nota constante em Manáus.

Calcula-se por ahi que as accommodações do predio são as mais convenientes e não as que a adaptação impõe. Só o hospicio de Alienados, o Corpo de Bombeiros e o Deposito Publico é que não têm construcções suas.

Na Repartição da Policia reinava a mesma ordem de outros estabelecimentos, e nos feria a attenção o respeito então imposto pela presença do chefe de segurança, magistrado respeitavel e circumspecto.

Examinámos minuciosamente o gabinete anthropometrico montado a capricho pelo Dr. Jonathas Pedrosa Filho, velho amigo, e dirigido então pelo Dr. Alfredo Araujo.

Este collega mostrou-nos varias fichas signaleticas para identificação anthropometrica, contendo desde a medida da cabeça (ou cephalometria), da estatura, a extensão do braço, a medida do tronco, da auricula direita, do pé esquerdo, do cotovello, até a coloração da iris esquerda, a impressão produzida pelas papillas digitaes, sem falar da photographia e dos assignalamentos anormaes. Enfim trabalho de *bertillonagem* bem organizado e bem empregado.

O Dr. Jonathas Pedrosa Filho esteve na Europa, encarregado de estudar a anthropometria, e foi elle quem montou a secção, como já dissemos; ao voltar, porêm, da Europa, encontrou o logar, para que estava naturalmente indicado, preenchido por outro collega que não é o actual. Esquecera-se do que aconteceu ao governador Fileto Pires. Em Manáus, quem vai ao vento perde o assento: é *filetado.*

Do quartel de policia e especialmente do corpo policial conservámos a mais agradavel das impressões: — muita ordem em todo o quartel, muita disciplina nos soldados, muito respeito aos officiaes e muito zelo por parte destes. Assistimos a uma formatura por occasião da visita do governador ao quartel e ficámos orgulhosos de ver que aquella boa soldadesca, garbosamente enfileirada e ao serviço do Estado, concorre para que sejamos respeitados pelo extrangeiro ambicioso. Precisamos de muitó soldado, mas de soldados que amem a disciplina e sejam inteiramente extranhos á politica.

Infelizmente não é essa a feição caracteristica do nosso exercito, que outr'ora tão brioso nos campos de batalha, agora só é cioso de regalias e privilegios estapafurdios e como que só anda eivado do espirito nefasto da intrugice politica.

Do Corpo de Bombeiros só sabemos que é bom, pois não tivemos opportunidade de visitar-lhe o quartel, que foi installado ha pouco tempo.

Acompanhados ainda por nosso amigo Dr. Nemesio Quadros tivemos occasião de assistir em uma casa exportadora á classificação da borracha e ao seu acondicionamento para a viagem. Grandes bolas ou elipsoides de cerca de vinte kilos são cortadas ao meio por uma longa faca e separadas confórme ás qualidades — *fina* e *entrefina.* Feita a escolha, são acondicionadas em caixões que, quando fecha-

dos, representam um peso de 170 kilos e um valor superior a um conto de réis. O mesmo caixão carregado em Santos de café, que é o ouro do Sul, não valeria mais de cem mil réis, e quanto trabalho teria dado o café ao agricultor para chegar ao mercado e alcançar aquelle infimo preço!

Ha, porém, um pequenissimo consolo para nós, e é que emquanto a borracha em Manáus, nas visinhanças de florestas virgens e interminas, é acondicionada em caixões feitos de pinho de Riga, o café em S. Paulo é exportado em saccos fabricados no proprio Estado e alguns com fibras téxteis do seu proprio solo.

De outra feita visitámos a pequena e elegante egreja de S. Sebastião, restaurada ultimamente, graças aos sentimentos religiosos da exma. esposa do nosso amigo e companheiro nestas ultimas visitas, o Dr. Nemesio Quadros. Os recursos pecuniarios para a piedosa obra foram levantados por subscripção publica. Fica esta egreja na praça em que

Praça de S. Sebastião

A MARIRANA E O THEATRO

estão os mais lindos monumentos de Manáus e que por isso mesmo deixamos para referencia final: — o palacio da justiça, o theatro e o monumento do Amazonas. Junto desse grupo, pouco acima foram lançados os alicerces de um quarto edificio monumental, o palacio do governo; a prudencia administrativa obrigou, porêm, a adiar essa grande obra.

Na praça, atraz do theatro, fica uma bella arvore que seria injustiça deixar em olvido. E' uma marirana. A sua altura gigantesca, a sua cópa vasta e bem arredondada cobrindo extensa superficie e a sua posição solitaria dão-lhe formosura e imponencia excepcionaes.

— O palacio da justiça é um monumento apparatoso tanto por sua construcção como por sua mobilia.

Alto, bonito e rico, dispõe de bellas escadas, de grandes salas e salões em que funccionam todas as repartições da justiça (menos a policia) assim como a associação commercial.

Palacio da Justiça

O salão em que funcciona o Tribunal de Justiça é imponente como convém á magestade do direito, e o do jury é o mais confortavel e mais bem mobiliado que temos visto.

Tambem o esplendido palacio custou a bagatella de sete mil contos de réis.

Esta cifra vale por todas as descripções.

A mesma coisa se poderá dizer do theatro, que custou onze mil contos de réis.

Monumento do Amazonas em frente ao theatro

Este tem enormes saguões, espaçosos corredores, um recinto primoroso e um *foyer* magnifico. O *foyer* é circumdado de vistosas columnatas fingindo marmore e a decoração é obra de De Angelis, que

Salão de honra do theatro

lhe não regateou o seu esforço de artista de bom gosto e de boa escola.

O *Guarany* de José de Alencar e do nosso pranteado maestro Carlos Gomes forneceu o motivo de um dos melhores frescos, o que representa Pery salvando de um incendio e carregando nos braços a sua querida Cecy.

No rodapé e nas portadas, marmores de côres varias e bem escolhidas augmentam a nota sumptuosa do esplendido salão, bellezas realçadas pela luz electrica, privativa do theatro.

Ao percorrel-o, ao contemplal-o quasi que se exgotta a série dos adjectivos encomiasticos.

Do *foyer* passa-se a uma varanda, de onde se tem um bello panorama da cidade.

Alguns defeitos comtudo são notados no theatro. A sua acustica não é das melhores para companhias dramaticas. Dos ultimos camarotes mal se ouvia a voz de Lucinda Simões que lá trabalhava então. Demais, as columnatas que sustentam os camarotes, e que concorrem para o embellezamento da platéa, embaraçam muito a vista aos seus frequentadores.

Uma nota burlesca: — no botequim do theatro tomámos uma chicara de máu café por 500 réis!

Tambem em Manáus a questão do preço de certos artigos já não espanta. Não era aquelle o preço dos botequins da cidade; mas num theatro de onze mil contos de réis, uma chicara do saboroso licor não poderia custar menos sem amesquinhar o local. Depois, talvez que similhante preço fosse tão *baixo*, por ter sido o café... mal preparado.

A cupola do theatro é toda de mosaico, com as côres da bandeira nacional, losangos amarellos em campo verde. As côres, vivas como lá estão, não se casam bem. E ainda que outro fosse o matiz, o auriverde da nossa bandeira é só bonito como figura de rethorica e como symbolo verdadeiro da

vegetação do nosso paiz e do ouro que as nossas terras escondem.

Vista panoramica

Em frente do theatro fica o Monumento do Amazonas, representando a abertura do rio ao commercio universal.

Por essa medida bateu-se com denodo Tavares Bastos, grande estadista do imperio, que viu a sua campanha liberal coroada pelo decreto de 7 de dezembro de 1866, abrindo a datar de 7 de setembro do anno seguinte aos navios mercantes de todas as nações a navegação do Amazonas até á fronteira do Brazil, do rio Tocantins, até Cametá, do Tapajós até Santarem, do Madeira até Borba, e do Rio Negro até Manáus.

Figuram no pedestal galeras que representam a Europa, a America, a Asia e a Africa. Faltou uma face ao monumento para que a Oceania não fosse esquecida.

Aos lados do pedestal encontram-se inscripções e no tope uma figura allegorica que empunha uma taça em fórma de corolla, symbolisando talvez o acolhimento fidalgo da Amazonia aos seus visitantes.

Apráz-nos affirmar que a representação é fiel.

A recepção que lá tivemos nos desvaneceu e ficámos saudosos daquelles que tanto nos distinguiram.

Entre elles devemos lembrar o coronel Ramalho, ex-governador, cujo nome, estimado entre os seus co-estaduanos, a falta de opportunidade nos tinha impedido de mencionar.

Gymnasio Amazonense

FINANÇAS DO AMAZONAS. EXERCICIOS LIQUIDADOS. — Com os esbanjamentos dos antecessores do governador Silverio Nery, as finanças do Amazonas atravessaram em 1901 uma crise angustiosa, aggravada ainda pela baixa no preço da borracha. Nos annos seguintes, porêm, a situação financeira foi se normalisando, com uma administração mais rigorosa e com a valorisação do principal producto amazonense, que fornece a quasi totalidade da avultada renda estadual.

Nos ultimos exercicios liquidados, apuraram-se estes algarismos, que denotam melhoria crescente:

	Receitas	*Despezas*
1902 . . .	13.365:455$000	16.889:976$000
1903 . . .	18.290:066$556	19.153:425$120
1904 . . .	20.470:918$840	20.461:674$072

Confrontadas essas receitas com as despezas correspondentes, verificam-se estas differenças:

1902 . .	deficit de	3.524:521$000
1903 . .	deficit de	863:358$564
1904 . .	saldo de	9:224$768

O saldo deste ultimo anno foi annullado pelo pagamento de despezas dos anteriores exercicios.

Ultimamente, a organisação do territorio do Acre, dependente da União, veio perturbar gravemente as finanças do Estado, desviando bôa porção da borracha que dantes pagava impostos ao governo de Manáus. A receita diminue consideravelmente e é provavel que o deficit cresça daqui por deante, si não se cortar nas despezas, que são das mais altas da federação.

Orçamentos. — Pelos seus recursos, o Estado do Amazonas occupa o terceiro logar entre as circumscripções federadas, logo abaixo de S. Paulo e do Districto Federal. Minas-Geraes, o Pará, a Bahia, etc., lhe são, a tal respeito, inferiores, visto não possuirem um genero de exportação tão valioso como a borracha de seringueira.

Os orçamentos do Estado nos tres annos mais proximos marcaram estes elevados totaes:

Annos	*Receitas*	*Despezas*
1904 . . .	14.439:000$000	14.074:498$000
1905 . . .	15.686:000$000	15.284:721$095
1906 . . .	17.721:000$000	16:448:891$280

Na receita orçada para 1906, os titulos mais importantes são os abaixo mencionados:

Imposto de exportação	13.850:000$000
Imposto de industrias e profissões	1.500:000$000

Imposto de agua.	250:000$000
Imposto de transmissão de propriedades.	230.000$000

Na despeza destacam-se estas verbas:

Congresso dos Representantes .	307:160$000
Governo do Estado.	284:000$000
Secretaria do Estado	210:880$000
Magistratura	789:400$000
Segurança publica	329:800$000
Força policial.	2.940:191$280
Instrucção publica	1.818:000$000
Saúde publica.	171:400$000
Obras publicas	2.070:000$000
Serviço da divida.	2.000:000$000

Comparativamente com a população, o Amazonas é um dos Estados brazileiros que mais tributos paga. Entretanto, seus recursos são desperdiçados principalmente com serviços improductivos, que quasi nenhum beneficio trazem ao povo.

DIVIDA. — Em 1901, o Amazonas chegou a ter uma divida fluctuante de 14.000:000$000 rs., além da fundada, em apolices internas, no valor de 25.000:000$000 rs. Foi então que se tratou de levantar um emprestimo externo de 1.500.000 libras esterlinas, com o qual, em 1903, se regularisou essa divida, resgatando-se-a na maior parte.

Em 1904, o total da divida estava assim reduzido:

Interna fundada	7.632:500$000
Externa £ 629.940, ou. . . .	12.598:800$000
Fluctuante	4.311:098$214
Somma	24.542:398$214

O Estado é dos mais individados do Brazil. Todavia, supporta bem o encargo por motivo da borracha tornal-o extraordinariamente productivo.

Pará

Pará

I

Quem sobe o estuario do Guajará, braço meridional do Amazonas, poucas horas antes de chegar a Belém já encontra na margem direita do rio, esquerda de quem sobe, algumas povoações que indicam a approximação da capital: são as villas balnearias de Mosqueiro e Pinheiro, onde vão veranear as familias abastadas de Belém. Linhas de pequenos vapores tornam facil a communicação.

A correnteza em toda a parte baixa do rio é extraordinaria, quando coincide com a vasante, pelo que a nossa subida não foi rapida, dando-nos tempo de examinar a paisagem, que offerece pouca coisa de interessante: — um rio largo, de aguas sujas e barrentas, salpicado de ilhas, entre as quaes a de Tatuóca, convertida em lazareto; margens cobertas de plantas arbustivas; varias falúas de pesca, e, quasi ao chegar a Belém, um pequeno forte, original por occupar toda a ilha, como um rochedo, e por sua fórma redonda, lembrando outro egual já observado na Bahia.

E' o forte da Barra.

A cidade de Belém fica situada pouco abaixo da foz do Tocantins e, vista de longe, apenas se impõe por sua extensão e pelo movimento extraor-

dinario do porto, — onde se encontram, emparelham e cruzam, desde os maiores transatlanticos da *Booth-Line, Hamburg-Sud-Americanieche* e navios portuguezes, até aos innumeros e variados vapores fluviaes, differentes na fórma e no tamanho, mas egualados pelo nome popular de *gaiolas*. Estes similham grandes lanchas ou rebocadores, cujo tombadilho vai de popa á prôa, sem camarotes, que são substituidos por salões dormitorios, onde cada um arma a sua rêde á vontade.

Pertence o maior numero desses vapores fluviaes á *Companhia do Amazonas,* que lá funcciona ha 50 annos. O calado dos *gaiolas* permitte-lhes o accesso aos mais remotos affluentes da vasta rêde fluvial amazonica. Além delles e das pequenas lanchas de serviço interno do porto, ha grande numero de botes de desembarque ou de pesca. Muitas casas commerciaes de primeira ordem possuem tambem navios fluviaes destinados a sua troca de mercadorias com o interior. Ao longo da praia extendem-se varios trapiches, com suas pontes mais ou menos projectadas pelo rio, e sempre feias, demonstrando a necessidade imperiosa de um cáes corrido, cáes que se póde construir porque não falta profundidade sufficiente junto das margens, tanto que os navios do *Lloyd* encostam facilmente ás pontes. O cáes corrido, além de trazer vantagens praticas, melhoraria a esthetica da cidade, a que esses mesmos e vetustos trapiches dão um tom desgracioso. Essa má impressão ainda é augmentada pelo estado de abandono do Arsenal de Marinha, com suas paredes bolorentas. Logo após o desembarque, encontra-se o Necroterio, bello edificio que por ser o primeiro que se vê, impressionaria mal si não fosse a sua architectura algum tanto ecclesiastica, mas que dá boa impressão. E' esplendido o seu arranjo interior. Lá se encontram asseadas mesas de mar-

more, ricos armarios de ferros de autopsia e lavatorios modernos, antisepticos e custosos. E' estabelecimento municipal, mandado construir pelo senador Antonio Lemos.

Necroterio Municipal

Logo adeante fica a doca de *Vêr o Peso*, num sacco artificial em fórma de U, reduzido a cáes e ao qual vêm atracar, innumeras embarcações a vela,

Mercado de Ferro e Doca de vêr o peso

carregadas de fructas, cereaes ou palhas de palmeiras para coberta de casas nos arredores da cidade.

Quando o río baixa fica em sêcco o ponto de atracação, o embarcadouro das pequenas falúas que pousam então no fundo da praia, coberto de lama e detrictos, desfazendo em parte, pelo repugnante do aspecto, a impressão tão lisonjeira do Necroterio.

Voltando, porêm, para a direita, avista-se um edificio em construcção, com grandes columnatas de cantaria portugueza, começado nas épocas de prosperidade financeira, e cujas obras tiveram de ser sustadas por motivo de prudente economia. E' o edificio, ou melhor o palacio da Bolsa. E' pena que a sua conclusão tivesse sido adiada, porque o local bem precisa daquelle embellezamento.

Poucos passos além, o grande movimento da rua João Alfredo indica logo que a gente já se acha na parte commercial daquelle grande emporio. Grandes sobrados de solida construcção portugueza, cujos baixos são occupados por importantes casas de negocio; grandes edificios como os de alguns bancos; a Torre de Malalakoff, especie de bazar gigantesco; o Bom Marché; a Casa Carvalhaes, mercearia aristocratica e fina. Extraordinario movimento de transeuntes, carros, carroças e bondes como que estão a dizer que o viajante já chegou á primeira cidade do norte do paiz. Foi essa ao menos a nossa primeira impressão na curta viagem que fizemos da doca de *Vêr o Peso* ao Hotel da Paz, na Praça da Republica.

O hotel não desmentiu a bôa reputação que já nos tinha chegado aos ouvidos.

Quartos arejados, bonito e espaçoso refeitorio, variado *menu*, em que faziam bôa figura o camorim e o delicioso abacaxi, e serviço prompto, de quarto como de refeitorio. Este hotel tem o

modesto nome de *Café da Paz*, o que denota o começo de sua entendidade commercial.

Avenida Central

O nome deve ter provindo de sua visinhança com o theatro que lhe fica quasi fronteiro e que, a favor das qualidades acima apontadas, tem ainda a vantagem de estar collocado num ponto por onde passam varias linhas de bondes.

Tomando a esmo um destes, com o desejo de fazer um reconhecimento pela cidade, fomos ter á Avenida Nazareth, larga e de uma arborização imponente, causando logo á entrada bellissimo effeito por sua grande extensão rectilinea, pela altura das arvores que

Pará (Brazil). Avenida Nazareth.

Avenida Nazareth

a margeiam e que, confundindo as cópas lhe dão a perspectiva de um grande tunel de verdura, umbroso e fresco.

E' um allivio para quem vem açoutado pelos raios ardentes de um sol a pino.

São essas arvores velhas mangueiras, o que é um pequeno defeito, apesar da belleza que ostentam, porque, vistas de perto, muitas se apresentam com o tronco tortuoso, onde se vêem cicatrizes produzidas por um machado regularizador, com o fim de evitar que os galhos externos ao leito da avenida alcancem os tectos das casas baixas ou, indiscretos, penetrem pelas janellas das mais altas.

As mangueiras são arvores que deitam abaixo muita folha e si é exacto que as folhas caidas, quando verdes, constituem um tapete aromatico, classico nas festas, quando sêccas e espalhadas lembram a cada instante que a rua não foi varrida.

Comtudo, pela grandeza e magestade que apresentam nas zonas tropicaes, pelas sombras de vasto diametro projectadas por sua densa ramagem, parece-nos que devia ser tolerada a sua implantação nas grandes praças. Entretanto, foi essa a arborização predilecta das antigas administrações municipaes, porque muitas outras avenidas, como a de S. Jeronymo, e tambem ruas, encontrámos povoadas pela mesma especie vegetal. Em todo o caso, antes a mangueira do que o esqueletico *chapéu de sol* que tambem se encontra em algumas ruas.

As casas da Avenida Nazareth lembram-nos a edificação maranhense, com a sua profusão de azulejos pelas paredes, significando as relações intimas que a geographia e a historia estabeleceram entre os dois Estados. Apesar disso, já é no entanto bastante grande o numero de predios de architectura moderna, com elegantes platibandas e um ou outro chalet.

Panorama da Praça da Independencia

(LADO POSTERIOR)

Embora seja de pouco gosto a impressão geral das construcções particulares, já se encontram muitas casas ladeadas de floridos e artisticos jardins.

A Avenida Nazareth prolonga-se pela Avenida da Independencia quasi com a mesma feição e vai ter a uma vasta praça ainda não beneficiada pela municipalidade, e bem merecedora de melhoramentos por sua bôa topographia. Nessa praça está situada a estação inicial da estrada de ferro de Bragança.

Voltámos pelo bonde do Umarizal, atravessando a principio ruas de bom aspecto; logo depois, porêm, entrámos num bairro que punha a descoberto defeitos da cidade: — casebres, barracões e palhoças de pindoba ao lado de bôas casas, emergindo todas de um terreno pantanoso, aproveitado em certos logares para o plantio de capinzaes. Em certas ruas não calçadas desse bairro a lama denotava que por lá não havia politicos que tivessem sido vereadores.

Esta impressão de que certas partes da cidade estão edificadas em terrenos baixos e alagadiços, nós a colhemos em varios outros passeios de bonde, ou «a bonde» como se diz no Maranhão.

Depois desse primeiro reconhecimento; depois de nos termos certificado ao almoço da bôa mesa do hotel, e já conhecedores da situação do *Musêu Goeldi,* no inicio da Avenida da Independencia, e sobretudo levados por nossa impaciencia de conhecer aquelle estabelecimento, retomámos com prazer o nosso caminho pela Avenida de Nazareth e fomos saciar a nossa curiosidade no Musêu.

Notámos neste segundo passeio que lá as avenidas se chamam *Estradas,* facto que nos tinha passado despercebido no primeiro, e que nos fez desconfiar de que nos tivessemos enganado ao tomar o bonde.

Entrada do Musêu Goeldi

BOTANICO E ZOOLOGICO

O *Musêu Paraense*, que tem hoje o nome do seu director, Dr. Emilio Goeldi, occupa uma vasta chacara que tem crescido por desapropriações de terrenos contiguos, segundo os progressos do estabelecimento (que são rapidos), e divide-se em duas partes bem distinctas: — o estudo da naturesa viva, representada pelo jardim botanico e zoologico, e o da natureza morta, representada por collecções guardadas no edificio.

Apesar do avassalamento progressivo, já qualquer dessas partes é pequena para conter tanta riqueza armazenada e classificada. Infelizmente o Dr. Goeldi estava na Europa, onde tinha ido tomar parte no *Congresso dos Americanistas*, tendo-nos

feito gentilmente as honras da casa o seu substituto Dr. Hüber, chefe da secção botanica.

A impressão que se tem das collecções botanicas e zoologicas do jardim é muito mais profunda e instructiva do que a das suas congeneres guardadas no edificio, como sejam o herbario e grande numero de especimens de animaes preparados.

E' que a natureza viva, dando uma idéa muito mais completa da coisa observada, attrai e instrue muito mais, não só aos entendidos como aos leigos.

Musêu Goeldi

SECÇÃO BOTANICA

A secção botanica comprehende pequenos bosques, verdadeiros tufos de vegetação tropical, onde o Dr. Hüber nos foi mostrando os mais interessantes exemplares da flora amazonica. Ahi tivemos opportunidade de conhecer de perto e em todas as épocas de seus estadios a famosa seringueira, outróra denominada *siphonia elastica* e hoje baptisada pelo nome que mais nos aguça o patriotismo de — *hevea braziliensis*.

As suas folhas são de notorio verde claro, cara-

ter que já nos tinha servido para, num momento, (dadas as manchas brancas do caule) distinguil-a das muitas outras arvores ribeirinhas do Amazonas. Ahi vimos a facilidade com que poreja o leite, a preciosa seiva, nas incisões feitas no tronco do vegetal.

Ao lado das seringueiras, para seguir-se melhor o estudo comparativo, estão dispostas varias outras plantas lactogeneas e especialmente o cáucho, da especie *Castilloa elastica*, que ultimamente tem sido encontrado em abundancia nas margens do Tocantins. Lá estão numerosas variedades de palmeiras, algumas classificadas por Barbosa Rodrigues. Ao lado de plantas uteis á industria viam-se outras aproveitadas em materia medica e proprias daquelles climas : — quinas, cocas, ipecacuanhas, guaranás, etc., que denotam que preside á arborização do jardim um cunho não só pratico como tambem esthetico e scientifico. Entre as arvores curiosas surprehendeu-nos uma malvácea cujas folhas arredondadas tinham o diametro de mais de um metro.

Em caramanchões artisticos, bem situados no jardim, notavam-se collecções de orchideas raras, todas indigenas, e enorme variedade de begonias e bromelias.

Rio Amazonas

VICTORIA REGIA

Pareceu-nos que as palmeiras forneciam as variedades mais abundantes em todo o parque. Sentimos que estivesse então em reparos o tanque de cimento em que se costuma cultivar a maior flôr aquatica do mundo, a celebre *Victoria Regia*, a que o povo de lá denomina expressivamente de *forno*, em virtuda da similhança que ha entre suas folhas fluctuantes e os fornos de torrar farinha. Tinhamos, pois, vindo do Amazonas sem conhecer essa maravilha cantada por todos os seus visitantes.

O Dr. Hüber, á medida que nos mostrava as plantas, nos ia tambem dando os seus nomes scientificos e descrevendo-lhes a utilidade que nos ficou de memoria, ao passo que os nomes se evaporaram, porque, além de arrevesados e complicados eram em. . . latim e grego.

Passámos depois ás *menageries* em cuja observação nos demorámos mais. E' que a todos apraz a contemplação dos movimentos saltitantes dos macacos e de outros simios, o colorido vivo das araras, guarás, urubús-reis, tucanos, papagaios, marrecas e outros animaes. As gaiolas são todas bem

Musêu Goeldi

VIVEIRO DE PASSAROS

construidas e mantidas com muito asseio. Em algumas havia troncos de arvores postos para darem aos animaes *soltos* naquelle presidio uma illusão de sua liberdade na floresta.

Attrahiu a nossa attenção um viveiro de aves aquaticas de enorme variedade, desde o socó-boi, solemne, as colhereiras, as garças de varias côres e tamanhos, as jassanans, os ibis ou guarás, até ás varias especies de marrecos, irêrês, etc., movendo-se todos ao redor de um pequeno lago.

Musêu Goeldi

RESERVATORIO D'AGUA

Em gaiolas fronteiras estavam grandes reptis aquaticos (jacarés, sucuris, tartarugas) e os puraquês, os peixes electricos. Não vimos as piranhas tão sedentas de sangue e famosas nas narrativas amazonenses. Outras gaiolas continham onças, tamanduás, quatis, tatús, preguiças, iácas, aves de rapina, etc. Os macacos eram numerosos em especies e em exemplares, occupando diversas gaiolas. Ao fundo do jardim ficavam animaes mais ou menos aggressivos, separados por cercas de arame; queixadas, caitetús, antas, veados, emas, etc.

Para se fazer uma idéa de quanto é rico o musêu neste ramo, basta dizer que é a especialidade do seu director, de notoria competencia.

Nos salões do edificio vimos as collecções ethnographicas, que nos pareceram pouco ricas, attendendo ao interesse que desperta este problema da nossa historia, sobretudo no valle do Amazonas, onde ainda se encontram os elementos primitivos das raças indigenas.

No salão de zoologia, em diversos armarios mostradores, a variedade de especimens é grande, embora a sua agglomeração difficulte o exame.

Na sala de geologia encontram-se collecções completas, quasi todas extrangeiras.

Os mosquitos, como por tôda a parte no valle do Amazonas, pregaram peça á nossa curiosidade. O Dr. Gœldi tinha levado para a Europa as suas bellas collecções, afim de se lhes confirmarem as classificações. A riqueza de herbarios deve ser grande, dado o interesse que lhes liga o do Dr. Hüber. Não os pudemos ver, devido á escassez de tempo.

A impressão geral do *Muséu Goeldi* é a de muita cousa grandiosa, num meio acanhado. O governo já comprehendeu isso e providenciou para a construcção de um grande edificio todo de ferro, a esta hora encommendado na Europa. Tivemos o prazer de ver-lhe a planta e ouvir-lhe a descripção pelo Dr. Augusto Montenegro, e podemos assegurar que o musêu do Pará virá a ser, como estabelecimento scientifico, o primeiro do Brazil. — Tambem é o valle do Amazonas o depositario de nossas maiores riquezas naturaes, o que justifica quaesquer despezas que os respectivos governos tenham de fazer para o seu registo scientifico.

II

A nossa estada no musêu já nos fazia dar por bem empregada a visita ao Pará; mas, justamente por isso, a nossa curiosidade se augmentou, certos como nos achavamos de que tudo o mais deveria corresponder a essa bôa impressão.

Contavamos com a recepção gentil dos collegas da hygiene, como nos acontecera em Manáus, e demo-nos pressa em visitar-lhes a repartição.

Fomos recebidos pelo Dr. Francisco de Miranda, director do *Serviço Sanitario*, que, desde então, não mais nos abandonou, e que com extrema gentileza nos fez ver não só as secções do serviço que dirige como os demais estabelecimentos publicos que nos interessavam.

A séde da repartição sanitaria é na ala esquerda do palacio presidencial, o que faz comprehender o grande interesse do governo actual por este ramo da administração.

Palacio do governo e Forum
Repartição de hygiene

Effectivamente tivemos, no nosso primeiro encontro com o governador, o prazer de ver confirmada a nossa suspeita.

Tendo o illustre politico sido tambem forçado a tomar medidas extraordinarias para combater uma pequena epidemia de peste que apparecera em sua capital, conversou longamente comnosco sobre este assumpto medico, revelando que acompanhou com summo interesse a acção dos seus hygienistas e que tinha conhecimento de noções muito exactas — o que não era de esperar num leigo, embora culto. Não contente de dar-nos esta nota sympathica e agradavel, teve a gentileza de nos convidar a acompanhal-o em visita ao laboratorio de hygiene, que já está montado. Ahi, ao lado de cada apparelho ou instrumento de laboratorio, o seu interesse era sempre o mesmo, deixando ver que lhe conhecia o funccionamento e que acompanhara com zelo as suas installações.

O laboratorio está sendo installado na parte superior da ala esquerda do palacio, do qual occupa duas salas grandes, bem illuminadas e outras menores, entre as quaes a da bibliotheca e a da microphotographia.

As salas são ladrilhadas, de paredes impermeaveis e têm varias mesas de vidro ou porcellana, umas e outras para trabalhos de bacteriologia, para trabalhos de chimica.

Não desceremos a pormenores que não seriam talvez interessantes para os leitores. Só diremos que o governo não tem regateado recursos, sobretudo para a secção de bacteriologia, onde nos foram mostrados, entre outros, um microscopio de Watson, grande modelo, custo de 5.000 francos, que nos affirmaram ser o unico no Brazil, e bem assim apparelhos aperfeiçoados para a microphotographia.

Tambem merece especial menção a bôa sala de

leitura, luxuosamente mobiliada e enriquecida de muitas obras modernas de hygiene e engenharia sanitaria.

No Laboratorio de Chimica funccionam as aulas da Escola de Pharmacia, creação nova do actual governador, que mais uma vez mostrou a sua sympathia pelas coisas da medicina.

A Escola de Pharmacia tem por emquanto uma organização defeituosa.

Basta, para o provar, dizer que os seus professores são inspectores sanitarios em commissão, quando as conveniencias do ensino exigem que os professores sejam especialistas e até — vitalicios. Além disso, o programma do ensino, subordinado ao das academias federaes, lhes tem os mesmos defeitos: — resumido e deficiente.

A Escola é mantida pelo Estado e tem apenas o goso do laboratorio, uma sala de aulas theoricas no pavimento terreo e a pratica ou manipulação na pharmacia da Repartição de Hygiene. O seu director é o Dr. Francisco Miranda.

A orientação do governo em assumpto de medicina tem sido centralisadora. Assim, o director de hygiene é ao mesmo tempo director da Escola de Pharmacia e do Hospital de Misericordia.

A assistencia publica foi a principio dirigida por particulares, sob a capa de uma irmandade; mas como o governo é quem lhe supporta quasi todas as despezas, a pouco e pouco lhe foi abarcando e absorvendo a administração, até que pôde confial-a ao seu director de hygiene.

Desta fórma os medicos têm voz activa na Santa Casa, e nem se comprehende que haja hospitaes cuja direcção não esteja sob a responsabilidade exclusiva dos medicos.

O exemplo do Pará deve ser imitado cá no sul. Em S. Paulo, por exemplo, o governo é o

grande protector da Santa Casa, sem que entretanto influa na sua administração interna.

Os inspectores sanitarios fazem tambem a assistencia domiciliar e a medicina publica, revesando-se nos diversos serviços; trabalham no policiamento sanitario só até ás 10 horas da manhan. Depois dessa hora os seus serviços têm remuneração extraordinaria. Tambem não são obrigados a serviço no interior, o que não impede que sejam os preferidos para os contratados dessas commissões.

A municipalidade mantem ainda um serviço de hygiene, visando o saneamento das habitações particulares.

O policiamento sanitario estadual só se preoccupa das habitações collectivas e do combate ás molestias infecto-contagiosas.

Apesar das multiplas preoccupações, o Dr. Francisco Miranda justifica a confiança depositada em si pelo governo, dando-nos a impressão de um hygienista escrupuloso, enthusiasta da sua especialidade e sobretudo da grandeza de sua terra natal.

Assim é que foi com visivel satisfacção que nos

Hospital para Tuberculosos, antigo hospital Domingos Freire

mostrou as diversas dependencias de sua repartição: — o Hospital de Isolamento para variolosos; o Hospital Domingos Freire, para tuberculosos, e o Hospital da Santa Casa.

O hospital de variolosos e o Domingos Freire acham-se bem situados, afastados da cidade, em vasto terreno proprio, aberto em matta virgem e que fica para traz da estação da estrada de ferro de Bragança. O primeiro, pouco tem de notavel; é pequeno, especie de hospital-barraca, de construcção antiga. O Hospital Domingos Freire, porém, é um bonito pavilhão, com duas alas e um corpo central, tendo uma dependencia para residencia das irmans de caridade, que servem de enfermeiras. Esse hospital foi a principio construido para amarellentos, mas actualmente serve para tuberculosos indigentes. As janellas são guarnecidas de télas de arame para evitar a penetração dos mosquitos e assim se conseguiu extinguir as infecções palustres que antigamente eram frequentes entre os internados. Na dependencia, ao lado, vimos o quarto em que falleceu o Dr. Walter Myers, um dos membros da commissão ingleza chefiada por Durhan, que esteve no Pará estudando a febre amarella.

A cem metros mais ou menos do hospital fica um estábulo com escolhidas vaccas que fornecem o leite para os tuberculosos. O estabulo, que é todo impermeavel, bem arejado e illuminado, e servido por agua abundante, satisfaz todas as exigencias hygienicas de installações desta natureza. Devemos ainda consignar que em materia de prophylaxia social contra a tuberculose o Pará caminha na vanguarda. E' o primeiro Estado do Brazil que tem um estabelecimento destinado exclusivamente á assistencia gratuita dos tuberculosos.

A Santa Casa, ou hospital de caridade, fica situada em uma parte algum tanto baixa da cidade,

Santa Casa de Misericordia

de sorte que só é avistada por quem della se approxima. E' um edificio enorme, todo pintado de branco e de gosto moderno.

Visto de certa distancia, parece um edificio monumental compacto, o que seria um anachronismo hoje; percorrendo-o internamente verifica-se, porêm, que é constituido por cinco pavilhões, — um, central, destinado á administração, e dois de cada lado, cammunicando-se todos por meio de passadiços. O edificio central tem salas luxuosas, destinadas á reunião do conselho administrativo, ao archivo, secretaria, thesouraria, etc. Nos pavilhões lateraes ficam as enfermarias.

Nestas não faltam ar e luz, nem tão pouco a agua, que é abundante.

Os passadiços são ladrilhados, facilitando a manutenção do asseio, que se observa no hospital.

A sala de operações é modesta.

De caminho visitámos o Hospital D. Luiz, ou Beneficencia Portugueza: — edificio espaçoso, melhorado em suas antigas construcções e adaptado de accôrdo com as exigencias modernas. Entre as coisas antigas figura um grande salão central, de pouca luz, e entre as modernas uma bôa sala de

Hospital D. Luiz

BENEFICENCIA PORTUGUEZA

operações. E' um hospital rico, o que não é de extranhar, attendendo-se a que a colonia portugueza em Belém é composta de mais de 18.000 individuos, dos quaes grande numero de posição influente no alto commercio.

Asylo de Mendicidade

FACHADA PRINCIPAL

Em outro dia visitámos, ainda em companhia do Dr. Miranda, o Asylo de Mendicidade e o Instituto Lauro Sodré.

O Asylo de Mendicidade está situado perto de uma das primeiras estações da estrada de ferro de Bragança, em meio de uma zona agreste, que indica o bom gosto de quem fez a escolha do local. A construcção é simples como convem a um estabelecimento desta natureza, mas a divisão interna é commoda e consta de tres grandes secções longitu-

Asylo de Mendicidade

PASSAGEM PARA O REFEITORIO

dinaes. Nas duas lateraes ficam os asylados, e na central a capella, a pharmacia e as dependencias da administração. Ha certo luxo, contrastando com seus fins, na escolha da mobilia, e um asseio rigoroso, que dá bôa nota da sua administração. Todos os corredores e passadiços são ladrilhados, todo o edificio illuminado a luz electrica. Annexas ao asylo existem differentes officinas destinadas a dar trabalho aos recolhidos. Fica a um lado a residencia principesca do capellão, num elegante chalet e,

junto deste, projecta-se um outro chalet para residencia do medico.

Asylo de Mendicidade

CORREDOR E PARTE POSTERIOR DO REFEITORIO

O asylo é um dos motivos de orgulho da administração Lemos, na intendencia municipal.

Com effeito, o Asylo de Mendicidade do Pará é incontestavelmente o melhor do Brazil. Lá não é grande desgraça ser mendigo, porque o mais que póde acontecer ao miseravel pária é ser recolhido a um palacio confortavel e até luxuoso.

O Instituto Lauro Sodré foi fundado ha 33 annos pelo conselheiro João Alfredo, e já no primeiro anno de funccionamento, pelo excesso da renda sobre a despeza (sendo a primeira de 15 contos e a segunda de 7 contos de réis), o Instituto demonstrava a sua utilidade e valor pratico. Tendo passado por diversas modificações, e sempre a progredir, foi elle installado na administração do Dr. Paes de Carvalho em um soberbo edificio, que actualmente se levanta no Marco da Legua, tendo

recebido o nome do politico paraense, que ainda conserva.

Instituto Lauro Sodré

E' um instituto profissional destinado a trezentos alumnos, comprehendendo, além do indispensavel cultivo intellectual e physico, ministrado em aulas primarias, o estudo de desenho, musica, gymnastica, chimica e physica, e o ensino profissional dado nas officinas de sapateiro, funileiro, marceneiro, alfaiate, ferreiro, typographo e encadernador.

Instituto Lauro Sodré

Sabiamente administrado, o Instituto é hoje fonte de renda para o Estado. Lá se fazem todas as roupas para os proprios alumnos, para os presos da cadeia, fardamentos para o regimento policial e ainda roupas para particulares. Todas as encadernações e muitas impressões do Estado são lá feitas, além do mobiliario para as escolas e obras diversas, de encommenda, para particulares, calçado para o collegio e regimento, e obras de ferreiro e serralheiro para os divessos estabelecimentos mantidos pelo governo, etc.

As officinas possuem 93 machinas auxiliares, ultimamente installadas por ordem do Dr. Montenegro, governador, que parece conservar a tradição paraense de amor á prosperidade daquella instituição.

O director do Instituto não se achava então presente, mas o seu substituto, o Sr. Lima Guedes, guiou-nos nessa visita, dando-nos opportunidade de admirar o grande interesse que toma pela casa, para cujo engrandecimento muito tem concorrido.

E' uma instituição muito digna de ser imitada no sul do Brazil, onde o ensino profissional vai sendo avassalado pelos salesianos. Temos no Rio, na Bahia e em São Paulo lyceus de artes e officios, mas os dos salesianos estão se multiplicando muito mais do que os de iniciativa dos governos e de leigos.

Póde-se dizer que o serviço profissional no sul está quasi todo em mãos de extrangeiros, pelo menos em S. Paulo.

— Em nossas visitas verificámos que a amabilidade dos paraenses não differe da dos nortistas em geral. Ao terminar as visitas eramos sempre obsequiados com champagne e outras bebidas finas. A nossa curiosidade nos vinha, porêm, perguntando:

— E o assahy?

Não ha quem visite o Pará que não seja informado pela lenda popular que:

> Quem vai ao Pará, parou;
> Quem bebe assahy, ficou.

Entretanto o assahy não apparecia. Foi por isso que fomos levados a procural-o nas mercearias mais finas, nos botequins, suppondo-o um refresco saboroso e raro. E foi com grande desapontamento que tinhamos como resposta, por entre um riso de complacencia ou mofa e ás vezes partindo de uma physionomia desconfiada, a mesma phrase:

— Aqui não ha disso.

Afinal encontrámos uma alma caridosa que, comprehendendo que eramos victimas da nossa ingenuidade, nos informou que o assahy só era encontrado nas pequenas tabernas assignaladas por uma bandeirinha vermelha.

Desconfiámos por isso que o assahy não é bebida da *elite*, e só então comprehendemos a razão de ser de muitas bandeirinhas guerreiras em certos botequins baratos das ruas João Alfredo e adjacentes.

Tomámos então a capa virtual de viajantes incognitos e penetrámos na primeira taberna ostensivamente pacifica que se nos deparou. A nossa entrada veiu despertar o vôo de uma myriade de moscas, que fingiam de mosaico na mesa. Appareceu-nos o patrão, que era ao mesmo tempo o caixeiro, e perguntou-nos:

— Quer com farinha ou sem ella?

A principio cuidámos que o bom homem de mangas de camisa se referisse a algum prato portuguez, que, como as iscas, se comesse com batatas ou sem ellas, substituida a batata pela farinha, e pedimos, já fatigados de tanto perguntar, que nos

trouxesse o assahy fosse como fosse. Afinal, tivemos ensejo de ver o que era a bebida popular. Numa garrafa de litro trouxe-nos elle um liquido xaroposo, quasi um mingáu, de côr vinhosa escura, entre lilaz e violeta.

A garrafa veiu á mesa apenas para que reconhecessemos que iamos beber o legitimo assahy, como nos banquetes fazem os serventes que apresentam á mesa o prato e o acepipe, antes de o trinchar, para voltarem dentro de pouco tempo, trazendo-o então retalhado. Com effeito, em seguida foram-nos servidos dois copos de assahy já preparado, de sorte que não ficámos sabendo quanto foi posto do tal xarope grosso em cada copo. O aspecto do refresco não convida a proval-o. E' oleoso, chegando-se a vêr particulas gordurosas em suspensão, dando ao todo a apparencia de uma emulsão grosseira. O sabor é enjoativo, adocicado e adstringente.

Então comprehendemos o motivo por que ninguem nos offerecia o tal assahy. E' preciso ser paraense para o apreciar. O assahy nada mais é do que uma bebida preparada com a polpa, triturada e diluida em agua, dos frutos da palmeira assahy, *(Euterpe oleracea).*

Na sua confecção predomina o pericarpo ou casca do fruto, o que se reconhece pelos fragmentos e residuos asperos e insipidos que ficam na bocca. Os filhos da terra preferem saboreal-o de mistura com farinha. Esta addição vem augmentar o seu poder nutritivo, tido em grande conta pelos indigenas, tanto que fazem do assahy uso diario e constante na sua alimentação.

— Continuando pela cidade a nossa peregrinação de tornistas, visitámos a bibliotheca publica. Fica situada na rua Campos Salles, perpendicular á João Alfredo, e portanto em parte muito central da

cidade. O edificio é proprio e compõe-se de vastas salas de leitura, circumdadas e sub-divididas por estantes repletas de livros ou de manuscriptos preciosos e bem catalogados. E' seu director o Sr. Arthur Vianna que é na Bibliotheca *the right man in the right place*. Esta locução, na sua applicação a esse director de bibliotheca, póde ser traduzida pela phrase sediça e fóra da letra, *traça de archivo*.

E' o que é o Sr. Arthur Vianna. — Lê e relê manuscriptos e alfarrabios, de que sua bibliotheca tem copiosa messe e, como escriptor de estylo fluente, sabe fazer reviver nos Annaes da Bibliotheca e em diversas outras publicações o passado e os factos gloriosos de sua terra. Ainda assim a actividade do illustre bibliophilo extende-se á imprensa diaria, sendo redactor do *Jornal do Commercio*, orgam independente e quiçá situacionista.

A proposito de imprensa devemos dizer que a do Pará é de primeira ordem. Além do *Jornal do Commercio*, são editados mais dois grandes orgams diarios, a *Folha do Norte*, opposicionista, e a *Provincia do Pará*, ultra-governista, bastando, para o demonstrar, dizer que é seu redactor chefe o senador Antonio Lemos.

Todos os jornaes são muito minuciosos em suas informações ao publico, que, por meio do telegrapho, trazem ao corrente do que se passa de importante em todo o mundo.

A *Provincia*, sobretudo, é neste sentido um jornal muito bem feito, como se costuma dizer na gyria da imprensa. Durante muito tempo trazia ella diversas columnas sob o titulo de *Senador Lemos*, exprimindo o fetichismo pelo seu chefe, tambem chefe politico de grande prestigio no Pará.

Não tivemos o prazer de conhecer pessoalmente o senador Lemos, o que é tanto como ir a Roma e não ver o papa. Visitámos, porém, o logar em

que pontifica, essa especie de *Vaticano*, a intendencia municipal. Fica ao lado do *Quirinal*, isto é, junto do palacio do governo, construido pelo marquez de Pombal.

O edificio na intendencia não foi construido por aquelle marquez; é mais moderno, pois data de 1883. Apesar disso com elle se parece na fórma de caixão e nas cimalhas triangulares. Percebe-se que houve certa preoccupação de fazer *pendant*. Está situado na Praça da Independencia e é dividido em dois andares, pelos quaes se acham distribuidas, além das repartições da intendencia, algumas estaduaes, como o Congresso. Sobe-se ao primeiro andar por uma bella escadaria de marmore e logo depois se entra na Secretaria, cujas variadas secções, inclusive a recebedoria, pagadoria, etc., occupam um vasto salão dividido por móveis telas de arame, muito praticas e muito bem trabalhadas.

Este systema facilita a medida e a circulação do ar, dando frescura e conforto aos funccionarios que trabalham no salão. A innovação só merece elogios, — o que não impede á gente de se lembrar da republica de estudantes que, occupando uma só sala, tinha sido dividida por traços de giz no soalho. A divisão era virtual, mas ninguem atravessava as fantasticas paredes nem transpunha as portas dos aposentos sem bater palmas e ter permissão de ingresso.

Na intendencia do Pará a divisão é menos virtual, e tem de certo muito mais virtudes.

No gabinete do intendente, luxuosamente mobiliado, tivemos a satisfacção de admirar o famoso quadro de *De Angelis*, representando os « Ultimos momentos de Carlos Gomes ».

O Pará perpetuou numa tela grandiosa o seu brasileirismo, revelando assim a sua admiração por uma das nossas maiores glorias artisticas, e, ao

Ultimos momentos de Carlos Gomes

mesmo tempo, dando arrhas de seu amôr á arte. A tela representa o grande maestro campineiro reclinado numa *chaise-longue* e cercado pelos homens politicos mais eminentes do Pará, sendo expressiva em todas as physionomias a dôr inspirada pelo soffrimento do notavel artista.

Na Intendencia de Belém, attrái ainda a attenção do visitante o archivo, rico repositorio de alfarrabios referentes a toda a historia do norte de nosso paiz e donde saíram, segundo nos informaram, bons elementos de prova para os nossos litigios do Amapá e do Acre. No grande edificio da Intendencia funccionam tambem o Conselho Municipal e o Supremo Tribunal do Estado.

III

Os palacios do governo e da intendencia ficam fronteiros á Praça da Independencia, que é bem ajardinada, e em cujo centro se levanta a estatua do general Gurjão, um dos heróes da guerra do Paraguay.

A estatua é de bronze e pedestre; representa o

Panorama da Praça da Independencia

bravo soldado em tamanho natural e em attitude marcial. Dizem ser de grande fidelidade, constituindo uma obra prima de estatuaria.

A boa impressão que causa dimana em grande parte da belleza do pedestal com suas figuras allegoricas. Aliás, o Pará é uma das cidades brazileiras mais ricas em estatuas. Na praça Visconde do Rio Branco, no centro da cidade, encontra-se a do Dr. Gama Malcher, illustre medico e politico paraense; seu valor artistico é inferior ao da primeira. Não fôra a estatua de Patterson na Bahia e seria a de Gama Malcher a unica estatua levantada a um medico no Brazil. No entanto, as praças publicas da França estão povoadas de filhos de Esculapio.

No Pará não são sómente as armas e a sciencia que têm as suas estatuas; a propria religião tambem mereceu esta distincção na pessoa do bispo D. frei Caetano Brandão, fundador da Santa Casa de Misericordia. Fica a estatua do venerando prelado na Praça da Sé, e olha para a Cathedral, em attitude de quem lança a bençam; é original de D. Angelis, que a projectou. Essa formosa estatua foi erigida em 1900, dez annos depois da separação da Egreja e do Estado, pelo senador Lemos, intendente, em nome do municipio.

Outro monumento publico é a estatua da Republica, que altaneira se levanta na praça do mesmo nome, tendo por pedestal uma columna de marmore, emergindo de um sócco de granito. A Republica é representada por um vulto de mulher bella como Venus, altiva e magestosa como Juno, e guerreira como Diana, encarando confiantemente o futuro de nosso paiz.

A praça em que ella se acha está toda ajardinada, e tem longas avenidas cimentadas e ladeadas de bancos que convidam os transeuntes ao descanço. A arborização das avenidas é toda de frondosas

mangueiras, por entre as quaes produz bellissimo effeito a illuminação a arco voltaico. As ruas adjacentes são as mais bem calçadas da cidade. Durante o dia é grande o movimento do povo; á noite, porém, a concorrencia não está de accôrdo com a belleza do panorama. Pareceu-nos que de algumas ruas visinhas, mal afamadas, vinham visitantes que faziam o effeito da má moéda, expellindo a bôa.

Em outro ponto da praça, e ahi muito bem collocado, fica o theatro da Paz, que estava então em obras.

Já era tido como dos melhores do Brazil; succedeu, porêm, que Manáus construiu o seu theatro, que é um primor de belleza architectonica, e então, todo cheio de ciumes, resolveu o Pará melhorar o seu.

Visitámol-o em obras e assim mesmo o achámos sumptuoso, já pela belleza de seus frescos, pelo luxo do seu *foyer*, e já pelos terraços que lhe correm da frente para os lados, bordados de vistosas columnatas.

— A Avenida de Nazareth é interrompida por outra praça, a de Justo Chermont, occupada numa das faces pela egreja de Nazareth e onde ficam, por entre taboleiros de grâma, nada menos de cinco corêtos para musica, dentre os quaes sobresai o corêto central, vasta cupula sustentada por uma successão de columnas em circulo, dando a idéa de um templo grego.

A praça de Baptista Campos, a mais moderna, parece ser aquella em que mais caprichou o gosto da municipalidade.

Alas tortuosas levam o visitante por outros tantos canteiros floridos, através de pontes artisticas, superpostas a lagos artificiaes, ora a um caramanchão agreste, ora a um corêto elegante, e ora a uma ruina que simula um torreão de velho castello.

Praça Baptista Campos

Ninguem achará que nesse jardim tenha guarida a monotonia. Pode-se até dizer que por parte do seu constructor houve abuso de pontes. Não eram ainda extinctas as impressões de umas quando outras já se nos deparavam em caminho.

Não contentes com o ajardinamento das praças, os paraenses, zelosos da pujança de sua vegetação tropical, tiveram a feliz idéa de conservar e melhorar bem perto da cidade um bom pedaço dessa matta virgem, então transformado em parque, tão admirada pelo extrangeiro que nos visita e tão perseguida pelo machado do agricultor, transformando-a num bellissimo parque. Alli, por entre cascatas artificiaes encontram-se pequenas cabanas de palha, imitando ranchos de indios. Bancos toscos, feitos de velhos troncos, offerecem repouso ao transeunte, e por toda a parte a natureza pujante e esplendorosa agradece com o balsamo de suas folhas e flôres a acção acariciadora do homem que a beneficia.

O bosque fica no Marco da Legua, pouco antes do Instituto Lauro Sodré, do Hospicio de Alienados e do Asylo de Mendicidade.

Bosque Municipal
CASCATA

Já nos referimos á Cathedral quando falámos da estatua de frei Caetano Brandão. E' um templo construido pelos jesuitas no XVII seculo, de grandes proporções e reformado pelo bispo D. Antonio de Macedo Costa, illustradissimo prelado brazileiro, de saudosa memoria.

A nave, sustentada por soberbas arcarias, é toda revestida de finas pinturas a fresco. Nella, como tambem no altar-mór, destacam-se valiosissimos marmores da Italia, offerta do papa Pio IX ao egregio prelado brazileiro, quando se estava reconstruindo o templo. Uma feição caracteristica desta egreja é a substituição das imagens em todos os altares por pinturas a oleo de alto lavor, muitas das quaes são trabalhos de De Angelis.

Cathedral e panorama da praça

Interior da Cathedral

— Na rua Quinze de Novembro, não muito longe da doca de Ver o Peso, fica o antigo Mercado Municipal, vasto casarão em fórma de quadrilatero, de feição banalissima, tendo ao centro um chafariz de marmore. A sua divisão é a que se nota em todos os mercados antigos: — corredores ao longo da face interna das paredes, com multiplas bancas repletas de mercadorias. O movimento é extraordinario e as bancas variadas em artefactos da terra e generos importados dos estados visinhos: — farinha d'agua e rêdes do Maranhão, queijos do Rio Grande do Norte, chapéus de palha de Sobral (no Ceará), fructas em abundancia, predominando o saboroso abacaxi.

Não longe do Mercado Municipal fica o Mercado de Ferro: — amplo, sólo revestido de mosaico,

coberto de telha franceza, tendo nos cantos quatro torres destinadas a pequenas casas commerciaes, claraboias que deixam coar luz farta; abundancia de venezianas e bandeiras móveis, que facilitam o arejamento, — tal é o mercado construido modernamente por iniciativa do senador Lemos.

Notam-se nos mercados de Belém dois defeitos, um commum a quasi todos os mercados do Brazil; é que, devendo ser exclusivamente destinados a generos alimenticios, são invadidos por commerciantes de fazendas, roupas, armarinhos, calçados, chapéus, quinquilharias, etc. O defeito que lhes é proprio é o de ter sotams para moradias dos mercadores e arrendatarios de bancas. Nos mercados nunca devem ser permittidos dormitorios, como não o devem nos açougues. Tirados estes sinões, o Mercado de Ferro mereceria lisonjeira classificação da critica. Retiradas as mercadorias não comestiveis, e occupadas por quem de direito as respectivas bancas, o mercado de ferro não daria a impressão que dá de acanhado para o commercio que nelle se faz.

— Em Belém, como em Manáus, o serviço de aguas pertence ao governo estadual. E' feito por elevação e ha na cidade diversas caixas de ferro, de grandes dimensões, assentes em postes tambem de ferro.

Lá se diz que a agua é insufficiente e que se trata de augmental-a, sobretudo para quando estiver completa a rêde de exgottos.

— Belém é toda illuminada a luz electrica; a companhia, porêm, teve a má inspiração de atravancar as ruas com postes bojudos na parte inferior, tomando assim enorme espaço aos passeios já acanhados de algumas ruas mais estreitas da cidade.

O serviço de bondes é feito por tracção animal

e monopolizado por uma companhia que se tem opposto ao estabelecimento da tracção electrica.

E' um facto similhante ao que se nota no Maranhão, e que, neste particular, colloca as duas respectivas capitaes em confronto desvantajoso com Manáus.

Por varias partes da cidade se nota a preoccupação de corrigir defeitos antigos, já, por meio de abertura de largas avenidas, já por alargamento de antigas viellas.

Em uma rua, que vai do centro da cidade ter á praça da Republica, vê-se o espaço desoccupado por demolições, feitas naturalmente pelo influxo da Intendencia Municipal; fomos, porêm, informados de que o arrasamento já data de muitos annos, sem que, no entanto, se tenha completado o beneficiamento da rua. Foi mesmo tolerado que alguns casebres, não alcançados pela área destinada á nova rua, ficassem de pé, afeiando o local.

Emquanto, porém, se cuidava de alargar ruas, a municipalidade inadvertidamente consentiu que uma outra rua, e das mais importantes, fosse atravancada por uma montanha russa, que lhe fecha totalmente a entrada.

— Ha em Belém muito movimento commercial, mas muito pouca actividade industrial, parecendo que a borracha absorve todas as preoccupações, — a borracha, cujo proprio beneficiamente nem siquer é feito no Pará.

Vimos em construcção apenas uma grande fabrica de cerveja, que será, de certo, bem succedida, attendendo-se á grande procura dessa e de outras bebidas alcoolicas em geral.

— Não se póde dizer que haja pendor para o vicio do alcoolismo, raro por lá como em todo o norte; nota-se, porêm, que o uso das bebidas alcoolicas é preferido nos botequins, cousa incomprehensivel

naquelle clima quente. Ouvimos dizer que ha outras fabricas, como de moveis, sabões, massas alimenticias, chocolate, chapéus, etc. Tudo isto, porêm, quasi que se póde chamar exclusivamente a — pequena industria. Fabrica de tecidos . . . nem uma!

Não são numerosos os palacetes particulares, e apenas merecem a classificação de bôas muitas das casas de moradia das avenidas e de outros bairros novos. O Dr. Augusto Montenegro está construindo para sua residencia na Avenida S. Jeronymo um palacete que promette ficar muito elegante. Seja o seu exemplo seguido pelos capitalistas de Belém, e a esthetica geral da cidade melhorará consideravelmente.

— A administração do Dr. Montenegro tem sido muito proficua ao Pará; teve por objectivo, até ha pouco, o restabelecimento do equilibrio financeiro, e agora, que está conseguido o seu fim, graças não só ao regimen das economias como á prosperidade crescente do seu Estado, que as economias bem entendidas não entorpeceram, tem elle em mira — entrar ousadamente na phase dos grandes melhoramentos materiaes.

São disso prova o novo palacio de ferro para o Musêu Goeldi, a fundação da Escola de Pharmacia, a installação caprichosa do Laboratorio de Hygiene, a conclusão projectada do edificio da Bolsa, os exgottos da capital, etc.

A sua reeleição vai em breve assegurar a realização desses melhoramentos. O Dr. Montenegro, succedendo-se a si mesmo, symboliza a administração do Brazil nestes ultimos tempos: — Campos Salles, o consolidador das finanças e Rodrigues Alves, o reformador impavido.

O Estado do Pará tem de renda 6.340:000$000

de réis *ouro*, ou treze mil contos papel, ao cambio actual.

Seus principaes productos de exportação representam um valor de 87.000 contos de réis, dos quaes 94 °/₀ provêm exclusivamente da borracha.

A municipalidade de Belém é a mais rica do Brazil, depois da do Rio de Janeiro. O seu orçamento é 5.875 contos de réis. Só o imposto de industrias e profissões lhe dá uma renda de 2.950 contos. O imposto predial produz 1.250 contos; o matadouro 250; o mercado 200, etc.

O senador Antonio Lemos, intendente municipal e prestigioso chefe politico, gosa em Belém da fama de reformador progressista e disto deixamos consignadas algumas provas no que já temos dito. Entretanto, o bello orçamento do municipio autorizava a esperar alguma coisa mais. Será que a administração Antonio Prado, Prefeito Municipal de S. Paulo, administração fecunda e notavel nos tenha por isso mesmo assim tornado exigentes? E' possivel tambem que nos tenhamos enganado nessa apreciação, mesmo porque desse modo não se comprehenderia com facilidade o prestigio do senador Lemos entre os paraenses.

— Aproveitamos bem o nosso tempo no Pará. Mesmo no ultimo dia, pouco antes do embarque, fomos convidados pelos Drs. Montenegro e Miranda para assistir á primeira experiencia de um apparelho Clayton, adquirido pelo Estado para a desinfecção de embarcações. A experiencia foi realizada num dos vapores da *Companhia do Amazonas*, achando-se o Clayton montado em uma alvarenga convenientemente adaptada para recebel-o. O apparelho funccionou com regularidade e a sua installação figurou e fixou mais uma vez em nosso espirito o interesse que o Dr. Augusto Montenegro toma em sua terra pelas coisas da hygiene e da

Praça da Trindade

medicina. Foi esta a impressão mais lisongeira que nos deixou a visita ao Pará.

FINANÇAS DO PARÁ. — EXERCICIOS LIQUIDADOS. — Como o Amazonas, o Pará soffreu em 1901 forte perturbação na sua vida financeira, em consequencia da baixa do preço da borracha, cujo imposto de exportação fornece 80 °/ₒ da receita estadual. Valorisando-se novamente este producto nos annos subsequentes, as rendas do Estado tornaram a crescer e restabeleceu-se o equilibrio orçamentario.

Nos tres ultimos exercicios, registraram-se estes algarismos, em réis, ouro:

Annos	*Receitas*	*Despezas*
1902 . . .	5.360:160$000	7.147:714$000
1903 . . .	6.563:601$243	7.166:488$000
1904 . . .	7.521:715$597	7.506:586$925

Do confronto de taes cifras, resultam as differenças a seguir mencionadas:

1902. . . .	deficit de	787:604$000
1903. . . .	deficit de	602:866$946
1904. . . .	saldo de	15:128$672

Estas quantias, convertidas em papel, dariam mais do dobro, confórme o cambio. Porque o Pará é o unico Estado que faz o seu orçamento em moéda nacional, ouro.

ORÇAMENTOS. — Nos tres exercicios mais proximos, as leis orçamentarias marcaram estas sommas, em réis, ouro:

Annos	*Receitas*	*Despezas*
1904. . . .	5.905:000$000	5.900:199$970
1905. . . .	6.340:000$000	6.168:491$250
1906. . . .	7.086:000$000	6.709:611$700

Do orçamento de 1906 destacamos os titulos mais importantes da receita, calculada em ouro:

Imposto de exportação	5.500:000$000
» de industrias e profissões.	230:000$000
» de transmissão de propriedades	240:000$000
Serviço de aguas	200:000$000
Estrada de ferro de Bragança . .	200:000$000
Imposto do sello.	90:000$000

A despeza orçada dividiu-se deste modo pelas tres secretarias:

Justiça, Interior e Instrucção. .	3.996:042$700
Fazenda	1.412:860$000
Obras Publicas, Terras e Viação .	1.300:709$000
Total. . . .	6.709:611$700

Verbas destinadas aos principaes serviços publicos:

Governo do Estado.	46:300$000
Poder legislativo.	157:300$000
Magistratura	388:520$000
Policia civil	184:500$000
Brigada militar	1.494:514$700
Instrucção primaria.	718:120$000
Instrucção secundaria, superior e profissional	701:338$000
Serviço sanitario.	225:200$000
Serviço da divida	730:000$000
Obras publicas	400:000$000
Estradas de ferro	455:111$000

O Estado do Pará é um dos que mais gasta com a instrucção publica. A verba destinada a tal serviço quasi iguala á consagrada á tropa policial, que em outros Estados excede de muito ás demais.

Divida. — Ao terminar o anno de 1904, a divida do Pará estava assim discriminada:

Interna fundada	160:600$000
Externa £ 1.500.000, ou	30.000:000$000
Fluctuante.	318:671$900
Total em papel. . .	30.479:271$900

As libras esterlinas do emprestimo externo estão calculadas em papel, ao cambio de 12 d.

Maranhão

Maranhão

Maranhão

I

Manhan limpida e fresca de Fevereiro, bafejada por forte brisa de nordeste. Era a primeira vez em que nos approximavamos das terras do Maranhão.

Navega o nosso barco, o *Maranhão*, do Lloyd Brazileiro, em plena bahia de S. Marcos — uma bahia aberta, sem barra determinada, confundindo a rosea e turva côr de suas aguas com as cores do oceano e apagando-se indecisa no amarello esbranquiçado dos areaes da costa. Como se vê, ha muito já que nos não acompanha a côr esmeraldina dos «verdes mares bravios» do Ceará.

O nosso olhar de curiosos, já cançado do balouçar permanente e voluvel das ondas, atira-se ancioso para o horizonte e só consegue, a custo, deter-se em pequena eminencia avermelhada, que se ergue á esquerda, rodeada por um verde tapete de mangue, de cujo alto sobresai consoladoramente uma pequena torre alvacenta.

E' o pharol de S. Marcos.

Não tem a belleza dos pharoes da Bahia e do Recife. A costa do Norte, rasa e monotona na sua egualdade perenne, não offerece ao viajante os encantos da zona do Sul.

A' direita, ao longe, outros morros modestamente rompem o horizonte. Lá devemos encontrar mais tarde a velha cidade de Alcantara, uma especie de Pompéa maranhense.

Mas o nosso paquete diminue de marcha, e já nos vai parecendo que procura o canal, pois se abeira da costa, á esquerda, e começa a deixar o pharol para traz. Uma ponta de terra, á nossa frente, indica a entrada do porto.

Distinguimos claramente um pequeno forte quadrangular, ladeado por um pharofete e por algumas casas cobertas de telha, que nos disseram ser de banhistas.

Emoldurando este conjunto e dando-lhe a côr tropical — um punhado de graciosos coqueiros.

Nessa entrada do porto, indecisa, desgraciosa e apagada como o são em geral as barras dos portos do Norte, é essa a primeira nota risonha que se nos depara — a Ponta da Areia. O canal ahi é bem chegado á terra. Contemplavamos o pittoresco do panorama, ouvindo as explicações que, solicito, nos dava um filho da terra, e nem percebiamos que o navio ia descrevendo uma curva, quando um passageiro exclamou:

— Lá está a cidade!

Voltámo-nos para bombordo, e á nossa frente, erguendo-se do meio de um horisonte de agua e mangue, extendida por cima de uma colina alongada de norte a sul, ostenta-se a cidade de S. Luiz do Maranhão, a Athenas Brazileira, appellido que o destino mais confirmára ainda, tornando-a, como a sua co-irman antiga, victima de mortifera epidemia de peste. Objecto de nossas constantes preoccupações, havia muitos dias, — a velha cidade, *alma mater* das nossas maiores glorias litterarias, nos attrahia, nos infundia respeito, e nos acirrava a curiosidade. Entretanto, a distancia que tinhamos a

vencer ainda era grande e a nossa impaciencia se aggravava deante da marcha lenta do vapor que se ia esgueirando pelo canal, e cuja helice afinal parou — pouco além da Ponta d'Areia.

Eram nove horas da manhan e tinhamos que esperar a visita da policia do porto.

— Não vem tão cedo, disse-nos um entendido. O medico do porto, devido á peste, retirou-se para fóra da cidade; está no Anil, donde o trem chega tarde. Além disso, aqui não ha lancha a vapor para esse serviço. Virá a remo, e a distancia é grande . . .

Resignámo-nos a essa demora, a que já estavamos aliás habituados em outros portos do Norte. Alli havia ao menos excusas perfeitamente acceitaveis. Demais, aproveitariamos esse intervallo para nos instruir sobre o ambiente que nos cercava. Abeirámo-nos de um grupo de maranhenses, amaveis companheiros de viagem, e, a proposito das nossas interpellações, estabeleceu-se animada conversação, cousa sempre facil entre os homens do Norte.

O assumpto era o porto.

— Cada vez peior; estaremos brevemente sem fundeadouro. As areias o vão entulhando rapidamente, e os paquetes do *Lloyd* já se não atrevem a avançar além da Ponta da Areia.

O porto do Maranhão é formado pela convergencia de dois rios, o Anil e o Bacanga, cujos estuarios se encontram em angulo recto, defronte da cidade. Da fusão desses rios resulta um canal, que, com dois kilometros de extensão por um de largo, talvez, vai desaguar na bahia de S. Marcos, na altura da Ponta da Areia. O facto mais interessante neste porto é a grande oscillação das marés, que, de quatro metros commumente, sobe a oito nas occasiões de plenilunio.

Na maré vasante, o porto estreita-se sensivelmente, deixando descoberto, em secco, um grande banco do lado opposto á cidade, e ficando reduzido a um canal estreito que o margeia. Esta notavel differença das marés é praticamente aproveitada pelos armadores dos portos visinhos, que mandam os seus navios ao Maranhão, afim de soffrerem reparos no casco. Assim, o porto funcciona, pois, como um dique natural.

Parece que as areias que o vão obstruindo são levadas pelo mar e não trazidas pelos rios, de volume e percurso diminutissimos.

Entretanto, o Maranhão não ficará sem porto. A oéste, a poucos kilometros da cidade, lá está a enseada de Itaqui, que offerece todas as condições de um bom ancoradouro: — entrada franca e facil para navios de qualquer calado, grande extensão e profundidade, permittindo até a attracação, e abrigo perfeito. Será lá, portanto, o futuro porto, ligado á cidade por uma linha ferrea de curto trajecto.

Nem se deve temer que essa circumstancia dê logar á formação de uma nova cidade em Itaqui, em detrimento da capital, porque lá não ha elementos para se constituir um grande nucleo de população; falta-lhe sobretudo a agua.

Esta crise dos portos é entretanto geral em todo o Norte, facto tanto mais a lamentar-se quanto a vida de todos elles depende directamente do mar.

Podemos considerar os estados do Norte como outras tantas ilhas virtuaes, insuladas cada qual do resto do Brazil e do mundo, de um lado pelo mar, e do outro pelo sertão inculto, impenetravel. O littoral é o seu pulmão. Por ahi respiram elles a briza forte do oceano; nelle se faz a hematose necessaria á vida commercial, permittindo-lhes, pela

troca dos seus productos, a communicação com o mundo exterior.

Outr'ora, na éra colonial (e no Norte a todo o momento a recordação desses tempos nos é suggerida) a navegação de longo curso contentava-se com qualquer porto. As caravellas eram navios de pequeno calado; qualquer barra de rio lhes servia de abrigo, e assim se constituiram os portos da Parahyba, Rio Grande do Norte, Sergipe, Piauhy e Maranhão, hoje quasi inaproveitaveis. Este ultimo assim mesmo ainda presta os seus bons serviços. Mensalmente visitam-no oito paquetes do *Lloyd*, dois transatlanticos inglezes, dois allemães, além de grande numero de vapores fluviaes que diariamente navegam para o interior, dando assim ao porto muita vida.

— Outra particularidade daquellas praias está na abundancia de tubarões que as frequentam. Dizem os marujos que a approximação delles é revelada por pronunciado cheiro de melancia, perceptivel a bordo das embarcações por elles perseguidas. Contam-se alguns desastres produzidos por essas féras marinhas e o receio que inspiram aos filhos da terra é tal, que, sendo estes muito amigos de banhos, não se atrevem a tomal-os no mar, sinão com todas as precauções ou então procurando praias onde a agua, por muito agitada, não permitte áquelles cetaceos o accesso. Uma dellas é a da Ponta da Areia.

Entretanto, recostados á murada, olhavamos para o mar, procurando, numa ousadia de observadores insaciaveis, lobrigar alguns desses ferozes animaes, o que nos levava, passado algum tempo, a sorrir da nossa ingenuidade de tornistas.

Nas ondas batidas de nordéste, agitam-se alguns botes. Os seus tripulantes, inclinado o dorso para traz, voltada a frente para o passageiro, em cima

procuravam engajar os seus freguezes, movendo os remos de vez em quando para neutralizar o effeito da maré vasante. Todos elles eram homens de côr, typos robustos de marujos. Lá não se encontram as feições roseas e queixudas dos catraeiros portuguezes dos portos do Sul. O serviço está todo em mãos nacionaes. De alguns botes eram dirigidas falas para os passageiros de bordo. Trocavam-se as perguntas da praxe, indagava-se das pessoas da familia, sobretudo de Raymundo e Mundico, nomes estes que figuram em toda familia maranhense, sem que atinemos com a razão de sua preferencia.

Grande numero de amigos e parentes se tinha ausentado da cidade com o apparecimento da peste. Os sitios do Cutim, da Mayoba, do Anil, do Turú, as cidades de Alcantara, Vianna, achavam-se superpovoados de familias foragidas. A melhor gente fugira deante do flagello.

Iremos, pois, desembarcar em uma cidade deserta e triste . . .

Chegou emfim a « saúde ».

Despedimo-nos dos bons companheiros de viagem, em cuja alegre companhia .passámos dez dias de amena convivencia a bordo e entrámos logo num escaler, que, depois de um percurso de alguns metros, nos deixou a bordo de um pequeno vapor fluvial, o *Tupy*, que nos ia levar á terra. A maré vasava com impeto e o vaporsinho, já velho e cançado, arqueava por vencel-a, avançando vagarosamente, dando-nos assim tempo de ir colhendo observações e dados dos trabalhos que nos esperavam em terra.

Depois de passar pelo fundeadouro dos transatlanticos, margeando a praia, entramos calmos no estuario do Anil, e já ahi descortinámos de perto uma bôa parte da cidade, que antes nos parecia encoberta.

Avenida Central

A' esquerda, junto das palmeiras o Palacio do Governo; ao fundo o Palacio do Bispo.

Alegrou-nos a vista, logo no primeiro plano da paizagem, um grupo de palmeiras erguidas por traz de um grande casarão, que nos disseram ser o palacio do governo, antiga vivenda dos capitães-móres.

Em plano superior, duas ou tres esplanadas, dando ares de fortaleza antiga. A' esquerda, extende-se em linha recta, ao longo do rio Anil, o cáes da Sagração, obra colonial que foi continuada nos tempos modernos. Atraz do mesmo, um grande largo com um projecto de arborização, e depois, em plano posterior, a casaria, que se vai logo levantando confusa, pela colina acima, muito condensada, sem falhas; as casas na maior parte brancas e amarellas, algumas ennegrecidas pelos musgos; os telhados muito ingremes e obedecendo todos ao mesmo systema de cumieira parallela ás ruas.

Raras manchas verdes se conseguem apreciar neste quadro, indicando desde logo que ha poucos

jardins particulares e que a cidade de S. Luiz se sente apertada dentro dos seus limites.

Apenas muito á esquerda, no extremo, lobrigámos uma praça arborizada de cujo centro surge um vulto branco, — a estatua de Gonçalves Dias, que a generosidade poetica dos seus patricios plantou no meio das palmeiras que elle tanto amou.

Bairro dos Remedios

Sob as palmeiras se occulta a estatua de Gonçalves Dias

Agóra temos, justo á nossa frente, o forte de S. Luiz, bem no vertice do angulo formado pelos rios Anil e Bacanga, velho e celebre baluarte construido pelos francezes ha tres seculos talvez, quando fundaram a cidade. Assenta na flôr d'agua, e tem a fórma de duas meias laranjas ligadas por uma muralha recta; está fendido e esburacado em diversos pontos, e dá idéa de um forte arruinado após o combate; entretanto, bem se percebe, essas soluções de continuidade não são o effeito da metralha, e sim das investidas seculares das ondas, que impetuosamente se atiram contra elle nos dias de resaca.

Logo após o baluarte, um plano inclinado, que, a partir da parte alta da cidade, vem terminar no nivel do mar, formando uma rampa de desembarque de passageiros.

Mais além, um grande edificio, de construcção moderna, se apruma de cima de solidos alicerces: — é o predio em que funcciona o thesouro do Estado. Ao lado um barracão enorme, com os trapiches do Estado e destinado ao commercio de exportação e importação, movimento que só se faz por ahi. A bôa impressão causada pelo tom roseo do edificio do Thesouro é depressa offuscada pelo amarello sujo dos trapiches, armazens coloniaes que ameaçam eternizar-se na espessura respeitavel de suas paredes.

Porto de desembarque

Ponto de partida da pequena cabotagem

Depois de uma ultima baldeação para o escaler, fomos levados á terra por entre innumeras embarcações pequenas, cujo ancoradouro fica justamente deante dos postos fiscaes do Thesouro. Destinados a tudo que, commercialmente, se destina ao interior, esses barcos são todos pequenos e em geral obedecem

ao typo dos hiates e das falúas do Rio de Janeiro, — uns cobertos, outros descobertos, e tendo quasi todos a prôa cortada a pique e achatada.

No Maranhão dão a esses barcos o nome de *canôas*. La não se encontra a verdadeira canôa do Sul, que é feita de um só tronco escavado. Em vez da nossa canôa, o que lá ha é o *casco*, minuscula embarcação, leve e inquieta, toscamente feita de meia duzia de taboas ligadas, em angulo muito aberto, por tres ou quatro cavernas delgadas. Nessas canôas a manobra e a viagem devem depender de muita habilidade por parte de seus marinheiros e de alguma coragem dos passageiros.

De dentro della nos espiava grande numero de robustos marujos, todos mestiços, na maior parte caboclos.

Emfim, descemos em terra, na rampa do Thesouro.

Fomos immediatamente apresentados a alguns vultos eminentes da capital, que cavalheirosos nos acompanharam á cidade.

— Vamos a pé ou de carro? perguntamos.

— Vamos *a* carro foi-nos respondido, e... nesse caso, a preferencia da preposição *a* á *de* nos vêm revelar o primeiro dos diversos *provincialismos* do falar maranhense, depois notados por nós.

II

Dizem os maranhenses, com modestia ou orgulho, não sabemos, que o Maranhão se parece muito com a Bahia, tanto em sua configuração externa como na vida intima.

Acreditamos no parallelo; parece-nos, porém, que na entrada da cidade, o Maranhão tem alguma coisa a lucrar. Ha lá mais asseio na cidade baixa, ao passo que a Bahia pode ser comparada a uma casa

de familia, na qual se entra pela porta dos fundos. Tal é a má impressão da cidade baixa. O que consola é que em todos os recantos e salões dessa casa hospitaleira, que a cidade de S. Salvador, só se encontram requintes da mais espontanea affabilidade.

S. Luiz do Maranhão é uma cidade antiga com uma historia de quasi trezentos annos, pois foi fundada em principios do XVII seculo pelo sr. de la Ravardière, aventureiro francez da côrte de Luiz XIII. A sua antiguidade, porêm, não decorre sómente da data da fundação — pois está registada mesmo na parte mais nova da cidade, que, em sua maneira de se desenvolver, *pari passu*, tem acompanhado os moldes da parte velha, de modo que ao forasteiro é difficil affirmar pelo typo das ruas e dos edificios qual a cidade colonial, qual a contemporanea.

O Maranhão, como cidade, soffre de um achaque que por sua vez constitue a mania de certos collecionadores de *bric-a-brac*: — o culto do antigo.

Rua do Sol

A' direita vê-se o Theatro estadoal

Estreitas, algumas de suas ruas mal permittem a entrada do sol nas casas, que delle tanto precisam no tempo das chuvas. Este mal é ainda aggravado pelo grande numero de sobrados, alguns de tres e quatro andares, verdadeiros caixões de pedra e cal, dominando ás vezes ruas inteiras e transformando-as em simples corredores.

Os sobrados do Maranhão dão-lhe uma caracteristica nota architectonica. Vêr um é vêr todos. A fórma é a de um cubo, mais ou menos; a fachada é liza, sem uma aresta, sem nenhuma reintrancia em que se detenha o olhar. Nos primeiros andares as classicas sacadas verdes; nos segundos, que são frequentemente sotams, janellas, ás vezes. O azulejo é usado por toda a parte e fórma essencial attributo das residencias distinctas; seus padrões variam, mas os azues são os preferidos.

Nos azulejos das paredes da frente é que se resume a ornamentação externa das casas, sejam ellas velhas ou novas.

Raras as fachadas de cimalha. As cumieiras são todas parallelas ás ruas e muitas passam de uma casa para outra, dando idéa de diversos predios com um só telhado.

As casas que não têm azulejo, são geralmente caiadas, mas tambem se usa, posto que mais raramente, o amarello óca.

A feição da cidade é, portanto, por suas casas, sempre a mesma, quer se trate de edificios antigos ou modernos. Destes a impressão é pouco animadora; não passam de simples imitação dos antigos. Dão a idéa de certas creanças, que filhas de paes decaídos, já nascem velhas.

O interior corresponde á fachada e obedece sempre ao regimen das alcovas. Em uma casa nobre, concluida em 1903, e que custou a seu pro-

prietario mais de cem contos de réis, contámos seis alcovas!

Numa monographia sobre o Maranhão, cujo auctor revela muita erudição e amor á verdade, se diz que os seus predios não primam pela belleza, mas sobre-sáem pela solidez.

«Infelizmente», accrescentamos nós, e que se nos perdôe o adverbio. A solidez é um estorvo á reforma progressista.

Em geral, em todo o norte se observa a mesma coisa. Não ha architectos.

Uma prova evidente disso é a falta de jardins particulares. Rarissimas são as casas a cujos lados ou em cuja frente se encontrem canteiros. Os architectos preoccupam-se pouco de arejar as casas.

Verdade é, que aos maranhenses não faltam as flôres da alma. Consolo de poétas...

— Fomos fazendo todos estes reparos, não mais no dia da chegada, mas num passeio vespertino, emquanto um bonde nos ia preguiçosamente levando cidade em fóra até ao largo dos Remedios. Já vencémos a rua Grande, larga e movimentada, porém mal calçada, e entrámos na rua dos Remedios, uma das melhores, e a mais agradavel á vista, sem duvida. Termina ella na praça do mesmo nome, de cujo centro, olympica e serena, se ergue a estatua do nosso maior poéta, — Gonçalves Dias. Não podia ser mais bem escolhido o local. Num dos pontos mais altos da cidade, donde se avista o mar em grande extensão, o vulto do grande poéta parece, do seu berço de glorias, fitar o seu mysterioso tumulo — o oceano.

A indole delicada e poética de seus patricios, para dar um tom ainda mais expressivo e tocante ao quadro, fez rodear o monumento de dupla fila de palmeiras, de cujas frondas graciosas todos os

dias, ao cair da tarde, os sabiás prestarão homenagem ao seu grande poéta, nesse canto mavioso por elle immortalizado na lyra.

Largo dos Remedios
Hoje Praça Gonçalves Dias

Pena é que essa praça, tão merecedora de aformoseamento, por sua estatua, por suas palmeiras, por sua topographia, ainda esteja a pedir aos poderes municipaes os melhoramentos de que precisa.

Não se póde, realmente, ter da exuberancia da vegetação maranhense melhor prova do que seja a do capim que cresce no largo dos Remedios, descuido tanto mais censuravel, nesta excepção unica, quanto é justamente no embellezamento das suas praças que mais se têm esmerado os intendentes da capital.

Dizemos, sem receio de errar, que no Norte, onde ha maior zelo pelos jardins publicos é no Maranhão.

O largo do Carmo, a praça Benedicto Leite, as avenidas Gomes de Castro e Silva Maia, a praça Odorico Mendes, são outros tantos primores de jardins, embóra pequenos. Parece até que, em cons-

truil-os, o que os poderes municipaes quizeram foi — compensar a falta que ha de jardins particulares.

Largo do Carmo
Hoje Praça João Lisbôa

Suppomos ter sido o Maranhão a primeira cidade do Brasil em que se inauguraram jardins abertos. Em relação ao Rio, cabe-lhe sem duvida a primazia nessa innovação, e agrada ao tornista apreciar o zelo com que são respeitadas pelo povo a gramma, as arvores e até as flôres.

Jardins publicos tão artisticos só os tem o Maranhão. Pena é que não sejam mais visitados pelas familias, nas horas crepusculares, quando o calor já começa a ceder á vizinhança do fresco da noite.

Realmente, nas horas mais quentes do dia, o calor não convida a sair á rua, tão intenso é elle, embóra continua variação lhe amenise os effeitos. E' quasi sempre inutil procurar a sombra, que aliás nunca falta nas ruas estreitas e de sobrados altos, — tal o revérbero das pedras e das paredes claras de certas casas ou forradas de azulejos.

Trecho central da Praça João Lisbôa

As noites, porém, são amenissimas e, quando ha luar, não ha quem possa perdoar os habitos caseiros dos maranhenses.

Acreditamos mesmo que si o Maranhão nada mais tivesse para encantar os visitantes, bastariam as suas noites enluaradas.

Era a hora predilecta dos nossos passeios pela cidade, subindo a rua da Paz, estreita como as outras, mas bem calçada e habitada, para depois descançar numa das avenidas do Quartel; em seguida descendo pela rua do Sol até ao largo do Carmo ou á praça Benedicto Leite, para depois voltar pela rua Grande.

A cidade, á noite, é tristonha. Sentados num dos bancos centraes do jardim do Carmo, passávamos horas inteiras apreciando a limpidez brilhante do céu estrellado. Lá o silencio era apenas interrompido pelo bater das bolas de um bilhar que ha ao lado e pelas notas plangentes de um violino longinquo que gentil senhorita fazia vibrar. Raros passos de transeuntes sôam no cimento da calçada. A'

nossa frente, pesado, sinistro, levanta-se o convento do Carmo, velho estafermo, cuja remoção felizmente figura nos planos do embellesamento urbano, muito embóra dentro de suas paredes se tenham formado os vultos mais illustres do Maranhão, do tempo em que lá funccionava o Lyceu.

Além desse convento, outros ha na cidade. Nas margens do Baganga, numa collina sobranceira ao bairro do Desterro, levanta-se o das Mercês, para onde se mudou aquelle estabelecimento de instrucção; está bem collocado, como em geral o ficam os conventos em nosso paiz, unica coisa, aliás, em que os frades daquelles tempos manifestaram certo gosto.

Edificados quasi todos em collinas mais ou menos altas (mais perto do céu, portanto), notam-se ainda o de Santa Thereza, hoje collegio e asylo de meninas, sito á rua do Egypto, e o de Santo Antonio, antigo baluarte dos jesuitas e actualmente seminario. A egreja deste convento é notavel pela originalidade bizarra das suas torres e por ter sido o theatro de grandes triumphos oratorios do padre Antonio Vieira.

Igreja de Santo Antonio

Os padres, em geral, nada têm feito para embellezar a cidade, como se vê não só pelo aspecto anachronico dos conventos e egrejas, antigas, salientando-se

o frontespicio da cathedral, como pelo palacio do bispo, ainda em construcção, portanto em circumstancias muito mais imperdoaveis. O palacio é um edificio grande, com uma fachada pretenciosa e pintada episcopalmente de roxo. Por dentro avultam as exquisitices, entre as quaes a de levar ao primeiro andar uma escada ingreme, interminavel, perigosa, ladeada de duas columnas de madeira, a modo de sentinellas.

Chegando-se, porêm, ás janellas, a má impressão desapparece deante da belleza extraordinaria do panorama: muito ao longe, o mar, a Ponta da Areia; depois, a planicie coberta de mangue; aquém o estuario do Anil, por onde vem deslizando um vapor, suavemente, á mercê da maré; mais perto, o cáes, da Sagração, com o largo da Trindade, onde, segundo reza a Historia, foi (em virtude de sentença de morte assignada pelo governador capitão general Gomes Freire de Andrade) executado a 2 de Novembro de 1684 o celebre revolucionario THOMAR BEKMANN, vulgarmente conhecido por BEQUIMÃO e cabeça da revolta que lhe herdou o nome...

Atraz do largo da Trindade, — toda a extensão da cidade que vai do Baluarte aos Remedios. Lobriga-se assim, do alto, o fundo de muitas casas, onde o olhar indiscreto encontra sempre o mesmo avarandado de venezianas verdes, com que invariavelmente se completam as casas ou *moradas* maranhenses. As areas ou quintaes, envergonhados de sua pequenez, esconde-se da nossa vista e... do sol.

Si é exacto que as praças são os pulmões das cidades, podemos dizer que os quintaes, ajardinados ou não, são os pulmões das casas e que, portanto, São Luiz do Maranhão é uma cidade axphyxiada pela condensação extrema dos seus edificios; e esse

mesmo defeito se vai accentuando á medida que a cidade augmenta. Haja vista os bairros da Currupira e de S. Pantaleão, por onde hoje a cidade está se extendendo com todos os seus defeitos, inclusive as ruas estreitas da parte velha.

A estreiteza das ruas lhes impede tambem a arborisação, melhoramento esse tão necessario ao nosso clima e tão aformoseador das cidades!

Praça Benedicto Leite

Faz pena, realmente, que os bellissimos oitys, que se admiram na praça Benedicto, não se possam extender a toda a cidade.

Entretanto, deve-se reconhecer que a edilidade maranhense não se descuida do trato das ruas. São geralmente limpas, mais do que nas outras cidades do Norte; algumas, como as do Sol, dos Remedios, da Paz, de Sant'Anna, da Estrella e Formosa, são bem calçadas a parallelepipedos, e estes são importados por preço caro, do Rio de Janeiro, por não haver granito na vizinhança.

O facto da grande parte do movimento da cidade effectuar-se por mar faz que o transito seja pequeno nas ruas, dando-lhe um aspecto calmo demais, e consentindo que em varias dellas o capim desassombradamente se interponha entre as pedras.

Tambem não é pequena a despesa feita pelo municipio com os operarios encarregados de arrancal-o diariamente.

Talvez que o unico remedio para tamanha e tão nociva fertilidade esteja no revestimento de asphalto ou na cimentação das juntas, melhoramento já executado no largo do Carmo e na Rampa.

Um facto que agrada aos extranhos á terra, justamente por ser contrario ao que se observa no Sul e sobretudo no Rio de Janeiro, é a simplicidade dos nomes das ruas e o cuidado que tem havido por parte da municipalidade em conservar esse documento tradicional da cidade: — raras são as placas com os nomes de figurões.

Esta modestia ou este apego ás tradições de sua capital é tanto mais para louvar nos maranhenses, quanto, de facto, lhes não faltariam nomes gloriosos para encher as placas de todas as ruas da cidade, sem ser para isso preciso recorrer ás notabilidades suspeitas no nome ou no titulo, como é frequentissimo algures.

Palacio do Governo

Palmilhando as ruas — vagarosamente segundo o habito da terra — parámos deante de alguns edificios publicos. O palacio do governo é uma construcção velha e trivial, occupando grande parte de uma face do largo da Intendencia; é de construcção colonial e, portanto, solida. Seu aspecto acaçapado contrasta visivelmente com a fachada moderna do palacio da Intendencia, reformado, não ha muito tempo, por um engenheiro viajado e de bom gosto, o dr. Palmerio Cantanhede, illustre filho da terra.

Bôa impressão é tambem causada pelo theatro, onde ha a apreciar, além da fachada, a sala de espectaculos com suas tres filas de camarotes, a caixa enorme, o bellissimo panno de bocca, o *foyer* espaçoso e o luxo do camarote presidencial.

Salão do Theatro S. Luiz

Além desses e do Thesouro, ao qual já nos referimos, não ha mais edificios publicos estaduaes que mereçam menção.

O governo federal lá está representado como por todo o Brazil por uma série de pardieiros amorphos, enormes e enormemente feios, onde está

Palacio da Intendencia Municipal

installada a alfandega, e por um quartel espaçoso, de construcção banalissima, fóco perigoso de beri-beri, cujas janellas a engenharia militar, ultimamente, mandou fechar até á metade, provavelmente para augmentar a esthetica do edificio e diminuir-lhe a penetração da luz e do ar, *eminentemente prejudiciaes* aos fócos beri-berigenos (!).

Maranhão

Quartel Federal

Quartel Federal

E com esta nota damos por fechada a impressão desoladora que em todo o norte nos deixaram as installações dos serviços federaes.

III

Temos percorrido toda a cidade, palmilhando compassadamente as suas ruas, demorando-nos com especial prazer em suas praças e avenidas ajardinadas, e deixando-nos levar pachorrentamente pelo bonde aos bairros do Caminho Grande, dos Remedios e da Madre de Deus. E', porém, cedo ainda, para darmos balanço ás nossas impressões.

Afinal, só vimos as fachadas das casas; ainda lhes não penetrámos no interior, e ainda não conhecemos a familia maranhaense. Com os seus chefes só temos mantido relações officiaes.

Passado slgum tempo, porém, a situação modificou-se: — a peste declinou visivelmente e, como si fosse a primavera que voltasse á cidade flagellada, o ambiente se tornou claro, a sociedade foragida voltou aos seus lares, nas ruas augmentou o movimento, e já se vêem gárrulas creanças a passar em procura das escolas, e uma ou outra toilette clara atravessando o largo do Carmo.

Nas casas patricias, reabrem-se as janellas. Já se ouve o piano nas ruas ha pouco silenciosas; e das vielas mysteriosas do Desterro e Madre de Deus, aqui e alli, tambem nos chegam aos ouvidos as endeixas amorosas das modinhas indigenas.

A alma popular expande-se. O maranhense como que se nos revela.

A psychologia do povo brazileiro ainda está por ser feita e não temos pretenção de, a proposito do povo maranhaense, entrar nesse estudo delicado de ethnologia.

Um facto, porém, nos impressionou dolorosamente, nesse percurso pelos Estados do Norte, facto de tal ordem, que póde suffragar os receios nutridos por muitos — de que as continuas rivalidades

politicas e administrativas entre os Estados venham a affectar a unidade da patria. Este facto de observção é a differença accentuada que ha no caracter, na indole, nos costumes, nas aspirações, na educação e até na raça, de Estado para Estado, muitas vezes até contiguos.

As forças da natureza vencem sempre, e receamos que esta differenciação progressiva que se vai operando entre os povos do Brasil, traga como consequencia natural e desastrosa aquillo que a politica geral do paiz antevê e procura evitar — o fraccionamento da patria. Nem se diga que a immigração nos Estados do Sul, porque inocula um elemento extranho nas raças primitivas, tenha concorrido para esse desequilibrio. No Norte não tem havido immigração, e, estudando a plebe como elemento ethnico mais definido, quem póde comparar o bahiano, de feições regulares, de tez morena e baça ás vezes, alegre, expansivo, intelligentissimo e sempre loquaz, com os sergipanos que lhe ficam ao lado, mestiços frequentemente, mas de physionomia larga, cabeça achatada, homens rachiticos, mas activos, intelligentes, falando uma lingua cheia de *rrs* com uma voz metallica bem differente do tom guttoral, profundo e sentencioso da dos bahianos?

Quem póde nivelar o pernambucano altivo e barulhento, todo cheio da sua Veneza brazileira, do seu leão do Norte e dos seus hollandezes, com os mestiços humildes, pobres ou pelo menos desanimados dos Estados visinhos de Alagôas, Parahyba e Rio Crande do Norte?

Quem póde ter a pretenção de classificar, no mesmo typo ethnico, o cearense que é dentre os brazileiros o typo mais caracteristico por seu physico, de cabeça achatada, olhos grandes, malares salientes, estatura pequena e rachitica, homens te-

nazes e pacientes, e os paraenses, caboclos robustos, algum tanto vaidosos e ciumentos do seu poder, civilizados e progressistas?

Não é uma questão de raça. Esta é a mesma em todo o Norte. E' questão de mestiçagem, mais ou menos accentuada, do negro com o branco na Bahia e no Maranhão, em menor escala neste e de caboclo no Ceará e Pará. A argamassa que os cimenta, purifica e eleva, o portuguez, é a mesma do Rio Grande do Sul ao Amazonas. Como uma fatalidade esmagadora, lá está o conjunto dos factores mesologicos, que chamaremos clima, a zombar de todas as tentativas que se fizerem para obter um typo uno de raça.

Nem a colomnização em massa, as avalanches immigratorias, pela suffocação subita das raças actuaes, poderiam remediar esse inconveniente. Passadas as primeiras gerações, volveria tudo ao *statu quo* anterior.

Só mesmo a civilização, com todos os seus recursos de instrucção e administração, auxiliada pelo impulso benefico dos governos, previdente e harmonico, ainda poderá ao contrario do que se está dando agora, — assegurar a unidade perenne do nosso Brazil.

Mas, volvamos ao nosso Maranhão, do qual sempre nos afastamos com pesar, mórmente agora que entrámos em relações com o seu povo.

Os maranhenses já são sobejamente conhecidos no sul; gostam de emigrar, parecendo-se neste ponto com os seus visinhos, os cearenses, differindo apenas como emigrantes na especie. Destes emigram os plebeus, os párias, açoutados pela miseria; daquelles os letrados, ambiciosos, para cujas aspirações sentem pequeno o meio natal. A muitos no sul, portanto, não será extranho o que vamos dizer.

Quanto á raça, devemos assignalar que a mes-

tiçagem no poviléu é grande, sobretudo entre o negro e o branco, e depois entre o caboclo e o branco. Comprehende-se perfeitamente. Foi o maranhão, das provincias do imperio, uma das que tiveram maior escravatura e em que mais se accentuou a immigração portugueza. Pelo apuro que traz a civilização, ainda muitas e muitas familias na capital e no interior se orgulham do seu sangue puro; os mestiços, porém, vão subíndo, vão galgando espheras mais elevadas e, não haja introducção de elementos extranhos, — daqui a algumas gerações, poderão elles predominar no typo final da raça.

Dizem os maranhenses do interior que em alguns rios predominam os caboclos, o que é natural: — os indios sempre gostaram dos rios, onde a sua indolencia com facilidade acha o peixe para a sua alimentação.

E' observação dos ethnologistas que na raça negra predominam as qualidades affectivas. Será essa a razão da bôa indole das camadas inferiores da população maranhense. Acostumados no Sul a ouvir mil historias dos *cabras* do Norte e dos jagunços, surprehendeu-nos a bondade extrema daquella gente, bondade que poderiamos chamar *ingenuidade* si não tivessemos por outro lado repetidas provas da sua perspicacia. Essa bondade lhes é natural, não póde ser considerada um artificio de civilização. Não ha malicia naquelle povo, sem que se possa de modo algum chamal-o de simples, porque, como já dissémos, denota possuir certo apuro intellectual, que não estamos habituados a vêr nos caboclos do Sul. Agrada sobretudo a correcção relativa da linguagem. Neste ponto, em todo o Brazil, não ha quem lhe leve a palma.

Estas bôas qualidades têm, porém, o seu reverso: — os maranhenses das classes baixas são de uma indolencia tropical que desanima. A tendencia

fatalista de seu temperamento, a sua ausencia de aspirações e a facilidade com que lhes corre a vida, são as causas principaes desse grave defeito. Peixe e camarão, abundantes; a farinha de agua, barata; o clima, quente, sem exigir roupas caras . . . eis como vão vivendo e philosophando esses felizardos ao sabor da maré e do vento . . .

Como consequencia dessa inercia moral, assiste-lhes uma grande virtude, da qual tivemos provas frequentes e eloquentissimas nos nossos serviços de hygiene.

No Maranhão não ha a miseria, não ha fome; não se vêem mendigos nas ruas, como no Ceará e em Pernambuco. Tambem não ha falta de trabalho, e é grande o numero de familias de operarios, sobretudo mulheres, que se occupam nas fabricas de tecidos.

Serviços que estavamos habituados a vêr executados só por extrangeiros, principalmente italianos e portuguezes, como os de catraeiros, carroceiros e engraxates, lá são todos executados por nacionaes. O mesmo se póde dizer dos artistas, sapateiros, alfaiates, marcineiros, etc. Os maranhenses louvam os trabalhos de seus torneiros e marcineiros. Realmente, admiramos algumas mobilias bonitas, todas porém do mesmo estylo, cheirando á tradição.

O facto de estarem todas essas profissões em mãos de uma população indolente, torna cara a mão de obra no Maranhão. Não se deve absolutamente, pela simplicidade historica de suas casas, julgar que as construcções são baratas; basta dizer que vimos pagar por um milheiro de tijolos 180$000! Por isso mesmo, em grande numero de predios, são os tijolos substituidos por *adôbos* feitos de barro cozido ao sol, um meio termo entre a nossa taipa e o tijolo.

Seria interessante, e é um problema que recom-

mendamos aos engenheiros e architectos da terra, indagar o papel que esses *adôbos* representam na humidade pronunciada das casas maranhenses.

Avenida Silva Maya

As mesmas qualidades de coração e de intelligencia que acabámos de apontar, mas em gráu muito mais elevado, se notam nas classes superiores. Da generosidade dos seus sentimentos não póde haver melhor prova do que a hospitalidade carinhosa com que agasalham o forasteiro. Dizem os extrangeiros que nos visitam, que a hospitalidade é um sentimento caracteristico do povo brazileiro; duvidamos, porém, que em parte alguma, seja mais apurado do que no Maranhão, nem mesmo em Minas, que disso se orgulha. A bondade natural daquella gente, a simplicidade delicada de sua alma, revela-se ainda nas relações que ha entre todos os maranhenses de sua sociedade. Sejam quaes forem as rivalidades, motivadas por interesses que se chocam na lucta pela vida, existe entre todos uma harmonia, apparente ou não, que encanta. E' como si constituissem uma só e grande familia, vivendo

uma vida patriarchal. Odios sedentos de vingança, rancores mal reprimidos, são paixões que lá não se encontram, nem mesmo originados de luctas politicas.

Talvez que em tudo isso se possa reconhecer a influencia que sobre a vida emotiva exerce a cultura intellectual; porque, sem contestação, o povo maranhense, estudado de perto, justifica plenamente o juizo que delle se faz cá fóra. E' uma gente culta e intelligente e nenhum dos estados brazileiros tem concorrido mais para elevar o nivel intellectual da patria. Basta lembrar os nomes de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Franco de Sá, Joaquim Serra, Gentil Braga, Trajano Galvão, Luiz Quadros, Lisboa Serra, Theophilo Dias, na poesia; João Lisboa, Cesar Marques, Henriques Leal, na historia; Candido Mendes, na geographia; Gomes de Souza, na mathematica; Sotero dos Reis, na linguistica; Serrão, nas sciencias naturaes; João Mendes, na jurisprudencia.

São maranhenses entre os contemporaneos, os nossos maiores romancistas: Aluizio Azevedo, Coelho Netto, Graça Aranha, bem como o nosso mais notavel escriptor dramatico, Arthur Azevedo.

Nas sciencias positivas, na mathematica, na engenharia, sobresaem os vultos de Teixeira Mendes, Tasso Fragoso, os irmãos Moraes Rego, Ennes de Souza, Shaldérs e Stevenson.

E' maranhense a figura mais brilhante da escola de Medicina bahiana — Nina Rodrigues.

Maranhenses são ainda Raymundo Corrêa, o inspirado poeta das *Pombas,* Viveiros de Castro, o jurisconsulto, e Castro Maya, o financeiro.

Um maranhense já dominou o extremo norte — Eduardo Ribeiro, o *Pensador;* outro toma parte activa na politica e administração do Pará — Antonio Lemos.

No nosso parlamento foi sempre brilhante o papel representado pela bancada maranhense, embora pequena. No Senado são ouvidas com attenção as palavras criteriosas e convincentes de Benedicto Leite e a eloquencia demosthenica de Gomes de Castro. Na Camara sobresáem Urbano dos Santos, Luiz Domingues, José Eusebio, e até ha pouco ainda era ouvido com respeito o padre Mourão.

Maranhense é ainda o bispo de Olinda, monsenhor Brito, tão conhecido e admirado no Rio.

E assim iriamos longe, si percorrendo as diversas espheras da nossa actividade intellectual, quizessemos citar todos os nomes maranhenses que, pelo Brazil inteiro, têm honrado o nome da sua terra natal.

Avenida Gomes de Castro

Ainda o Maranhão justifica o appellido de *Athenas Brazileira*, recordando os tempos em que da antiga metropole grega partiam os homens cultos que iam levar a instrucção ás republicas irmans do Peloponeso, da Sicilia, de Roma.

Tambem, a instrucção publica não desmerece desse conceito. Os seus estabelecimentos capricham em manter-se ao nivel elevado da cultura do povo. Possue o Maranhão uma Escola Normal e outra Modelo de primeira ordem, com todos os requisitos

de um estabelecimento moderno, mantido e dirigido segundo a orientação dos seus congeneres de São Paulo.

Ha no povo pendor natural para a poesia. Dizem mesmo que quem lançar um anzol em aguas maranhenses, ou fisga um tubarão ou um poéta. O habito de recitar versos é frequentissimo na sociedade e o fazem naquella linguagem correcta e castiça, que só se encontra no Maranhão.

E' rara a familia que não tenha o seu poeta ou poetisa. As moças tambem versificam por prazer, e, com a mesma naturalidade com que tomam da agulha para fazer um *tricot*, empunham da penna para escrever um soneto ou um madrigal. Algumas não se capacitam mesmo que alguem possa ser homem de letras, que tenha cursado uma academia, sem jámais ter feito versos.

Certo dia, em palestra numa sala, um de nós recebeu a seguinte intimativa:

— Doutor, mostre-nos um dos seus sonetos:

Um calafrio fel-o sentir uma influencia inhibitoria, felizmente passageira, e quasi ficou sem saber o que responder. Afinal pôde a custo balbuciar:

— Não tenho geito para poéta, minha senhora.

— Não é possivel, doutor. Como sabe que não tem geito? Deve ter experimentado para o saber.

— Por isso mesmo que a prova foi má, é que não tenho coragem de a apresentar.

Foi em vão toda a excusa justificativa. Formouse uma roda para reforçar o pedido. Como sóe acontecer nesses casos embaraçosos, o meu companheiro de trabalho veiu aggravar a situação, affirmando conhecer versos do seu collega intimado.

Seria pouco delicado recusar. Demais, neste momento, mais do que nunca, era preciso ser atheniense em Athenas.

Timidamente tomámos um lapis que estava em

uma escrivaninha e procurando relembrar alguma poesia, mesmo sem valor, conseguimos reproduzir um soneto.

A gentileza impoz na occasião o applauso, e a conversa foi logo deslocada pelo interessado.

No dia seguinte um jornal da Arcadia brazileira reproduziu indiscretamente o soneto, sem assignatura, e a resposta, tambem sem ella.

TORMENTA

Em vão zunindo o vento as vergas dobra
Jogando a fragil nau de encontro á vaga:
Si o mar revolto o tombadilho alaga
A nau levanta a prôa e não sossobra.

De actividade o capitão redobra
E, cheio da esperança que o afaga,
Por entre gritos de conforto e praga
Dirige a marujada e a nau manobra.

Assim é meu viver amargurado:
Teu amor representa a tempestade,
E a nau meu coração atormentado.

Si o capitão redobra a actividade,
Quando se sente mais embaraçado,
Meu coração redobra de anciedade.

* * *

BONANÇA

Cessou a ventania tormentosa,
Passou a tempestade atroadora,
No mar d'antes revolto, calmo agora,
A nau levanta a prôa graciosa.

Nas ondas se embalando caprichosa.
Do capitão a voz forte e sonora
— Salvos! exclama... e a marujada fóra,
— Olá! repete. Oh! nau mysteriosa!

Assim deve domar-se o coração
A nau, na lucta como na bonança,
Foi manobrada pelo capitão.

E si elle esperançoso triumphou
E' que o amôr se alimenta d'esperança:
Peito que não espera nunca amou.

* * *

Indiscreção com indiscreção se paga. As tres estrelinhas do segundo soneto devem ser substituidas pelo nome de D. Laura Rosa.

Póde ser que seu soneto, como o que o provocou, não mereça dos entendidos os applausos que a espontaneidade do verso, a presteza da resposta e as circumstancias que o rodearam, fizeram partir de nós. A illustre poetisa tem muitos outros que ficarão a salvo de qualquer critica, tão correctos e inspirados são.

Os oradores no Maranhão são numerosos. Cultivam quasi que naturalmente o estylo academico, usando e abusando dos tropos.

Ha no cultivo da lingua verdadeiro esmero e capricho. As digressões sobre grammatica fazem parte da conversação diaria. Uma vez, a bordo, ouvimos acalorada discussão entre dois deputados, um maranhense e outro piauhyense. Calculavamos que fosse alguma velha rixa politica a proposito do porto de Tutoya, e nos approximamos pressurosos. Qual nada! O Piauhy tivera a pretenção de corri-

gir o Maranhão numa simples collocação de pronomes. . . Dahi a indignação maranhense!

IV

A gente mais culta do Maranhão vai com muita frequencia á Europa. Verdade é que as relações de parentesco com a sociedade portugueza são tão intimas, que essas excursões muitas vezes não vão além do Porto ou de Lisboa. Tambem o portuguez no Maranhão merece menção especial, pois não se parece absolutamente com o portuguez immigrante que conhecemos no Sul. E' em geral civilizado, cavalheiro, maneiroso. E' o capitalista da terra, figura no primeiro plano da sociedade, e por ella se deixa influenciar vantajosamente.

Até bem pouco tempo, todo o commercio maranhense era portuguez; hoje, porém, já se notam muitas casas brazileiras de importancia. Quem percorrer as ruas commerciaes do Trapiche e da Estrella, não encontrará nas placas nomes allemães, inglezes ou italianos, que exclusivamente se observam no Sul. No commercio de fazendas a retalho impera o elemento syrio, que silenciosamente, aos poucos, se vae apoderando desse genero de negocio, em todo o Brazil.

Será uma vantagem? será prejudicial essa imigração oriental que assim avassala o commercio de Norte a Sul?

Dizem os seus defensores que o syrio é bom, porque é morigerado, respeitador da ordem, trabalhador e facilmente assimilavel ao elemento nacional. Póde ser tudo isso, mas não é absolutamente um elemento de progresso, porque lhe falta a iniciativa. Embora christãos fervorosos, fanaticos até, o seu temperamento de orientaes é dominado por tendencias fatalistas e estas, como é intuitivo, redu-

zem o homem a um verdadeiro automato, na lucta pela existencia. Todos adoptam o mesmo genero de vida — o commercio de fazendas. Sem aspirações, sem espirito inventivo, que os levem a tentar novos ramos de actividade, satisfazem-se com a certeza do lucro que aquelle ramo de commercio lhes dá, aproveitando a experiencia adquirida através de passadas gerações, e vivendo a vida automatica de quem se deixa levar pela onda.

Pensamos, pois, que o Maranhão nada tem a lucrar com os seus *carcamanos*, como os chamam por lá.

O negocio de seccos e molhados é feito nas *quitandas*, que lá substituem as nossas vendas. Uma categoria mais elevada occupam as *mercearias*. Tanto quitandeiros como mercieiros são, na sua maioria, nacionaes.

Não podemos falar no commercio maranhense, sem salientar a *Casa Teixeira*, estabelecimento moderno, com diversas secções de roupas, mobilias, perfumarias, etc., e das quaes uma, a de typo-gravura, revela um verdadeiro progresso, podendo-se considerar unica no genero em todo o Norte, sendo mesmo sobrecarregada com encommendas dos estados visinhos. O seu proprietario, sr. Alfredo Teixeira, que seguiu um curso de artes graphicas em Pariz, forneceu-nos occasião de admirar muitos trabalhos alli feitos, entre os quaes se destaca a *Revista do Norte*, jornal illustrado, de feição moderna, unicamente destinado ás artes e á litteratura. Tambem da imprensa maranhense é a unica publicação que está na altura do renome litterario de que gosa o Estado. Os outros jornaes, a *Pacotilha*, o *Federalista* e o *Diario do Maranhão*, em rigor não correspondem ás exigencias da cultura do povo. São jornaes de pequeno formato e cujo ambito não vai além dos assumptos locaes e especialmente da

politica do Estado, que na imprensa local é enfeixada num partidarismo estreito com que o povo não communga.

E' director da *Revista do Norte* o sr. Antonio Lobo, illustre litterato maranhense, a quem tambem está confiada a direcção da Bibliotheca Publica, uma das coisas dignas da Athenas brazileira.

Bem collocada no coração da cidade, com um espaçoso salão de leitura, fartamente illuminado, a Bibliotheca ostenta no fundo a estante ricamente trabalhada em talhe, offerta do general Roca. A Bibliotheca abre-se diariamente, mesmo aos domingos e dias feriados, comprehendendo bem o seu director que as bibliothecas publicas são feitas para os pobres, que não podem comprar livros e que só não trabalham naquelles dias, em que podem dispôr de algumas horas para se instruir.

Frequentaram-na, até bem pouco tempo, as senhoras, habito bem digno de ser continuado lá e imitado cá pelo Sul. Parecia-nos mesmo que nas senhoras maranhenses o gosto pelas bellas letras sobrepuja o das artes, mesmo o da musica, embora haja alli uma Escola de Musica mantida pelo governo.

As diversões, que não são frequentes, resentem-se dessa falta; em compensação, faz-se muita poesia. O apego ás tradições, a que por vezes nos temos referido, exerce tambem sua influencia na sociedade maranhense; aqui, porém, a sua acção é salutar. Graças ao Maranhão, a lyra brazileira está sempre encordoada e afinada.

O mundanismo dissolvente que caracteriza hoje a sociedade das nossas cidades modernas e ricas ainda não invadiu o Maranhão. As familias ainda guardam a pureza de costumes e a simplicidade de maneiras dos nossos avós, na gentileza captivante e

espontanea com que dão accesso á intimidade dos seus lares.

Visitemos um lar maranhense.

A' porta da sala, vem receber-nos uma creança risonha, mostrando, na falha dos incisivos, ter mais ou menos sete annos. Traz numa das mãos um *tricôt* principiado e interrompido pela nossa visita. Manda-nos sentar, dizendo que a mãe não tardará. Dado este recado, ella senta-se tambem, a fazer-nos companhia . . . e pachorrentamente continúa o seu *tricôt*.

A sala é espaçosa; o tecto, de estuque, com um grande lustre pendente do centro; o soalho, de taboas de bacury, similhando a canella. Nas paredes, de dois grandes quadros a oleo nos fitam, inoffensivas, as figuras de um casal de velhos portuguezes. A mobilia é pesada, de madeira; destacando-se á frente um aparador, onde, entre outras coisas antigas, se distinguem duas mangas de vidro, altas e bojudas, e ao lado o classico espevitador de prata para cortar o pavio das velas. Ao fundo, duas portas largamente abertas dão para uma alcova, que communica com a sala de jantar ou varanda, por duas outras portas fronteiras ás primeiras, de modo que da sala de visitas se devassa a casa até á varanda. O ar circula livremente, mas a luz não penetra e a alcova permanece sempre um commodo anti-hygienico.

A dona da casa apparece por fim, na pessoa de uma senhora quarentona e gorda. (Os nossos quadros não se referem a uma determinada pessôa, por serem collectivos e indeterminados).

A adiposidade é frequente nas matronas, o que é sem duvida devido aos seus habitos caseiros e sedentarios.

Passados os cumprimentos do estylo e o periodo das palavras banaes, entra-se, sem perceber, no re-

gimen da conversação mais animada, tal é a amabilidade despretenciosa com que nos tratam. Somos convidados a vêr a casa, emquanto o marido, o Mundico, não vem da Praia Grande, onde é negociante. E' dia de vapor para Lisboa, a correspondencia demorara . . . Atravessamos a alcova, espaçosa, arejada, mas escura e deserta; apenas das quatro paredes pendem os ganchos das redes, esperando resignados e silenciosos pela hora da noite.

E' nessa hora que a alcova se aclara á luz do gaz, as rêdes entram a funccionar, dependuradas ao gancho e separadas do chão pela renda das varandas. Movimenta-se o quarto com o balançar das mesmas e o róque-róque dos ganchos substitue o silencio do dia. No Maranhão só se dorme em rêde; aristocratas ou plebeus, velhos ou moços, só conhecem uma cama — a rêde.

Utilizam-se della, porêm, só para dormir, ao contrario do que se dá no Sul, onde, collocada na sala de jantar, serve de conversadeira.

Caindo na rêde, o maranhense lembra o marreco caindo n'agua. Regala-se todo: si estava melancolico, entra a sorrir; estampa-se-lhe na physionomia a sensação do goso, e voluptuosamente distendendo os membros, procura a posição diagonal, emquanto, no vae-vem do movimento, a varanda finamente rendilhada vai varrendo o espaço...

A industria e commercio de rêdes são importantissimos no Maranhão. Só um municipio, o de S. Bento, vive desse trabalho, sendo afamadas em todo o Norte as suas rêdes.

Ha rêdes para todos os preços e para todos os gostos, desde 5$ até 500$000, — de fio de algodão ou de linho, batidas ou abertas. Por 200$000 réis já se tem uma rêde finissima, feita de linho de carrinho. Destas vimos algumas que nos deixaram estaticos deante da perfeição artistica do trabalho.

A côr mais usada é o branco, de uma alvura de lençol. Em algumas, o valor é dado pela varanda, sendo mais aperfeiçoadas as de labyrinto.

Agora a nossa opinião de profissionaes: Como clinicos detestamos a rêde e ainda hoje lastimamos o pobre do collega que tiver de examinar um doente deitado numa rêde. Quem poderá percutir um figado, escutar um pneumonico, nesse doente assim todo encolhido, reduzido á novello de gente? Como hygienistas, porém, só temos louvores a fazer. Não conhecemos leito mais hygienico. Afastada das poeiras do solo e das paredes, sem os escaninhos das camas, permittindo por sua remoção facil, a limpeza completa do aposento, podendo soffrer lavagens repetidas, como si fôsse um lençol, o que não se póde dar com os colchões e travesseiros, — a rêde representa um ideal em hygiene.

Ainda não é tudo: — quem viaja no Norte póde levar a cama dentro da mala. Em toda a parte ha ganchos. . . é só armal-a.

Passemos á varanda, onde a luz e o ar entram em abundancia: — é a residencia habitual da familia. As janellas, largamente abertas á viração do mar, dão para a área, na qual se ostenta, por cima de alguns giráus, grande numero de vasos de flôres, lembrando os jardins suspensos da Assyria. As formigas, pavorosamente abundantes nesta terra, não consentem noutra especie de jardins e assim em parte está desfeita a censura que em tempo fizemos.

Do meio da sala de jantar parte o corredor que vai ter á porta da rua, dividindo assim a casa ou morada em duas metades. As casas pequenas são constituidas por uma *meia morada;* a divisão interna é, porém, sempre invariavel: — á sala seguese a alcova, a esta a varanda, e depois o puxado formado por uma série de aposentos seguidos, ter-

minando na cozinha, e margeados por um corredor avarandado, ao qual grande numero de venezianas permittem o accesso do ar, mas não do sol.

No arranjo da sala nada de caracteristico se nos depara, a não ser uma estante ou supporte com vinte ou trinta bilhas de barro, collocada junto do corredor e aproveitando-lhe a acção refrigerante da correnteza do ar encanado.

Na varanda offerecem-nos refrescos de *maracujá*, *jussára* ou *cupú*. Preferimos este ultimo, que ainda não conheciamos. O aspecto não é agradavel, lembra o leite coalhado; o sabor, porém, acido e brandamente aromatico, provoca-nos elogios. No entanto, a nossa visita já vai muito além do que esperavamos. Despeçamo-nos . . . Penhoradissimos vamos a sair, quando a gentil menina que nos recebeu nos traz pressurosa e alegre um punhado de flôres alvas: — são as *estrellas*, assim chamadas em virtude da disposição radiada das petalas, e de um perfume delicioso.

Com o andar do tempo a nossa convivencia com a familia maranhense vai-se tornando mais intima. A mesa sobretudo já nos é familiar e, muitas vezes, motivo de calorosas discussões na nossa roda de extranhos.

Ha enthusiastas do *carurú* e do *vatapá*, que são pratos mais propriamente bahianos; o foié merece approvação unanime, apesar de ser considerado prato plebeu pelos filhos da terra; é que nem todos tiveram a ventura de proval-o, ao sahir de uma terrina de mais de duzentos annos, que um illustre antepassado do nosso amphrytrião trouxera da India, *in illo tempore*.

O cuchá, porém, o celebre cuchá maranhense, o prato essencialmente indigena, mereceu-nos apenas uma approvação cortez. E' um molho composto de côr esverdinhada, em que entram principalmente

a vinagreira e o gergelim. O camarão é figura obrigada na mesa maranhense exactamente como o arroz e a farinha d'agua. Mais raramente se apresentam o peixe e a *carne de vento.*

O peixe frito em oleo de gergelim é apreciadissimo nas classes inferiores.

Em passeio, á noite, pela cidade, não raro ao dobrar uma esquina somos surprehendidos com o cheiro penetrante que nos vem de uma porta, onde num fogareiro acceso, uma preta velha prepara o manjar appetecido por meia duzia de freguezes, que lá estão em pé, ao lado, á espera. Pratos mais finos, mas muito communs, são os borrachos e as *jassanans,* aves de caça abundantes em certa época, da qual fazem larga exportação. E' um prato delicadissimo, fresco ou salgado. Nas mesas festivas, apresentam-se ás vezes o *jabutí,* reduzido a cabidella, e os *jururas,* kagados pequeninos.

Quando a coisa é muito solenne, surge o figado da *jabóta.*

— Experimente, doutor, diz-nos amavelmente e risonha a dona da casa; veja si não tem um gosto de *foie gras.*

Figado de kagado! Sorrimos amarellamente e, resignados, nos arriscamos ao appetitoso (!) manjar.

— Tal qual, respondemos, delicioso! Infelizmente, porém, já estamos almoçados; a jabota devia ter vindo no principio. E . . . corajosamente cruzámos o talher.

Figado de kagado! Mudemos de assumpto, não falemos mais nisso.

Chega a hora da sobremesa.

E' a hora do *bacury,* o momento mais venturoso que se passa no Maranhão.

O dono da casa perversamente pergunta si não preferimos começar pelo *doce de leite,* sobremesa classica naquella terra, estylo de rapadura, ou então

pela cangiquinha, especie de mingau de milho. São recusados *in limine*. O nosso olhar descansa na compoteira do *bacury*, do delicioso *bacury*.

Não conhecemos nem podemos admittir que no mundo haja fruta que mais se preste ao doce de compota.

E' de um aroma delicadissimo, que longe de desapparecer, como em geral se dá com as frutas reduzidas a conserva, mais se accentúa na compota. O proprio aspecto da fruta, semi-transparente, opalino, corresponde á delicadeza do nectar. O *bacury* é uma fruta especial do Maranhão; é arvore sylvestre e contam-se della mattas extensissimas. Do seu tronco aproveita-se ainda a madeira para o soalho das casas e outros misteres. No sul temos o *bacupary*, frequente no littoral do Estado do Rio e que nos pareceu ser da mesma familia do *bacury*.

Depois daquella sobremesa acceitámos, para não nos atirarem a pecha de exclusivistas, o abricó, compota tambem saborosissima. Chamam-no *do Pacá*, mas é originario das Antilhas. Apesar de abundantes, os abricós são muito bem taxados no Maranhão. Compram-se, do tamanho de uma laranja, a 800 réis cada um e a mais!

Em geral o Maranhão é uma terra rica de frutas, embora sejam ellas caras.

Ao lado do bacury e do abricó, que mais se prestam ao doce de compota, encontram-se: — o cajú e o seu diminutivo, o cajuy, dos quaes ha mattas em toda a ilha; as mangas, de uma variedade notavel; as sapotas e os sapotys, muito maiores do que os do Rio; as atas, os abacates, etc.

De todas essas frutas fazem-se doces, assim como tambem do *buriti*, palmeira de cujos côcos se prepara uma pasta saborosa, similhante em sabor e aspecto ao tamarindo. Em limonadas e sorvetes são

aproveitadas as frutas ácidas como o *cajú*, o *maracujá*, a *jacama*, a *mangaba*, etc.

Iamos-nos esquecendo do *murici*, que aliás bem merece esse esquecimento, quer na compota quer reduzido a pasta.

A industria dos doces, sobretudo os de compota, é muito espalhada no Maranhão; muitas familias vivem exclusivamente della. Pareceu-nos, porém, que podia estar mais desenvolvida, attendendo para a abundancia das frutas e para a sua procura. Basta dizer que passados alguns mezes além da época do fabrico, já não se encontram no mercado.

Como se vê, a alimentação no Maranhão é originalissima e fazemos votos para que, no evolver dos annos, se conserve sempre esse sabor original, que é um dos encantos da terra.

V

Os divertimentos, como já dissemos, não são muito frequentes. Talvez o facto fosse, na occasião, devido a anormalidade do estado sanitario.

Nas reuniões familiares aprecia-se a dança. Dançam correcta e elegantemente. Não se dispensam os recitativos, e os ditos de espirito fazem roda.

Quem não quer fazer má figura precisa ter nos salões a attenção presa e a cerebração activa, como o parisiense tem o pé ligeiro. Sinão fica esmagado.

O assumpto é variado: a musica, a poesia, a litteratura, as viagens, e . . . quando menos se pensa é trazido á baila o objecto de nossas locubrações. Sem haver intenção de menoscabar da hygiene, a pobresinha viu-se algumas vezes num tipití ou num torniquete.

Tinhamos de defendel-a com espirito. A logica não vinha ao caso, e offerecia alvo a novas settas. No entanto, si a hygiene entrava na conversação

apparentemente sobrecarregada de ironias, no momento das saudações, á sobremesa e por entre taças de champagne, os hygienistas, os seus serviços e a propria hygiene eram tratados com provas da mais delicada amizade e da mais sincera gratidão. Os dithyrambos faziam esquecer as ironias, que aliás nunca chegavam a molestar.

A musica actualmente é relegada para o segundo plano. Poucas vezes, e sómente nas vesperas da partida, tivemos occasião de ouvir musica e canto. E' exacto que se tratava então de um magnifico piano magistralmente dedilhado e de uma voz sonora, melodiosa e terna. E' possivel que seja tambem questão de época. Um viajante portuguez, Gama e Abreu, em seus apontamentos de viagem realizada em 1874, diz que uma feição caracteristica dos maranhenses é a sua paixão pela musica e pelo theatro. Ha na sociedade maranhense como que um *engouement* por este genero de divertimentos, diz elle, que toca á loucura.

E' verdade que os Rayol, musicos de raça, são do Maranhão. Um delles era mesmo o director da *Aula de Musica*, mantida pelo Estado; a debilidade de sua saúde o afugentára, porêm, para o Rio, donde voltára, havia pouco, mas para ir descançar na mansão dos mortos illustres de sua terra.

As diversões publicas consistem quasi que exclusivamente nas festividades religiosas. São raras as companhias dramaticas. Em compensação é extraordinaria a frequencia daquellas: — quasi todos os domingos ha procissões, que, quando são solennes, são acompanhadas pelas familias mais gradas do logar. Não se creia, porêm, que isso indique grande apego á religiosidade. O povo maranhense póde ter defeitos, que nós não encontrámos; carola é que não é absolutamente, o que ainda está de

accôrdo com a sua cultura adeantada. O fervor religioso consiste-lhe apenas em ter dado ao clero brazileiro um dos seus vultos mais brilhantes, — monsenhor Brito.

As festas ecclesiasticas primam pelos sermões do eloquente orador padre Damasceno, — e pelos foguetes, que representam papel importantissimo nas manifestações de prazer daquelle povo, tanto religiosas como politicas, em que sobresaem, como em toda a parte, os sibilantes foguetes eleitoraes. A festa de maior solennidade é a de Santa Philomena, na egreja de Carmo, e já se falava da festa dos Remedios, para quando ficasse prompta a egreja, que promette ser um dos ornamentos da cidade.

Agóra, para terminar essas pequenas observações sobre usanças e costumes do povo maranhense, alguns typos da rua.

O movimento dos transeuntes não é grande, salvo nas ruas commerciaes do Trapiche, Grande e Nazareth. A quem vem de S. Paulo e Rio, impressiona logo o andar lento, commodista, do povo tropical. Na maneira de trajar-se, nada de original. Nota-se apenas que as moças e creanças gostam muito das toilettes brancas, o que é deveras para louvar; é a côr usual não só nos trajos caseiros como na rua e nas festas. Contraste desvantajoso offerece o sexo barbado, que quasi nunca se apresenta de roupas leves, pois usa pesadas casemiras, quasi sempre pretas, solennes. O desaccôrdo entre o clima e os vesturios é simplesmente escandaloso em todo o Norte, que aliás, nesse ponto, nada mais faz do que imitar o Rio, onde, nos mezes de fevereiro, se vêem *flanar* na rua do Ouvidor, muito cheios do seu *chic*, individuos de sobrecasaca preta fechada e de chapéu alto! Si nesse meio apparece um inglez todo de branco, desde os sapatos de lona até ao chapéu de palha, é acom-

panhado de gestos de compaixão e mofa.

Nas classes inferiores o trajo é o mais simples possivel. Nos bairros pobres é muito commum verem-se creanças núas. Essas ao menos vivem de accôrdo com o clima. As mulheres mestiças usam quasi todas flores na cabeça, quasi sempre *estrellas*. Sómente não são colhidas no firmamento.

Typos originalissimos são os carregadores de feretros nos enterros, que no Maranhão são todos feitos a mão, havendo para essa conducção profissionaes. Estes usam chapéu alto, com uma larga fita dourada, casaco preto, tambem enfeitado com cadarços dourados. Andam descalços e munidos de grandes bastões, sobre os quaes atravessam o caixão mortuario, que assim é conduzido como si fôsse um piano. A esses carregadores chamam *gatos pingados*.

Mais adeante, encontrámos o vendedor de carvão. Traz atravessado nos hombros um pau, a cujas extremidades se prendem duas columnas de doze a dezeseis cófos de carvão, presos uns aos outros por meio de cordas.

O côfo, objecto peculiar ao Maranhão, é um cesto ou antes um sacco feito de folhas de palmeiras trançadas, em geral das da *pindoba,* com capacidade de trinta litros talvez; o seu uso é vastissimo em todo o Maranhão. E' o recipiente e o continente de quasi todos os generos da terra; substitue os saccos, as barricas, os caixões e até as gaiolas. No côfo se guardam a farinha d'agua, o milho, o sal, as frutas, e cal para as construcções. O camarão é vendido em cófos, e . . . a proposito: — é preciso dizer que o povinho miudo, por mais ignorante que seja, nunca deixa de pronunciar o plural com toda a prosadia, o *o* aberto, sonoro, retumbante, — cófos.

Ao Zé-povinho em viagem o côfo serve de

mala de roupa. As aves domesticas bem como as selvagens (jassanaus, guarás, etc.) são transportadas em cófos dobrados em cruz.

Esse *cófismo* dos maranhenses reveste, as vezes, a fórma aguda. Basta dizer que, não satisfeitos com a multiplicidade de suas applicações, quizeram transformal-o em mitra de bispo e, num momento de indignação anti-clerical, houve quem pela veneranda cabeça de digno prelado enfiasse o irreverente côfo. Perdôe-nos esta indiscreção o illustre personagem auctor do attentado, que apenas citamos — não para provar o espirito pouco religioso do povo, mas antes para mostrar o seu apego ao côfo.

Disseram-nos que tambem quizeram *encôfar* o Conde d'Eu, quando por lá passou.

A cidade do Maranhão já não tem segredos para nós. Os misteres da nossa vida profissional levaram-nos aos seus mais remotos recantos. Os habitos hospitaleiros da sua socidade fizeram-nos surprehendel-a no meio das suas espontaneas alegrias e dos seus mais intimos soffrimentos. Já lhe não encontramos no ambiente nada mais de extranho que impressione a nossa retina de curiosos. A natureza bondosa e intelligente dos maranheses o comprehende, e antes que nos invada a nostalgia, convida-nos a visitar o interior da ilha. Iremos á Mayoba, retiro ameno e bucolico, onde os maranhenses gostam de passar bôa parte do anno.

Tomaremos um banho no rio. Oh, nada como o banho na Mayoba! Não podiamos imaginar o que isso era — «um banho na Mayoba»: Nem no Turú, nem no Cutim o banho é tão bom... Pois bem, — vamos á Mayoba.

São seis horas da manhan. O bonde da rua Grande deixa-nos justamente na estação da estradinha de ferro que nos deve levar ao Anil. E' uma linha de oito kilometros, bitola estreita, e que faz

Porto do Anil

o percurso em meia hora talvez. Os carros, abertos em fórma de bonde, nos facilitam a apreciação da paizagem. O ar da manhan agrada; o passeio começa bem. Algumas chacaras, ao sair da cidade, chamam-nos a attenção, revelando no typo das casas, de cimalha e azulejo, com estatuetas ou vasos no topo das escadas, que se trata de habitações ricas e antigas. Em quasi todas admiram-se a fronde magestosa de velhas mangueiras, a folhagem arroxeada e luzidia dos enormes coqueiros e a elegancia grácil das palmeiras. Nos portaes, as taboletas chamam a attenção por suas denominações poeticas, como: — Anjo da Guarda, — Bom Gosto, — Estrella d'Alva, — Veneza, — Roma, — Ribeira de Ouro, etc.

A linha ferrea é paralella á estrada de rodagem, de modo que pelo caminho vamos encontrando typos roceiros que trazem suas quitandas para a cidade.

Quando nos afastámos da estrada, penetrámos no matto, geralmente arbustivo, predominando as palmeiras de typo pequeno e os cajueiros. O terreno é sempre plano e arenoso, tendo de mistura

um pouco de barro, que lhe dá o seu tom roseo.

Não ha poeira. O trem pára diversas vezes, sendo a primeira na *Jordôa*, povoação de talvez cincoenta casas, logar muito salubre e procurado pelos beri-bericos da cidade. Mais adeante passámos pelo Outeiro da Cruz, — a primeira elevação que se nos depara nessa paizagem completamente plana.

Outeiro da Cruz

Do trem avista-se a cruz de pedra, que, a titulo do monumento, os maranhenses lá mandaram fincar em commemoração da batalha com que os portuguezes derrotaram naquelle ponto, e para sempre, os hollandezes.

Chegámos ao Cutim. A' nossa esquerda um grupo de frondosas mangueiras, por entre as quaes serpeia um riacho, o que dá uma idéa do pittoresco da paizagem. Encontram-se lá muitas chacaras, a que chamam *sitios* e que se vão continuando até ao Anil, ponto final da linha.

Nesta povoação de cerca de cem casas, tomámos um *char-à-bancs*, que nos devia levar a Mayoba, num trajecto de duas horas. Passamos logo por alguns sitios, mais adeante por um bosque de bellissimas jussáras, em meio das quaes, aqui e acolá,

se descortina uma casinha coberta de palhas de pindoba, e depois entrámos na matta. Ali a vegetação já é mais alta, mais ainda predominam as palmeiras, sempre as palmeiras. Algumas têm o typo do tucúm, caule erecto, curto e espinhoso; outras, como o *babassú*, estão carregadas de frutos e têm folhagem abundante. A *jussára* e o *burity* preferem as margens dos rios. A vegetação epiphita não é tão commum como no Sul; não se véem orchideas nem bromelias.

Em compensação, os cipós, as trepadeiras e os cactus dão á floresta um caracter de impenetravel. Frequentissimas as passifloras, com as suas flores originaes, de fantastica belleza. Nesse genero apresenta a ilha uma grande variedade, entre as quaes sobresai o maracujá, de dimensões aproximadas ás de um mammão.

Assim, pois, a estrada é toda fechada pelo matto, o que torna a viagem agradabilissima.

De vez em quando uma aberta, um roçado recente, onde, ao lado de uma cabana primitiva se apresentam alguns pés de mandioca e alguns caboclinhos nús.

Na ilha, o typo predominante nos trabalhadores é o indio e especialmente o mestiço do indio.

Passado algum tempo, os descampados se vão tomando mais frequentes. Agora entrámos na Mayobinha, onde já começam os *sitios*.

Amadores do rustico lá ficariam encantados deante de uma capellinha tosca plantada em meio de um grupo pittoresco de palmeiras buritys e babassús.

Os sitios seguem-se dahi em deante com mais frequencia, revelando-se ao transeunte por nomes mais ou menos romanticos e entremeados aqui e acolá por cabanas de caboclos.

O terreno vai se tornando mais arenoso. O sol já começa a se fazer sentir. A paysagem, sem-

pre a mesma, ameaça monotonia . . . Felizmente, eis-nos chegados á Mayoba.

O nosso carro pára e, ao portão do sitio, vêm receber-nos prazenteiro o dono da chacara, dando-nos a fresca noticia de que naquella manhan já tomára dois banhos e que estava á nossa espera para tomar o terceiro.

Emquanto descançavamos, reclinados na rêde voluptuosa, estivemos a conjecturar sobre a Mayoba, com os seus sitios, o seu banho, e a sua vida bucolica.

O maranhense, excitado pelos ardores do clima torrido, tem um grande enthusiasmo pelos banhos, soffre de uma verdadeira balneomania. Buscando o interior, para em repouso campestre refazer as forças gastas pelo clima enervante, vai elle levantar a sua tenda á margem dos riachos que, em diversas direcções, cruzam a ilha. Procura os pontos em que o rio é mais fundo, a agua mais transparente, a correnteza mais forte, a matta mais umbrosa.

Este avassallamento dos rios da ilha pelos sitios faz temer que escasseiem os mananciaes de agua para a capital, tornando-os assim inaproveitaveis com o povoamento de suas margens. Essa circumstancia, assim como as derrubadas feitas pelos lavradores que procuram o terreno humido e fertil das margens dos rios, deve ser tomada em muita consideração pelos governos maranhenses, mórmente agóra que seriamente se cuida do saneamento da capital.

Gosa de geral preferencia o rio da Mayoba, á cujas margens, numa extensão de alguns kilometros, se vão extendendo os diversos sitios que merecem antes o nome de chacaras, tal a exiguidade do terreno, cerca de cem braças em quadra.

Contiguos uns aos outros, são limitados, á frente pela estrada, atraz pelo rio. A casa é tosca, espaçosa e baixa, de parede de tabatinga, e tecto de

palha de pindoba. O commodo principal é a varanda, logo á entrada, aberta de todos os lados á briza refrigerante, e é onde a familia passa o dia, gosando a doce quietitude da roça, e interrompendo o repouso apenas para ... tomar banho. Este é, em summa, o eixo em torno do qual gyram todos os encantos da Mayoba.

Atravessando o pomar, eis-nos á margem do rio.

A scena é realmente bella. Alargando as suas margens, a corrente fez ahi um pequeno lago de uns quinze metros de diametro talvez. A agua transparente deixa ver o alveo de branca areia, a uma pequena profundidade, de alguns palmos; das margens levanta-se, de um lado, a matta expessa, sombria, protectora; do lado opposto, um bosque de jussáras, que dá ao quadro uma feição tropical e encantadora.

Isolada, a jussára é uma palmeira feia; o caule, esguío e recurvado, parece ceder ao peso da folhagem. Em grupo, porém, não conhecemos outras mais bellas; aqui, inclinadas sobre o rio, parecem querer reflectir no espelho das aguas a fronte luzidia e inquieta. Ao lado, erecto, firme, altaneiro, contrasta com as travessas jussáras um soberbo burity, procurando com o leque das folhas abrigar do sol a poetica banheira.

Quem póde resistir a taes attractivos? Silenciosamente nos fomos preparando até que, afinal, tambem pagamos o nosso tributo ás delicias do banho da Mayoba.

O resto do dia passou-se em alegre convivencia. De vez em quando o nosso amphitryão desapparecia... Quando lhe notavamos a ausencia:

— Está no banho, dizia-nos risonha a sua esposa.

A' tarde, fizemos uma excursão á matta, para apanhar mosquitos. Baldado intento! Na ilha não ha pantanos, não lh'os permitte o terreno arenoso,

absorvente. Tambem não ha bromelias, as quaes, pela retenção da agua das chuvas, constituem meios muito proprios á cultura das larvas.

Ao cair da noite um rumor soturno e longinquo começou a nos chegar aos ouvidos; como que se avolumava — e com tendencias invasoras.

— Será o mar, será algum levante popular?

— E' o boi, disse-nos, alegre, o filho da casa, uma travessa creança de quatro annos.

Só então nos lembrámos de que nos achavamos na semana de S. João. Seria, então, o classiso *Bumba meu boi!* festejo popular, cuja recordação se apaga indecisa na nossa infancia, mas que no Maranhão ainda vive, sempre apreciado pela roceira população de hoje.

Tambem não tardou que elle batesse á nossa porta, acompanhado por um magote de caboclos, mais ou menos carnavalescos, alguns fantasiados de indios com cocáres e tangas de plumas, outros com mantos de belbutina e lentejoulas, todos com voz mais ou menos alcoolisada.

E' impossivel discrever a série ininterrupta de ceremonias, tregeitos e ademanes em que se desenvolve a funcção, até á *morte do boi.* Só notámos que então se faz uma pausa, e que ao lado do dono da casa, ouvimos uma voz abafada e mysteriosa, que dizia:

— Senhor, o *boi* está com sêde.

Na escuridão da noite brilhou sorrateira uma garrafa e... o *boi* resuscitou.

Resuscitado o *boi,* seguiu a folia, repetindo a mesma cousa de porta em porta. Succederam-se outros *bois,* e a mesma toada confusa e barulhenta se prolongou pela noite inteira, a ponto de, ao romper do dia, quando voltavamos para a cidade, ainda

encontrarmos pela estrada, mais ou menos cambaleantes, alguns *boiadeiros* retardatarios.

VI

Fomos depois convidados a visitar Alcantara, — não que a cidade velha e arruinada mereça ser visitada, mas porque teriamos um pretexto para dar um passeio maritimo pela bahia de S. Marcos.

A bordo da *Filha do Norte,* canôa elegante e veleira, esperámos a maré, emquanto nos distrahia a passagem de um *casco* remado por duas mulheres. Duas originalidades a um tempo: — a tripulação e os remos! Estes, usados tambem no Pará e no Amazonas, não se parecem absolutamente com os nossos; são verdadeiras pás redondas e munidas de um cabo curto. Tambem os movimentos dos remadores são differentes, muito mais rapidos e limitados. Remam como si cavassem a agua. A segunda curiosidade são as mulheres, que remam com tanto garbo, força e accentuada cadencia, como os melhores marujos.

A *Filha do Norte* suspendeu o panno. O vento era rijo, o mestre do leme, um caboclo inspirou-nos logo confiança. Partimos alegremente, sentados á pôpa, surprehendidos por um ou outro borrifo da mareta, emqunto o nosso companheiro, folgazão e espirituoso, nos consolava dizendo que era — o pó da estrada.

Atravessada a bahia numa extensão de nove milhas, depressa nos achámos no termo de nossa viagem. Levou-nos então a canôa por um canal que fica ao lado da ilha do Livramento, e largou ferro junto de uma collina coberta de casas velhas e maltratadas.

E' a cidade de Alcantara, uma das mais antigas do Estado, e que foi nos principios do seculo pas-

sado, por sua riqueza, pelos habitos afidalgados de sua população, uma rival da capital fronteira. Hoje, é uma ruina de belleza commovedora. Conheçâmol-a de perto.

Ao subir a encosta, por uma rua calçada de pedras escuras, nas quaes os nossos passos arrancam ruidos extranhos, só se vêm de lado a lado casas velhas, esburacadas, de cujas frinchas espia a indigencia e onde se tem a sensação cruel do abandono.

Aqui e alli, alguns gallinaceos, cães emmagrecidos correm a esconder-se por entre as moitas de vassouras que invadem a rua. Mais adeante, no solo, a seccar, um tapete de camarões; lá, defronte, um predio de bôa apparencia, fechado e ostentando na beira do telhado uma cimalha verdejante de matto... E assim se succedem as ruas, reproduzindo sempre as mesmas scenas de silencio e abandono. A verdadeira ruina, porém, ainda não vimos.

O nosso cicerone, que só agóra parece triste, leva-nos ao convento das Mercês, ou antes, ao sitio onde outrora existiu elle. Hoje só lhes restam as paredes do frontispicio da egreja e do campanario, feitas de pedra ennegrecida, resistentes e teimosas, afrontando o mar de sua posição bellissima. Do resto do edificio nada mais se vê.

Pouco distante fica a matriz que ha muito tempo já não funcciona, por estar caindo aos pedaços, e mais além, o convento e egreja do Carmo. Aquella já está em franca ruina; este ainda procura resistir á derrocada, mal conseguindo as teias de aranha encobrir-lhe a riqueza de seus dourados.

Mas ainda não é tudo.

Nessa via dolorosa, o peior transe nos estava reservado para o fim. Entrámos na rua das Amarguras, a rua dos palacetes.

Logo no comêço, as ruinas de um grande sobrado de antigo titular, o barão de Grajahú. Fôra elle um grande do imperio; dominara a sua terra.

Ainda se lhe vêm as paredes lateraes, todas de pedra escura. Na fachada restam de pé portaes de boa cantaria portugueza e, pelo chão, pilastras e ladrilhos de marmore branco. Galgando as paredes, insinuando-se pelas frestas, uma trepadeira caridosa vai escondendo ao olhar do viandante aquelle triste espectaculo: — é o melão de S. Caetano, a fazer assim as vezes da historica hera das ruinas feudaes do Rheno, e que a pouco a pouco vai cobrindo a cidade morta como si fosse uma mortalha... Logo depois um outro palacio, queremos dizer—outra ruina, e assim se vão succedendo uns trinta talvez! A rua inteira é uma Pompéa! O espectaculo que offerecem todos esses antigos sobrados é sempre o mesmo. Paredes de pedra, núas, isoladas, esqueleticas, mais ou menos cobertas de verde; um ou outro gradil enferrujado; bellissimas columnas de granito portuguez, e blócos de marmore espalhados por toda a parte, lembrando na sua alvura e na sua tristeza as ossadas de um cemiterio.

Ha uma arvore que cresce nas pedras como num terreno ricamente adubado. Chamam-na *atraca.* A ruina é o seu ponto de apoio e as raizes se esgueiram por seus intersticios até ao solo.

O nosso guia, filho da terra e testemunha resignada da sua decadencia, vai-nos revivendo a historia de todos esses palacios:

— Alli foi o solar do barão de Pindaré, senador do imperio...

Depois indicou mais adeante o berço dos Viveiros, dos Franco de Sá; naquella casa, no extremo tinha nascido o dr. Silva Maia, uma tradição maranhense; num alto sobrado residira o barão de São Bento, a primeira fortuna do seu tempo... E assim por deante, sempre a mesma impressão desoladora.

«Uma illusão gemia em cada canto
Chorava em cada canto uma saudade.»

A humanidade costuma levantar aos seus heróes monumentos de pedra, como si fôssem eternos. Em Alcantara dá-se o contrario; os granitos e os marmores, attestados de sua passada grandeza, vão sendo arrasados pela ruina; os nomes, porêm, e seus possuidores, esses continuam eternizados na memoria e no coração de seus patricios.

Fóra da cidade, a um quarto de legua talvez, encontra-se a *quinta de Nazareth,* que fôra dos Viveiros, bello estabelecimento, hoje completamente abandonado, e que ainda attesta nas suas construcções, nas suas grades complicadas, nos tanques de pedra, nos viveiros, a riqueza e o gosto de seu fundador.

Quanto trabalho gasto, quanto capital perdido! A melancolia nos invade, não tanto pela saudosa recordação de antigos tempos de florescencia, a que não assistimos, como pelo effeito desanimador que assim produzem essas ruinas num paiz ainda tão novo!

A decadencia de Alcantara (coisa interessante) é devida ao progresso da navegação fluvial maranhense. Outróra, quando os rios não eram sulgados pelos innumeros vapores que mantêm actualmente a troca commercial entre o centro e o interior, e vice-versa, a cidade de Alcantara, situada no continente, era o entreposto commercial da cidade de S. Luiz, isto é, do commercio extrangeiro e do das outras provincias para o interior do Maranhão. Alcantara era ponto obrigado: — abastecia a capital de productos da provincia e de lá importava todas as mercadorias para o consumo. Uma vez, porêm, que a navegação lhe dispensou a intervenção commercial, a decadencia sua se tornou inevitavel. Não foi,

pois, um cataclysma como o de Herculano e Pompéa, que a reduziu á condição de ruinas, mas um accidente egual aos de Tyro e Carthago. Não chegou a ter o brilho commercial e maritimo desta ultima cidade, mas tambem não teve de supportar os horrores da guerra. A sua rival era a capital da provincia, S. Luiz do Maranhão, cuja supremacia se viu obrigada a reconhecer.

Ao cair da tarde, tambem abandonámos a cidade abandonada. Já o nosso barco deslizava célere em plena bahia, e ainda avistavamos de longe as paredes hirtas das Mercês solitarias no alto da collina, affrontando o céu, como si fôssem um negro fantasma, a se destacar no fundo violaceo do crepusculo... Depois caíu a noite e logo appareceu a luz branca do pharolete da necropole, dando a idéa de um cirio acceso no cemiterio...

O mar entretanto, não parece estar muito satisfeito com o nosso passeio. O nordeste soprava rijo; o barco era pequeno e as ondas cavadas. Estavamos justamente no *Fundão,* o trecho mais perigoso da travessia, quando se rompeu o panno e o mestre, para evitar maior desastre, deu a pôpa ao vento. Começámos a ficar inquietos... Que mais? si á nossa frente apparecia a ilha do *Medo* e por traz della o terrivel *Boqueirão.*

Felizmente concertou-se a véla, e entrámos de novo a bolinar no rumo primitivo. Durante esse tempo, o nosso companheiro, que em viagens repetidas se fizera valente marinheiro, procurava infundir-nos coragem, contando-nos *historias de naufragios*... e de *tubarões,* interrompidas de vez em quando por um borrifo mais forte, que nos obrigava a procurar o fundo da embarcação. A luz branca do pharol na Ponta d'Areia havia já muito que nos acenava como um raio de esperança; tambem não tardava que a

sua luz vermelha nos indicasse que nos achavamos no canal, e breve saltariamos em terra, — o que afinal se realizou, tendo nós gasto cinco horas de viagem na volta, em vez das duas que gastámos na ida.

As vizinhanças da capital, o interior da ilha, Alcantara, São Bento, Rosario, são muito procurados pelos beri-bericos do Maranhão, e isso nos leva a fazer algumas observações sobre a sua salubridade e sobre os factores que a condicionam, como o clima, os habitos de vida, etc.

A meteorologia do Maranhão pode-se dizer que é a mesma em todo o extremo Norte.

Ha duas estações: — uma chuvosa, que vai de dezembro a julho a que chamam *inverno,* e outra que chamam *verão,* comprehendendo os mezes de julho a novembro. Sem haver sensivel differença de temperatura, as duas estações se distinguem no entanto perfeitamente. Na primeira predomina a humidade, que lhe dá a nota caracteristica; na segunda, os ventos geraes. No inverno chove diariamente. A chuva apparece geralmente á tarde; nada preunncía, a não ser o calor asphyxiante. De repente vem a refrega, com trovoada ou não; cáem torrentes de agua, de alguns minutos, algumas horas ás vezes, e tudo termina subitamente, como começára. O céu se aclara; o sol reapparece.

As ruas da cidade lucram immediatamente com essas lavagens repetidas; o sólo, porêm, embora absorvente, arenoso, conserva-se constantemente impregnado de humidade. O estado hygrometrico do ar é carregadissimo: — os bolores invadem tudo, a roupa, o calçado, os livros.

Depois da chuva, ao contrario do que se observa no Sul, o calor continúa intenso como dantes, podendo-se assignalar o interessante paradoxo de que

no inverno faz mais calor do que no verão. Neste as chuvas são rarissimas, e o elemento caracteristico são os *ventos geraes*, que sopram do mar, do quadrante N. E., dia e noite, continuamente, procurando num trabalho tenaz, persistente, sugar do solo, das casas, do ar, toda a humidade lá deixada pelo inverno.

Como se vê, bem differentes são as duas estações, embóra o thermometro passe em ambas pelas mesmas oscillações. O homem, porêm, sente mais calor no *inverno*, quando as sobrecargas da humidade atmospherica lhe atrazam a transpiração cutanea, não obstante a viração ser continua.

As noites no Maranhão são sempre agradabillissimas, seja qual fôr o calor diurno.

Neste ponto leva decidida vantagem ao Rio de Janeiro e a Santos, onde nos mezes de fevereiro e março as noites são tão quentes como os dias.

Em relação ás suas condições climaticas, o Maranhão occupa uma posição vantajosa em nosso mappa. Situado entre o Ceará e o Piauhy de um lado, e a região amazonica do outro, não o avassallam as seccas da primeira zona, com todo o seu cortejo de miserias, nem as innundações da segunda — com as suas consequencias desastrosas, de infecções palustres. Cabem ao Maranhão todas as vantagens do meio termo.

A pathologia indigena tem a sua feição caracteristica justamente no inverno, que é a estação do beri-beri.

Parece que em ponto nenhum do Brazil essa molestia encontrou elementos tão proprios á sua permanencia como na cidade do Maranhão.

Diagnosticado pela primeira vez em 1868, o beri-beri lá estabeleceu os seus arraiaes, tornando-se endemico, e, pela emigração dos doentes, o ponto de partida de muitos fócos metastaticos no Sul.

No Maranhão, a predilecção do beri-beri pela estação chuvosa é evidente. Nella apparecem os casos novos, nella sobrevêm as crises nos casos chronicos. Acreditamos que em parte alguma, justamente pela differença flagrante das estações, se poderá salientar tão bem a influencia, que o factor *humidade* tem sobre o beri-beri.

O fóco principal é a capital. Raros são os casos do interior; na ilha não apparecem, salvos os doentes vindos da cidade, e no entanto o clima, os habitos, a alimentação, a raça, o meio, emfim, são os mesmos em todo o Estado. O que ha a accrescer é que a população da capital é apenas mais condensada. O beri-beri não escolhe raças nem classes. Tanto o branco como o cafuz, tanto o rico, que vive nas espaçosas moradas da rua dos Remedios, com conforto e hygiene, como o pária que se alimenta de farinha de agua e vive nos baixos dos sobrados, sombrios e infectos, são todos accomettidos do mal de Ceylão. Parece que o enfraquecimento accidental do organismo favorece o apparecimento da molestia e provoca nos casos latentes o reapparecimento das crises. E' assim frequentissimo o beri-beri *post partum*, o que surge nas convalescenças de molestias geraes e nos casos de profundo abalo moral, desgostos, etc.

Observação interessante, que aliás não fomos os primeiros em consignar, fizemos nós em relação ao effeito negativo exercido sobre o beri-beri pelas desinfecções. Por causa da peste tinha sido toda a cidade desinfectada, e quando a peste cedia na razão do augmento das desinfecções o *beri-beri crescia na frequencia dos casos*.

O effeito da mudança como therapeutica é muito evidente no Maranhão. Doentes ha, em estado gravissimo, com phenomenos bulbares accentuados, vomitos, dysphagia, orthopnéa, tachycardia, indicando

tudo a asphyxia proxima, que, transportados em maca para bordo e immediatamente para a Ponta d'Areia ou Alcantara, a uma ou duas horas de distancia, lá chegam alliviados e já andando! No entanto, quando descemos de Manáus, trazendo a bordo do nosso vapor quarenta e tantas praças beribericas viemos deixando cadaveres por todos os pontos até Pernambuco, apesar de dez dias de viagem.

Poucas molestias ha que a uma symptomalogia tão caracteristica reunam uma etiologia tão obscura. Resultado sem duvida de alguma intoxicação, ella lá está no Maranhão a desafiar o cuidado dos éstudiosos, offerecendo, em grande numero de casos em inicio da molestia, um bom campo para estudo.

Deixando de parte o beri-beri, pouca coisa ha ainda digno de nota nas molestias do Maranhão.

A febre amarella lá existe, e apresenta annualmente alguns casos esporadicos. Este facto deve ser assignalado, e tem a sua importancia agóra que no Rio de Janeiro se está seriamente tratando de extinguir o mal de Sião. Queremos dizer que, embóra seja lá attingido esse desideratum que todos nós tão ardorosamente almejamos, a capital da Republica estará sempre na imminencia de novas contaminações provenientes do norte, onde é elle endemico em todos os Estados. A guerra que actualmente se está fazendo no Rio precisa ser seguida de uma campanha egual nos Estados.

O impaludismo não existe na capital. Rarissimos casos encontrámos na peripheria da cidade, para o lado do Apicum, onde provavelmente se criam anopheles nos brejos que ha por lá. Na cidade se encontram em grande abundancia *Stegomyias e Culex fatigans.*

A morphéa tem no Maranhão um dos seus principães fócos, não na capital, mas no interior, sobretudo em Anajatuba e Vianna, e se calcula approxi-

madamente em quinhentos o numero de morpheticos em todo o Estado. Notámos com prazer que o principio do isolamento em colonias-hospitaes está acceito não só pelo governo, que projecta pol-o em execução, como tambem pelos proprios morpheticos, — pois já ha nas vizinhanças da capital um abarracamento de lazaros, os quaes de bôa vontade a elle se sujeitam. Ao governo não é, portanto, difficil, por meio de systematico afastamento de leprosos dos centros povoados, cortar o mal pela raiz, emquanto é tempo.

A dysenteria é bem commum, embóra não epidemica. Para mostrar que a tuberculose tambem o é, basta lembrar que o Maranhão é uma cidade antiga.

Notámos ainda, com prazer, a pouca frequencia do alcoolismo agudo ou chronico nas classes baixas. Nos domingos e dias festivos são rarissimos os casos de embriaguez, o que de certo tem a sua explicação na ausencia de extrangeiros oriundos de climas frios.

VII

A mortalidade na primeira infancia é grande, occasionada sobretudo por desvios de alimentação. E' uso corrente no Maranhão, até nas classes mais abastadas, o emprego das *papas* logo após os primeiros dias de vida das creanças, *papas* que assim fazem *pendant* á banana de S. Thomé, usada no Sul pela população rural.

De tal modo está radicada a *papa* no trato das creanças, que, si alguem indignado se revolta contra ella, provoca extranheza e censura. Fóra das *papas* usam o leite condensado e muito poucos o leite de vacca, que, além de não ser muito bom, é caro, custando geralmente 700 réis a garrafa! Acreditamos que as *papas*, pela mortandade que causam

na infancia dão ao Maranhão muito mais prejuizo que o beri-beri pelo afastamento imposto aos seus filhos.

Este conceito pode, no entanto, ser modificado pela maneira de preparar e administrar a *papa*. Um collega nosso, que mora em São Paulo, e a quem chamaremos *Dr. Raymundo*... para denunciar-lhe o querido torrão natal, casado tambem com maranhense, contou-nos o seguinte caso, passado com sua primeira filha.

— Durante a gravidez da senhora, o casal fez varios castellos sobre os cuidados que dispensaria na creação do primeiro filho. O medico não se esquecera de recommendar com muito interesse o leite materno como unica alimentação nos primeiros mezes, e de condemnar o uso das *papas*. Era assumpto bem assentado.

Com effeito, nascida a interessante creança, hoje quasi moça, o pae notava com grande orgulho e prazer o seu progresso em peso e formosura. Aos 8 mezes, era ella de uma robustez que todos admiravam e o pae, clinico então em uma cidade do interior, levava a sua casa as suas clientes para mostrar como se cria uma filha sadia somente com leite materno. Uma occasião recebeu um chamado e, em meio do caminho, sabendo que os seus serviços já não eram necessarios, voltou á casa, onde não era esperado. Encontrou a senhora admistrando *papas* á creança á moda maranhense, isto é, servindo o dedo indicador de colher. Surpreza, flagrante, inquerito, uma decepção! A senhora confessou então, a sorrir, que havia seis mezes que a creança comia *papas* e que lhes attribuia a sua robustez.

Dahi por deante, o nosso collega, meio desconcertado, convidava os amigos para vêr como se póde (por excepção) alimentar uma creança com *papas* sem lhe fazer mal! A farinha de mandioca era cui-

dadosamente escolhida e passada numa peneira finissima e a *colher* era rigorosamente lavada, como se fôsse para uma operação cirurgica.

Escusado é dizer que os outros filhos de d. Celeste (este nome é o predilecto do Maranhão, podendo-se dizer que é o feminino de Raymundo) foram creados com *papas,* preparadas sempre com o mesmo capricho hygienico.

Emfim o typo geral da população é o de um povo sadio, typo que está mesmo a desmentir a supposição feita no Sul de que no Norte o clima é malefico e de que lá é impossivel gozar saúde.

Realiza-se no Maranhão o celebre preceito: — *mens sana in corpore sano.*

O ter talento é a regra geral, e a loucura por lá é muito rara.

Uma vez que falamos em molestias, não devemos calar que o Maranhão possue dois hospitaes mantidos pela caridade publica, o da Santa Casa e o Portuguez.

O primeiro occupa um grande edificio, com bôas salas, altas e arejadas e está bem situado na praça da Misericordia.

A impressão causada pelo Hospital Portuguez é muito bôa. Situado na rua mais larga da cidade, a rua do Passeio, occupa um bello edificio, rodeado por espaçoso jardim. O asseio e a ordem são rigorosos. Não ha irmans de caridade; os enfermeiros são profanos. E' seu medico assistente o dr. Ferreira Nina.

Considerada pelo lado economico, a vida dos maranhenses tambem está muito acima da idéa que fazemos no sul a respeito das difficuldades que elles têm de vencer para attingir a certo gráu de prosperidade.

Já vimos que não ha miseria e que não ha

absolutamente falta de trabalho. A capital tem, só por si, sete fabricas de tecidos, em que se occupam milhares de operarios.

A vida maritima, os vapores fluviaes, dos quaes ha duas grandes companhias, os barcos a vela, os transportes de gado, os trabalhos de estiva, dão occupação na capital a mais de tres mil pessoas.

Uma bôa prova de que o trabalho do homem é lá bem reputado está em que a vida é cara.

Sendo uma terra de frutas, nunca as vimos tão bem pagas: vendem-se os abricós a 800 réis, abacates a 300 réis e 400 réis, abacaxis a 500 réis e assim por deante.

O leite, como já mostrámos, é mais caro do que no Rio de Janeiro. Até a agua é carissima. Uma modesta familia de empregado publico, que ganha 225$000 réis, paga 14$000 réis de agua por mez! O gaz acompanha a mesma tabella. Nessa mesma casa o gasto mensal é de 18$000 réis! Verdade é que o aluguel da casa é mais barato do que no Rio e em São Paulo; a carne e os creados acompanham porêm, as mesmas taxas.

Sem haver grandes millionarios, ha entretanto muita gente abastada. Para proval-o basta dizer que as grandes empresas de navegação fluvial e maritima, e todas as fabricas de tecidos foram montadas exclusivamente com capitaes maranhenses, na avultada somma de 24.000 contos de réis.

Tambem a situação financeira do Estado não é das peiores. Para um orçamento de 3.000 contos de réis a divida não vai muito além de 1.000 contos.

A situação do municipio da capital é ainda mais prospera: — o orçamento é de mais de 480 contos de réis e a divida não excede a quarta parte dessa quantia.

O Estado não tem loterias nem na cidade se encontram casas que vendam bilhetes. O jogo de

bicho, esse então é desconhecido. O governo nunca deixou medrar similhante praga.

Fabrica de Tecidos da Gambôa

Ha na vida economica e financeira do Maranhão um contraste interessante. Emquanto as fortunas particulares ha dez annos atraz, se atiravam loucamente a novas emprezas industriaes e commerciaes, deixando-se envolver nas orgias fantasticas do ensilhamento, os governos se conservavam reservados e timidos, fieis aos seus velhos principios conservadores.

Verdade é que muitas fortunas particulares se esboroaram, mas não é menos verdade que lá ficaram as grandes fabricas que hoje estão dando resultados, — ao passo que, mantendo a sua attitude conservadora, si poucos melhoramentos materiaes legaram os governos ao Estado, em compensação mantiveram o seu credito, que muito lhes vale no presente, porque é agóra que o Estado tem necessidade de se abalançar a grandes obras de saneamento.

Eis os nomes e o capital das principaes emprezas industriaes do Maranhão:

Banco do Maranhão	1.3
Banco Commercial	1.3
Banco Hypothecario	1.0
Companhia de Seguros Maranhense	20
Companhia de Seguros Esperança .	15
Companhia de Vapores Maranhense	1.50
Companhia Fluvial Maranhense .	43
Companhia Fabril Maranhense . .	2.80
Companhia Fiação e Tecidos Maranhense	1.20
Companhia Fiação e Tecidos Rio Anil	1.60
Companhia Manufactureira de Codó	1.00
Companhia Fiação e Tecidos do Canhamo	90
Companhia Fiação Industrial Maranhense	25
Companhia União Caxiense . . .	92
Companhia Fiação Industrial Caxiense	50
Companhia Progresso Agricola . .	60
Companhia Usina Castello . . .	16
Companhia Illuminação a Gaz . .	54
Companhia das Aguas São Luiz .	44
Companhia Salineira Alcantarense .	20
Companhia Fabrica de Chumbo .	15
Companhia Alliança	30
Companhia Telephonica	3
Companhia das Aguas de Caxias .	12
Companhia Sanharó de Caxias . .	15
Companhia Ponte de Caxias . .	15
Réis . . .	18.02

Veja-se agora o seguinte quadro da si
ção em 1903:

Pela somma dos algarismos da exportação, (para os outros Estados ou para o extrangeiro), se verifica que a exportação total do Maranhão attinge a cifra de 8.132:847$642.

Attendendo-se á grande producção de cereaes e de algodão, ao grande numero de fabricas de tecidos que dão com sobra o necessario para o sustento e vestuario das classes menos favorecidas da fortuna, e, por outro lado, attendendo-se tambem a que o Estado quasi não deve, que as suas industrias são todas mantidas por capitaes maranhenses, póde-se concluir que o Maranhão é um Estado rico e bem administrado.

Antiga Praça do Mercado

Na capital o commercio de importação é muito importante e, além de fornecer a todo o interior do Estado, abastece tambem o Piauhy por intermedio da navegação fluvial e da estrada de ferro de Caxias a Therezina.

Estação de Caxias da estrada de ferro que vai de Caxias a Therezina

Por viajantes de casas extrangeiras, com quem nos encontrámos em nossas excursões, fomos informados de que a praça do Maranhão gosa de alto conceito quanto á sua honestidade commercial.

Neste particular não citaremos nomes, porque só nos preoccupamos das impressões de viagem; em relação, porêm, ao commercio do Maranhão a impressão que nos ficou é que, além de ser elle serio e honrado, faz tambem as suas transacções com fidalguia. Mais de uma casa commercial no dia de nossa partida não quiz receber a importancia de artigos de viagem que lhes compráramos, sob protexto de que seriam lembranças do Maranhão.

Lembranças do Maranhão! Pois porventura precisariamos de mais alguma coisa que nos fizesse ter saudades daquella generosa terra? Já o seu governo não nos tinha distinguido tanto? O seu povo não tinha sido para comnosco tão amavel e captivante? Pois já não tinhamos visto a propria opposição dar treguas ás suas rivalidades politicas para

nos levar em palacio os seus cumprimentos de despedida durante o baile que o governador nos offereceu ?

Mas... que haviamos de fazer? A fidalguia no maranhense faz parte da massa do sangue, como se costuma dizer, e os commerciantes são maranhenses.

Tambem no nosso serviço de hygiene a nota dominante foi a imparcialidade, e a ella devemos attribuir os applausos ao desempenho de nossa espinhosa missão.

Pudesse mesmo parecer que não tivessemos guardado aquella feição imparcial por que nos empenhavamos com o maior escrupulo — e ainda assim a fidalguia maranhense seria bastante grande para nos relevar as faltas.

Dessa mesma imparcialidade procuramos manter o cunho nestes nossos escriptos, e sem essa preoccupação teriam elles perdido todo o interesse.

Avenida Gomes de Castro

O Diario do Maranhão, conceituado orgam de 35 annos de publicação, assim como o *Federalista,* muito nos distinguiram e muito nos captivaram com suas amabilidades, como representantes que são da opinião publica da terra. A nossa imparcialidade não nos impediu, comtudo, de achar a imprensa maranhense um pouco mais partidaria do que o povo em cujo nome fala. E' um exemplo, e só a esse titulo fazemos agóra allusão ao caso.

E já que estamos nas impressões da partida lembremo-nos de que é tempo de finalizar o nosso despretencioso trabalho.

Fallemos, antes, das finanças do Maranhão.

Praça Odorico Mendes

FINANÇAS DO MARANHÃO. — EXERCICIOS LIQUIDOS. — Com a crise economica que flagella todo o paiz, o Maranhão lucta desde 1901 com grandes difficuldades financeiras. As rendas apuradas nesse anno e no seguinte ficaram abaixo das orçadas. Consequentemente, appareceram deficits, os vencimentos do funccionalismo ficaram atrazados e a divida fluctuante se avolumou.

Em 1901 a receita estadual não passou de rs., 2.137:005$000 quando havia sido calculada em mais pelo legislativo. Em 1902 subiu a 2.230:665$000 rs. contra uma despeza de 2.789:959$000 rs.; o que produziu um deficit de 567:994$000 rs. Dahi por diante não conhecemos o rumo que tomou.

Orçamentos — Os orçamentos dos tres ultimos annos foram os seguintes:

Annos	Receitas	Despezas
1904	2.351:128$000	2.341:001$000
1905	2.701:453$000	2.699:337$000
1906	2.942:900$000	2.938:373$000

Na receita orçada para 1905 eram estes os titulos mais interessantes:

Imposto de exportação	916.750$000
» » industrias e profissões .	505:000$000
» » consumo	675:000$000
» sobre vencimentos	137:403$550
» de transmissão de propriedade	85:000$000

Das verbas da despeza merecem especial menção:

Governo do Estado	40:300$000
Secretaria do governo	69:700$000
Assembléa legislativa	73:300$000
Hygiene e assistencia	250:000$000
Instrucção publica	364:280$000
Magistratura	426:460$000
Segurança publica	109:810$000
Força policial	533:270$000
Obras publicas	60:700$000
Serviço da divida	273:516$000

Divida — Em principios de 1905, estava dividida por esta fórma:

Fundada interna	1.220:600$000
Fluctuante	880:313$226
Total . . .	2.100:913$226

O Estado não tem divida externa.

Guardámos para fecho das nossas impressões sobre o Maranhão a mais grata ao nossso coração de brazileiros. E' justamente aquella, que por ser a mais profunda, mais tempo ficará gravada em nossa memoria e mais robustecerá a nossa confiança no futuro da patria: — referimo-nos á honestidade da sua administração e á tolerancia por parte da sua direcção politica.

Acostumados a julgar o Norte pelo que se ha escripto na imprensa politica e pelos telegrammas mais ou menos apaixonados que de lá nos vêm, faziamos da politica e da administração dos diversos Estados de que elle se compõe, idéa muito inferior ao que encontrámos no Maranhão.

A probidade do governo maranhense é tal, e tão meticulosa, que, de um membro prestigioso do directorio opposicionista, ouvimos esta phrase:

— A este governo podem-se negar todas as virtudes, menos a honestidade.

Nos homens de governo o receio de que sobre a sua repartição paire o minimo vislumbre de uma suspeita assume as proporções de uma verdadeira phobia.

A orientação politica e partidaria que preside aos destinos do Maranhão é dada, como aliás em todos os Estados da Republica, por um chefe unico e absoluto. Nesse ponto o Maranhão não se distingue dos seus irmãos do Norte e do Sul. Impera em todos os pormenores da sua direcção publica, administrativa e economica, a influencia incontestavel e incontestada do senador Benedicto Leite.

A differença que flagrantemente o separa dos outros Estados está na maneira de se fazer sentir essa influencia absoluta do chefe politico.

Dominado por um espirito excessivamente tolerante, o senador maranhense tem o criterio, o bom senso, e sobretudo a calma bastante para separar os

interesses do Estado dos da politica partidaria; e assim, na escolha dos auxiliares administrativos, na organização das diversas repartições, predomina a lei das competencias. E' o que se vê na instrucção publica, na hygiene, na magistratura, nas obras publicas, etc.

Bem sabemos que, em alguns Estados do Sul, o governo, tendo de nomear um profissional qualquer, não lhe vai perguntar por suas opiniões partidarias; nunca, porêm, seria o caso de dar o logar mais remunerado do Estado a um membro do directorio opposicionista, como o vimos no Maranhão.

Isto causa assombro, mas consola e anima...

O Maranhão está em bôas mãos e bem o merece.

Indice